

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LÍVIA BERNARDES ROBERGE

*STAND UP NOW, DIGGERS ALL: A EXPERIÊNCIA DIGGER NA INGLATERRA
REVOLUCIONÁRIA SEISCENTISTA (1648-1652).*

NITERÓI

2017

LÍVIA BERNARDES ROBERGE

***STAND UP NOW, DIGGERS ALL: A EXPERIÊNCIA DIGGER NA INGLATERRA
REVOLUCIONÁRIA SEISCENTISTA (1648-1652).***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História.
Área de concentração: História Cultural

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Carlos Soares

Niterói, RJ
2017

LÍVIA BERNARDES ROBERGE

***STAND UP NOW, DIGGERS ALL: A EXPERIÊNCIA DIGGER NA INGLATERRA
REVOLUCIONÁRIA SEISCENTISTA (1648-1652).***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História.
Área de concentração: História Cultural

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Soares – Orientador
UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Rodrigo Nunes Bentes Monteiro
UFF – Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Silvia Regina Liebel
UDESC – Univesidade do Estado de Santa Catarina

Niterói
2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

R638 Roberge, Livia Bernardes.

Stand up now, Diggers all: a experiência digger na Inglaterra revolucionária seiscentista (1648-1652) / Livia Bernardes Roberge. – 2017.

161 f. ; il.

Orientador: Luiz Carlos Soares.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2017.

Bibliografia: f. 156-161.

1. Diggers (radicais protestantes). 2. Guerra civil, 1642-1649.
3. Radicalismo. 4. Grã-Bretanha. I. Soares, Luiz Carlos.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Aos meus avós, Lígia e João Bernardes, dos quais herdei a paixão por lecionar e a sede de conhecimento; bem como à minha mãe, por seu apoio e incentivo absolutos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, professor Luiz Carlos Soares. Agradeço também ao professor Rodrigo Nunes Bentes Monteiro, por ter aceitado fazer parte tanto de minha banca de qualificação quanto de defesa. Ao professor Luís Filipe Silvério de Lima, cujo caloroso acolhimento em seu grupo de estudos suscitou um verdadeiro ponto de positiva ruptura em minha trajetória acadêmica. Sou igualmente grata por ter feito parte de minha banca de qualificação.

À professora Silvia Liebel, pelo constante incentivo e amparo, por ter aceitado fazer parte da banca de defesa e por ter se tornado um verdadeiro modelo de inspiração e admiração como modernista, historiadora, mulher e feminista. E por junto com o Vinícius e a Charlotte, proporcionarem-me tantos momentos de aprendizado, amizade e alegria. Muito obrigada.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por ter me concedido a bolsa de mestrado sem a qual esta pesquisa não teria sido possível.

Às professoras e professores de minha “universidade natal”, a UDESC: Cláudia Mortari, Rogério Rosa e Emerson Campos. E aos professores da UNISUL, Márcio Voigt, Rogério Santos da Costa e Gustavo Gouvêa Villar.

Aos colegas da UFF, Rennan, Daniel, Gustavo, Verônica e João. E àqueles que foram minha (muito amada) família em Niterói: Jéssyka, Agda, Paulo e Nathália. Obrigada por todos os incríveis momentos que passamos juntos.

À minha afilhada, Ana, por ter proporcionado momentos de amor, alegria e leveza em meio a um processo que é tão frequentemente marcado pelo estresse.

Ao Fábio e ao Lucas, pela amizade, amor e carinho - e por termos enfrentado juntos este processo maravilhosamente insano e desgastante que é o mestrado, e por termos ousado seguir os caminhos acadêmicos que despertam nossas paixões.

Aos meus incríveis amigos, que foram compreensíveis com minhas frequentes ausências durante os últimos dois anos, e que sempre foram uma fonte de apoio incondicional: Betina, Charlise, Andreza, Lara, Beatriz, Érica, Maria Eduarda, Makauli, Rodrigo, Michereff, Marcela, Vini, Lipi, Kathryn, Vivek, Fabio, Michael, Murilo, Lucas, Mayra, Coltre, Guilherme, Débora, Caio, Vinícius, Kauê, Paloa, Fernanda, Baccin, Indiamara, Felícia, Rovaris, Daniel, Roberto, Philip, Cristina, Marina, Jéssica, Manuela, Kadu, Carol, Oliveira, Cássia, Marcelo, Larissa, Virgínia, Silvana, Thiaguinho, Binho, Pedro e Kelly; por ter superado o episódio do pão de queijo.

Bem como aos membros da minha família que acompanharam direta e indiretamente este processo: Tia Lica, Tia Dena, Tia Lene, Letícia, Tia Duda, Tio Beto, Arthur, Tia Tereza, Henrique, Isabella, Fátima, Tia Mariquinha, Tio Chiquinho, Tio Zeca, Felipe, Gisele, Tio Albano, Patrícia, Albaninho, Carina, Tia Mira, Tia Lígia Belli, Débora, André, e Robert. Agradeço também, de forma muito especial, à professora Pedrinha Cardoso, por ter sido parte essencial de meu desenvolvimento intelectual. Muito obrigada!

Aos colegas do grupo de estudos, Mayumi, Patrícia, Jota, Talita, Bruno, e um agradecimento muito especial à Verônica, que me ajudou de forma imensurável ao me conceder acesso à sua “mina de ouro”.

À Gabriela, Gleidiane, Lídia, Nathália Boni, Mariana, Nathalix e Júlia, pelo amor e pela inabalável resistência.

À Nana, Mari, Thiago e Thomas, por terem me proporcionado os mais incríveis momentos de felicidade do outro lado do globo.

Agradeço à minha irmã Cláudia, por ser a melhor pessoa que existe no mundo, pelo seu amor, apoio e compreensão, mesmo nos momentos mais difíceis. E à Nala, por ter me ensinado uma nova forma de amor. Ao meu pai, Fernando, que eu sei que de onde estiver, está acompanhando minha trajetória e se orgulhando – ainda que não seja em Relações Internacionais...

Ao meu companheiro, João, por ter ficado ao meu lado durante este processo que também não foi fácil para ele. Por ter lidado com minhas frustrações, ausências e alterações de humor sempre com muita paciência e carinho. Por me fazer sentir amada e principalmente, livre.

E por fim, à pessoa indubitavelmente mais importante de todo este processo, minha mãe, Márcia. Obrigada por se interessar, por apoiar incondicionalmente, por nunca me permitir desistir de meus sonhos. Você é a única pessoa do mundo que sabe de verdade o que significa, para mim, ser hoje uma historiadora que desenvolveu uma pesquisa sobre a Inglaterra. Você é a melhor mãe do mundo, e eu sei que sou absurdamente privilegiada por ter uma mãe que se empolga, interessa, apoia e tem orgulho por eu ter escolhido seguir o caminho de Clio. Eu te amo mãe.

“Your houses they pull down to fright poor men in town,
but the gentry must come down, and the poor shall wear
the crown. Stand up now, Diggers all”. *The Diggers’
Song*, 1649. Autoria desconhecida.

RESUMO

Durante o período denominado Revolução Inglesa (1640-1660), houve o surgimento de uma série de grupos e seitas político-religiosas que influenciaram este contexto de diversas maneiras. Dentre tais grupos, os Diggers possuíram uma atuação fortemente marcada por questões relacionadas à ideia de propriedade de terra, demandando, por exemplo, o direito de cultivo das terras comunais pelas pessoas comuns e o fim da política de cercamentos. A partir de um posicionamento crítico frente à habitual centralização do movimento na figura de Gerrard Winstanley por grande parte da historiografia, procura-se compreender os Diggers como havendo tido uma atuação coletiva, entre os anos de 1649 e 1650, utilizando como fontes panfletos publicados entre 1648 e 1652. A partir da formulação de questionamentos a respeito da construção da sua identidade enquanto grupo e da forma como atuavam, procurar-se-á determinar de que maneira a atuação Digger é mais adequadamente compreendida historicamente dentro deste contexto, e de que forma eles podem ser caracterizados como radicais.

Palavras-chave: Diggers; Revolução Inglesa; Radicalismo; Inglaterra.

ABSTRACT

During the period known as the English Revolution (1640-1660), several political and religious groups emerged, influencing this context in several ways. Among these groups, the Diggers acted on a series of issues related to the idea of land ownership, demanding, for example, the right of communal land cultivation and the end of the enclosures policy. Adopting a critical perspective on the tendency of several historians of centralizing the analysis of this movement in Gerrard Winstanley, our aim is to understand the Diggers as a group, using pamphlets published by them between 1648 and 1652 as primary sources. Questioning the construction of their identity as a collectivity, as well as drawing inquiries on their performances, we will look for the most appropriate historical way of understanding the Diggers and their radicalism.

Keywords: Diggers; English Revolution; Radicalism; England.

Lista de Figuras

Figura 1 - Exemplo de processo de cercamento de uma vila, XVII-XVIII.....	29
Figura 2 - Porcentagem de área cercada da Inglaterra entre 1550 e 1914.....	31
Figura 3 - 1ª página da carta de Gilbert Talbot, 2 de junho de 1607.....	35
Figura 4 - Segunda Proclamação Real sobre a Revolta das Midlands, 1607.	37
Figura 5 - “The Diggers of Warwickshire to all other Diggers”, 1607.	39
Figura 6 - Relação do volume de produção literária impressa por ano na Inglaterra.....	71
Figura 7 - “A Declaration from the Poor oppressed People of England”, 1649.	75
Figura 8 - “A Declaration of the Diggers of Wellingborough”, 1649.....	76
Figura 9 - Mapa representando a Inglaterra e o País de Gales entre os anos 1642 e 1651.....	107

Lista de Tabelas

Tabela 1: Levantamento de Fontes	83
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 - OS DIGGERS NA INGLATERRA SEISCENTISTA	22
1.1 – O SÉCULO DAS REVOLUÇÕES E SUAS MARCAS NA TERRA.	23
1.2 - A CONSTRUÇÃO DO “POVO POBRE E OPRIMIDO DA INGLATERRA”. 33	
1.3 - PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE OS DIGGERS.	57
2 - “EU ESCREVI, EU AGI, EU TENHO PAZ”	66
2.1 - LITERATURA E REVOLUÇÃO.....	66
2.2 – OS DIGGERS ATRAVÉS DE SEUS PANFLETOS.....	78
2.3 – OCUPAÇÕES E A IDEIA DE “AÇÃO”.....	102
3 – INTERPRETAÇÕES E CARACTERIZAÇÕES DA EXPERIÊNCIA DIGGER ..	116
3.1 - DEMANDAS E IDEALIZAÇÕES.....	117
3.2 - RADICAIS E RADICALISMOS EM PERSPECTIVA	127
3.3 - CARACTERIZANDO UM PROJETO DIGGER.....	132
CONCLUSÃO	141
ANEXOS	145
FONTES	157
REFERÊNCIAS	158

INTRODUÇÃO

No século XVII, a Inglaterra vivia um contexto de profunda ebulição política e intelectual. Com a Reforma caminhando desde o XVI¹, acarretando uma série de mudanças nas mais variadas frentes (como, por exemplo, o advento do acesso à Bíblia em língua dita vulgar). Além do aumento da expansão da política de cercamentos e despovoamento através do campo inglês, e do crescente tensionamento entre a Coroa e o Parlamento, tem-se um contexto que se caracteriza pela acentuada mudança em diversos âmbitos das estruturas, das ordens sociais, das mentalidades e dos imaginários sociais destas sociedades e indivíduos modernos.

Com a eclosão da primeira Guerra Civil Inglesa em 1642, o que antes eram conflitos entre as duas principais instituições políticas inglesas (notadamente, Coroa e Parlamento), agora passam a caracterizar um conflito generalizado. Os embates entre Charles I e o Parlamento tinham naturezas diversas que se entrecruzavam e sobrepunham, promovendo intersecções nos âmbitos econômico, social e político, caracterizando um período extremamente fértil para novas reflexões, formulações e críticas sobre a estruturação da sociedade inglesa, partindo de indivíduos e grupos das mais variadas características socioeconômicas, culturais e políticas.

Um dos grupos a tomarem forma neste contexto é o dos Diggers, cuja atuação se desenvolvera entre os anos de 1649 e 1652, havendo sido, em termos muito gerais, cristãos anticlericais que criticavam a existência da terra enquanto propriedade e clamavam ser a vontade de Deus que todas as pessoas pudessem desfrutar da terra em posição de igualdade; configurando-se no objeto de estudo da presente pesquisa. Ao evidenciarmos que, ao longo da

¹ Henrique VIII rompeu oficialmente com a Igreja Católica Romana entre os anos de 1532 e 1534, dando assim início à Reforma Inglesa.

história, este grupo passou por uma série de apropriações e interpretações diversas no que se refere à compreensão e caracterizações dos anseios que o movia a tomar ação no contexto da **Revolução**, bem como de suas próprias ações. Pode-se considerar Christopher Hill e David Patergorsky, historiadores marxistas ingleses, responsáveis pela popularização e difusão dos estudos sobre os Diggers dentre a historiografia contemporânea. Quer através de concordâncias com as postulações destes historiadores a respeito do grupo, quer por conta de críticas profundas à abordagem destes, pautada em preceitos como o de classe e atuação secularizada, evidenciou-se uma profusão de interpretações orientadas pela busca de “compreendê-los”.

Dentro das disputas entre, de modo geral, marxistas, revisionistas e pós-revisionistas, percebeu-se que um dos principais pontos de divergência e embate parece ser entre a caracterização dos Diggers e de suas atuações. Varia em sua abordagem, por parte dos últimos, como havendo sido um grupo orientado exclusivamente por pressupostos religiosos, o que, dentro destas análises, por vezes parece intentar despi-los de qualquer possibilidade de formulação de críticas e proposições de caráter político, social, e mesmo material, sentimento este corroborado pelo cientista político Geoff Kennedy (KENNEDY, 2006). Por outro lado, as análises dos primeiros, ao atribuir aos Diggers uma ideia de “classe popular”, alocando-os, por vezes, dentro de uma tradição comunista, e os analisando em termos quase exclusivamente estruturais, produziram uma série de reducionismos que falham em justamente conseguir captar as diversas e complexas dimensões da atuação de um grupo deste tipo dentro do contexto que viviam.

Trazendo as perspectivas metodológicas de Quentin Skinner e sua crítica acerca da postura de interpretação sobre tratados políticos históricos como sendo, de certa forma, “autossuficientes” (SKINNER, 2002: 79), crê-se que a análise histórica que procura compreender uma dada experiência ou a agência de um dado sujeito deve sempre manter

evidente a relação que se estabelece entre estes atores históricos e os contextos dentro dos quais atuam. A partir da denotação da devida relevância de se relacionar a obra ao contexto dentro do qual o(s) autor(es) a(s) produz(em), torna-se possível pensar esta mesma obra de forma mais ampla e consideravelmente mais complexa, apontando possibilidades de leitura da mesma que a enxergam como simultaneamente influenciando e sendo influenciada pelo contexto no qual era produzida. Não apenas no que se refere aos artifícios de linguagem empregados no texto, como também para a produção e a publicação do texto em si, formulando, portanto, potencialidades de interpretação do conjunto de ações e questões que formam a obra e a situam em seu meio contextual.

[...] se quisermos entender tais textos, devemos ser capazes de dar conta não apenas do significado do que foi dito, mas também do que o escritor em questão pode ter intentado ao dizer o que foi dito. Um estudo que se concentra exclusivamente no que um escritor *disse* sobre alguma doutrina dada não só será inadequado, mas pode em alguns casos ser positivamente enganador como um guia para o que o escritor em questão pode ter pretendido ou significado². (SKINNER, 2002: 79).

Dessa forma, pensando a obra sempre relacionada ao contexto, e não como algo completo e fechado em si mesmo, pode-se formular uma interpretação acerca das motivações que levaram personagens como os Diggers à tomada de ação em meio à Revolução Inglesa (bem como da razão pela escolha por tipos de ação específicos), sem cair em anacronismos e falácias historiográficas. Pensando, então, a questão da ambientação, aborda-se, a partir das visões de Ellen Wood e Geoff Kennedy, o que se pensa caracterizar uma construção paulatina de uma lógica de capitalismo agrário sobre o campo inglês, que, por sua vez, pode ser compreendido como uma das causas para inúmeras revoltas que marcaram o XVII (como as

² No original: “[...] if we wish to understand any such text, we must be able to give an account not merely of the meaning of what was said, but also of what the writer in question may have meant by saying what was said. A study that focuses exclusively on what a writer *said* about some given doctrine will not only be inadequate, but may in some cases be positively misleading as a guide to what the writer in question may have intended or meant”. Tradução da autora.

Midland Revolts de 1607), tal como os adventos da própria Revolução Inglesa e, em partes, para a própria atuação Digger.

Além disso, busca-se no sociólogo Anthony Giddens a oposição à ideia de que “agência” e “estrutura” são categorias mutuamente excludentes, dando lugar à interpretação de que estas operam, na verdade, de forma interconectada (GIDDENS, 1979: 62). Dessa forma, faz-se possível compreender os Diggers como atuantes dentro de certo contexto, e sofrendo influências da operação de estruturas sociais sobre eles (gênero, hierarquia, etc.), ao passo em que eles também, através de suas agências, atuarão de forma a tentar alterar tais estruturas, como por exemplo, a das hierarquias sociais, às quais se opõem no âmbito econômico.

Outra problemática, presente nas análises dos historiadores que se propõem a analisar os Diggers, é aquela da centralização destas de forma quase exclusiva e biográfica na figura de Gerrard Winstanley. O problema que aqui se aborda não é tanto a das análises de Winstanley em si visto que ele, de fato, foi uma figura importantíssima para o desenvolvimento dos Diggers. O que torna tal característica passível de ser encarada como um problema é quando se alinham as ideias “compreender a trajetória Digger” com exclusivamente “compreender a trajetória de Winstanley”, ou ainda quando há uma proposta da abordagem dos panfletos e atuações Diggers, porém tal análise nem reconhece a existência de outras colônias e escritos Diggers para além daqueles produzidos pelo grupo onde Winstanley atuara. Inclusive, uma das mais marcantes características Digger foi a da evocação constante de uma ideia de “coletividade”, de um verdadeiro “corpo social” formado por vários sujeitos, que assim atuam no formato de uma agência coletiva.

De modo não só a evitar esta postura individualizadora, mas também como forma de compreender o que, afinal, “Digger” representa neste contexto, busca-se proporcionar uma análise que reconheça, portanto, a dimensão das construções e disputas de representação que

permeiam o mundo simbólico e material e, conseqüentemente, o imaginário social, partindo dos pressupostos de Roger Chartier, Carlo Ginzburg e Reinhart Koselleck para tanto.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa girou em torno do questionamento acerca de como os Diggers, através da análise conjunta de suas diferentes formas de atuação, podem ser compreendidos dentro do contexto da Revolução Inglesa. Perguntamo-nos se o conjunto de suas atuações contém uma ideia, um objetivo, que se encontra mais próxima de uma idealização de uma estruturação social passada, sempre partindo da questão envolvendo a terra, por evidenciar-se a centralidade desta nas questões trazidas pelos Diggers. Ou ainda, se eles não provém com meios de identificar em seu projeto uma efetiva proposta de reestruturação social – ainda que não infligisse mudanças em absolutamente todos os setores da sociedade, como por exemplo, as relações de gênero³ -, de uma lógica de revolução, para além do já estabelecido impulso de resistência, sempre mantendo em mente as possibilidades de se compreender o que caracterizaria uma mudança estrutural para a mentalidade do XVII.

Para propor uma resposta a este questionamento, de modo a contemplar as problemáticas apresentadas previamente, foram estabelecidos objetivos específicos, como por exemplo, a compreensão de Digger como havendo sido uma forma de representação e, conseqüentemente, explorar de quais formas esta foi construída a partir dos Diggers e daqueles que falaram sobre eles. Para tanto, recorreu-se a algumas outras fontes primárias auxiliares, como dicionários dos séculos XVII, XVIII e XXI, relatos oficiais sobre os Diggers nos *Clarke Papers*, além de fontes primárias sobre as *Midland Revolts*, de modo a investigar e caracterizar uma relação estabelecida no imaginário social entre os acontecimentos de 1607 e 1649. Além disso, procurou-se compreender os Diggers através da ideia de coletividade, de uma agência coletiva, para evitar cair em análises personalistas.

³ Parte-se do pressuposto, nesta investigação, que não devemos procurar identificar ideias de revolução ou reestruturação social e política a partir de questões que nos são caras na atualidade, mas sim procurando compreender estes embates a partir da lógica de seus próprios tempos, de modo a não se cair nas mitologias, criticadas por Skinner, provenientes de análises desse tipo (SKINNER, 2002: 72).

Outro objetivo foi o da compreensão acerca da atuação Digger, pois só assim poderia-se caracterizá-la dentro do questionamento principal que norteia o trabalho. Então primeiramente foi realizado uma ambientação com o contexto que possibilitou o surgimento das fontes panfletárias trabalhadas, entendendo o lugar que estas ocuparam dentro dos embates escritos que permearam a Revolução Inglesa. Demonstrar-se-á de que forma os Diggers podem ser compreendidos como resultado de uma luta de representações. Em seguida, ao evidenciar que em seus panfletos os Diggers estabelecem e enfatizam uma tripla divisão de frentes de atuação – entre disseminação oral, escrita, e tomada de ação (na forma das ocupações) –, procurou-se entender de que forma cada uma destas se davam e as justificativas para as mesmas, tentando compreender, simultaneamente, de que forma desenvolviam suas ideias e posicionamentos, ao passo em que construía sua identidade coletiva, sobretudo através da formação de oposições a instituições como o Parlamento e a Igreja. A partir disso, objetivou-se também identificar qual seria a questão central trazida pelos Diggers, em torno da qual seus demais posicionamentos e atuações se desenrolaram.

Outra questão surgiu a respeito da ideia de radicalismo. Desde o início do século XX, mais especificamente, incontáveis foram os trabalhos que se propuseram a versar sobre os “radicais” que atuaram na Revolução Inglesa. Entretanto, constata-se que as definições para a ideia de o que implicaria ser um radical dentro deste contexto variaram largamente de autor para autor. Com os Diggers sendo recorrentemente colocados dentro de certa “tradição radical”, de maneiras extremamente diversas (desde a concepção de “radical” como sendo uma caracterização intimamente relacionada a uma ideia de agência de classe popular que se caracteriza por ideias atualmente associadas a uma ideologia de esquerda; até a procura pela absoluta destituição política que tal termo poderia acarretar para o caso deles, caracterizando-os como radicais religiosos de modo profundamente apolítico, sem a possibilidade de formulação de compreensões acerca da estrutura social dentro da qual existiam, e, muito

menos, de procurarem alterá-la). Portanto, procurou-se também estabelecer uma compreensão da ideia de radicalismo e demonstrar de que forma os Diggers podem ou não ser compreendidos como radicais dentro do ponto de vista desta pesquisa. Para tanto, os trabalhos de Nicholas McDowell, Ariel Hessayon e Geoff Kennedy foram de vital importância.

Esta análise investigativa se baseia em 24 documentos, entre panfletos e *broad-sides*, cujas autorias são atribuídas aos Diggers. Na análise de elementos característicos de fontes literárias, como por exemplo, a questão da autoria e a natureza da literatura panfletária em si, foram utilizados autores como Roger Chartier, Joad Raymond, Nigel Smith e Sharon Achinstein. Este levantamento foi realizado a partir do estudo de edições que se propõem a compilar os panfletos de Gerrard Winstanley, como a de George Sabine⁴, Christopher Hill⁵ e, mais recentemente, a editada por Thomas Corns, Ann Hughes e David Loewenstein⁶. Infelizmente, teve-se acesso completo somente à edição compilada por Hill. Mas a partir do cruzamento dos documentos levantados por cada uma destas edições, juntamente com o processo de levantamento de fontes realizado na *Early English Books Online* (EEBO) – base de dados *online* que disponibiliza parte do acervo da British Library, dentre eles, a coleção *Thomason Tracts*, onde estão preservados a maioria dos panfletos Diggers dos quais se tem conhecimento⁷ – pode-se, a partir disso, elaborar a amostragem de fontes sobre a qual esta pesquisa se pauta. Chegou-se à amostragem final destes 24 panfletos através de análise de características tais como: editor, autoria, ano de publicação e conteúdo. Ou seja, a partir do cruzamento entre levantamentos prévios de outros autores, juntamente com análise da base de

⁴ SABINE, George H. (ed.). **The Works of Gerrard Winstanley**. New York: Russell & Russell, 1965.

⁵ HILL, Christopher (ed.). **Winstanley: ‘The Law of Freedom’ and other Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁶ CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley, Vol. 2**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

⁷ Dois dos panfletos utilizados como fontes para a pesquisa foram adquiridos através da revista *Past & Present*, publicados por Keith Thomas (THOMAS, Keith. “Another Digger Broadside”. **Past and Present**, Oxford, n° 42, p. 57-68, 1969) e G. E. Aylmer (AYLMER, G. E.; WINSTANLEY, Gerrard. “England’s Spirit Unfolded, or an Encouragement to take the Engagement: a newly discovered pamphlet”. **Past and Present**, Oxford, n° 40, p. 3-15, 1968).

dados, utilizou-se panfletos que podem ser considerados como provenientes de grupos que apresentavam atuações passíveis de serem estabelecidas relações entre si.

Por fim, talvez um questionamento que paira no ar seja “o que leva uma historiadora brasileira a indagar-se acerca dos acontecimentos que marcaram a Inglaterra do século XVII? Qual a relevância de uma produção acadêmica desta natureza para o contexto historiográfico brasileiro?”. A princípio, pensava-se que a resposta para tal confabulação deveria ser óbvia, porém após dois anos de pesquisa, durante os quais questionamentos desta natureza surgiram a partir de diversos sujeitos – sobretudo dentre professores e colegas de profissão – chega-se à conclusão que mais uma vez deve ser realizada uma breve, porém enfática, defesa acerca da relevância de narrativas únicas, “histórias únicas”, serem quebradas a partir não apenas da concessão de análises teóricas diversas, mas também a partir de sujeitos provenientes de contextos culturais diversos, já que, tal como proferido em certa ocasião pelo professor Rodrigo Bentes Monteiro, “o olhar do estrangeiro por vezes enxerga nuances e questões que passam despercebidas aos historiadores conterrâneos das temáticas sobre as quais versam”.

Julga-se relevante, portanto, que historiadores brasileiros também se engajem em debates acerca de temáticas consideradas “clássicas” da história não só nacional, mas também mundial, e, sobretudo, daquela história feita pelo que ainda hoje pode ser enxergado como “o hemisfério dominante”. A subversão de culturas e análises históricas se dá, também, através desta inversão norte – sul, exercitando-nos para julgarmos tão relevante haver historiadores brasileiros versando sobre tais assuntos dentro da historiografia destes países, da mesma forma que julgamos relevantes ingleses, estadunidenses e franceses que se propõem a fazer o mesmo ao versarem sobre nós, o “sul”, intitulado-se “brasilianistas”, “egiptologistas” ou “americanistas”.

1 - OS DIGGERS NA INGLATERRA SEISCENTISTA

Neste primeiro momento, procurar-se-á compreender os Diggers como consequência de um determinado contexto de mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas que permeavam a Inglaterra seiscentista, com especial atenção ao contexto do campo inglês – espaço essencial de atuação de nosso objeto.

Entende-se os Diggers como uma experiência de atuação coletiva que surge intimamente - ainda que não exclusivamente - entrelaçada a uma tradição de enfrentamento por parte de setores da sociedade frente às políticas de “melhoramento” do campo na Inglaterra. Demonstrar-se-á de que maneira é possível compreendê-los como diretamente envolvidos em lutas de representação acerca dos significados e caracterizações das ações que tomavam, destilando assim algo que é passível de ser compreendido como uma determinada identidade coletiva, abarcando sujeitos provenientes das mais diversas trajetórias, unidos pelo apelo a imaginários específicos relativos a questões como natureza da propriedade, hierarquia social, cristianismo anticlerical e reflexões sobre o futuro. O que, conseqüentemente, os leva a entrar para a história como havendo sido um dos muitos grupos que não se aliavam diretamente nem aos parlamentaristas e nem aos regalistas, e que de alguma forma tomaram parte em ações que marcaram os percursos da Revolução Inglesa (1640-1660).

Por fim, realiza-se um levantamento historiográfico sobre as diferentes formas que os Diggers e suas atuações foram interpretados e apropriados ao longo da história da historiografia, partindo-se, sobretudo, de Christopher Hill e David Petegorsky, que efetivamente transformam os Diggers em objeto, até considerações e reapropriações mais recentes, como aquelas de Ariel Hessayon, Geoff Kennedy, John Gurney e James Holstun.

1.1 – O SÉCULO DAS REVOLUÇÕES E SUAS MARCAS NA TERRA.

No dia 1º de abril de 1649, um grupo atrai, por um breve período de tempo, a atenção das autoridades encarregadas da manutenção da ordem, dentro da recém-criada *Commonwealth* de Oliver Cromwell, para a região de Walton-on-Thames, no condado de Surrey. Mais especificamente, para a Colina de São Jorge (*Saint George's Hill*), ou simplesmente “Colina de Jorge” (*George's Hill*), segundo referido grupo. Alguns habitantes locais denunciavam às autoridades atos que consideravam ilícitos e danosos, caracterizados por um aglomerado de pessoas que haviam se colocado a revolver e semear a terra desta localidade, sem que esta fosse de sua propriedade (CLARKE, 1649, vol. 2). Outro grupo, em contraposição, alegava que a terra havia sido criada por Deus para ser um tesouro comum para toda a humanidade, e que aqueles que se declaravam proprietários de terra estavam cometendo um pecado e uma ofensa ao Criador (EVERRARD et al, 1649. In: HILL, 2006: 79).

Alguns dos mais conhecidos trabalhos acadêmicos que versam a respeito da temática dos Diggers iniciam com o relato do acontecimento mencionado acima⁸. Ou, pelo menos, colocam-no em posição de evidência, como havendo marcado o “surgimento” dos Diggers no contexto político inglês. Uma opção bastante lógica, provavelmente norteadada pelo fato do episódio da ocupação da Colina de São Jorge ter sido a primeira grande ocupação a ser compreendida como Digger dentro do contexto da Revolução Inglesa, havendo envolvido diretamente a figura de Gerrard Winstanley, um dos mais conhecidos e popularizados partidários do grupo. Além disso, este acontecimento gerou um amplo processo judicial

⁸ Como são os casos de John Gurney (GURNEY, 2007) e do próprio Christopher Hill (HILL, 1987), por exemplo.

devido aos mandados de prisão emitidos para três participantes⁹ da ocupação, acusados de invasão, e cuja documentação a respeito encontra-se parcialmente preservada.

Entretanto, de modo a se compreender os fenômenos performados pelos Diggers, e também os a eles relacionados, durante o período da **Revolução Inglesa**¹⁰, necessita-se pontuar algumas questões e, sobretudo, recuar ainda mais um pouco no tempo. É necessário, por exemplo, manter em mente que, tal como qualquer manifestação social, política ou cultural, os Diggers não meramente “surtem” em 1649 com a ocupação da Colina de São Jorge, de forma análoga a uma “geração espontânea” social. De modo a trabalhá-los de forma perspicaz, é preciso compreendê-los dentro de um determinado contexto de sucessivas mudanças no modo como os indivíduos e a sociedade enxergavam e lidavam não somente com a terra e a ideia de propriedade em si, mas também com as relações sociais envolvendo trabalho, comunidade, religião, autoridade, institucionalidade clerical e progresso, por exemplo.

Desde meados do século XV, a Inglaterra vinha sofrendo uma série de alterações estruturais que afetavam diretamente o modo como as relações sociais e políticas operavam. A ruptura com a Igreja Católica e o conseguinte estabelecimento de uma nova instituição religiosa com a Igreja Anglicana caracteriza uma concentração ainda maior de poderes nas mãos do monarca.

Nesse sentido, a Reforma Religiosa acarretara “implicações que ultrapassam as mudanças institucionais eclesiásticas no século XVI, relacionando-se também a aspectos culturais, econômicos e de poder vividos na Europa” (MONTEIRO, 2007: 132). Observa-se, além disso, o acirramento das rupturas com o modelo feudal de operação econômica, o impacto cultural da popularização da prensa de Gutenberg e o aumento gradual da subjugação

⁹ Afirma-se que Henry Bickerstaffe, Thomas Star e Gerrard Winstanley foram presos na ocasião da ocupação da Colina de São Jorge. (WINSTANLEY, 1649. In: HILL, 2006: 130).

¹⁰ Considerando-a entre os anos de 1640 e 1660, englobando, portanto, as duas Guerras Cívicas, a *Commonwealth*, o Protetorado e, finalmente, a Restauração Monárquica.

da Coroa ao Parlamento, marcando um período decisivamente com rupturas e construções de novas ordens, podendo-se dizer assim, de algumas “revoluções”.

De forma mais específica, o século XVII aglomera, no caso da Inglaterra, um conjunto de acontecimentos transformadores da sociedade inglesa de maneira bastante particular: tem-se o aumento considerável das políticas de cercamento, um regicídio, a instauração de uma breve República, uma restauração de uma dinastia real, a proliferação de seitas protestantes de características distintas, e a deposição de um monarca em detrimento de outro. Logo, não é por menos que este conturbado século receberá a alcunha de “O Século das Revoluções” por parte do historiador Christopher Hill¹¹, responsável pela publicação de inúmeros trabalhos acerca do período.

Nos documentos oficiais que trataram da ocasião da ocupação da Colina de São Jorge, como os diários de ofícios de William Clarke¹², nota-se simultaneamente um desdém pelo ocorrido e pelos indivíduos ali envolvidos, bem como certa inquietação com possíveis projetos, e, sobretudo, influências, que aquilo acontecendo ali¹³ poderia porventura desencadear. Conforme se evidencia no extrato a seguir, de uma carta datada de 16 de Abril endereçada ao General Fairfax, de autoria de John Bradshaw em nome do Conselho de Cobham, do qual era presidente. Nela, ele relata em tom de denúncia as atividades dos Diggers na Colina de São Jorge e “recomenda” que a cavalaria seja enviada para dispersar o grupo:

[...] apesar de sua alegação para estarem lá parecer muito ridícula, ainda assim a confluência de pessoas pode ser um início para que coisas maiores e

¹¹ HILL, Christopher. **O Século das Revoluções, 1603-1714**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

¹² Conhecidos como “*Clarke Papers*”, esta coleção é uma das mais conhecidas e relevantes coletâneas de fontes primárias sobre o período das Guerras Civis Inglesas. Dispostos em quatro volumes, estão inteiramente disponíveis *online*. Mais informações podem ser encontradas em: “Sir William Clarke. **The Clarke Papers, selections from the Papers of William Clarke, 4 vols.** [<http://oll.libertyfund.org/titles/clarke-the-clarke-papers-selections-from-the-papers-of-william-clarke-4-vols>]. Acessado em: 30/11/2016.

¹³ “[...] começaram a cavar naquela parte da Colina perto de Campe Close, e semeiam a terra com chirívias, cenouras e feijões [...]”. No original: “[...] began to digge on that side the Hill next to Campe Close, and sowed the ground with parsenipps, and carretts, and beans [...]”. Tradução da autora. In: *ibidem*.

de consequências mais perigosas cresçam, atrapalhando a paz e calma da *Commonwealth*¹⁴. (CLARKE, 1649, vol. 2)

Em seguida¹⁵, outro relato é endereçado a Fairfax, por parte de Henry Sanders, oficial também ligado à manutenção da ordem e autoridade locais de Walton, sobre as ações que se desenrolavam na Colina. Neste relato, o tom com o qual as atividades são descritas é consideravelmente mais alarmante:

Eles ameaçam destruir e nivelar todas as terras cercadas, abrindo-as, e têm a intenção de em breve nelas começarem plantações. Eles alegam que serão quatro ou cinco mil nos próximos 10 dias, e ameaçam os moradores vizinhos, dizendo que os farão subir as colinas e trabalhar, e avisam para que estes não deixem seus rebanhos chegarem perto de suas plantações, pois se isso acontecer cortarão as patas dos animais. Teme-se que eles tenham algum projeto em mente¹⁶. (CLARKE, 1649, vol. 2)

Para John Gurney, historiador aclamado pela vasta investigação arquivística sobre os Diggers e aqueles de alguma maneira relacionados a eles, o temor deste relato de Sanders está intimamente ligado à posição ocupada por ele dentro da paróquia de Walton-on-Thames:

O relato de Sanders sobre o ocorrido refletiu as preocupações de um oficial do Estado de baixa patente encarregado da manutenção da ordem local, mas também mostrou o quanto os habitantes locais podiam temer as consequências da chegada dos Diggers na sua comunidade. Conforme colocado por Sanders, o número de Diggers vinha aumentando consideravelmente durante as primeiras semanas de Abril, e esperava-se que crescesse ainda mais. Eles haviam também começado a incendiar as charnecas, queimando ao menos dez acres destas, “o que era de um grande prejuízo para a Cidade”¹⁷. (GURNEY, In: BRADSTOCK, 2013: 73).

¹⁴ No original: “[...] although the pretence of their being there by them avowed may seeme very ridiculous, yett that conflux of people may bee a beginning whence thinges of a greater and more dangerous consequence may grow, to the disturbance of the peace and quiett of the Commonwealth”. Tradução da autora. Disponível em: CLARKE, Sir William. **The Clarke Papers. Selections from the Papers of William Clarke, 1647-1649**. Vol. 2. Disponível em: [http://oll.libertyfund.org/titles/1985#lf0617-02_head_099], acessado em: 10/01/2017.

¹⁵ Consta a mesma data, 16 de abril, para esta carta nos *Clarke Papers*.

¹⁶ No original: “They doe threaten to pull downe and levell all parke pales, and lay open, and intend to plant there very shortly. They give out, they will bee four or five thousand within 10 dayes, and threaten the neighbouring people there, that they will make them all come uppe to the hills and worke, and forwarne them suffering their cattell to come neere the plantation, if they doe they will cutt their legges off. Itt is feared they have some designe in hand”. Tradução da autora. Disponível em: idem.

¹⁷ No original: “Sanders’ report on the digging reflected the concerns of a minor state official charged with maintaining order locally, but it also showed the extent to which local inhabitants might fear the consequences for their community of the arrival of the Diggers. As Sanders pointed out, the Diggers’ numbers were increasing

Apesar do relato seguinte (de 19 de Abril, enviado pelo capitão John Gladman, que fora encaminhado por Fairfax para averiguar a situação)¹⁸ ter corroborado a ideia inicial de que o que ali acontecia era absolutamente irrelevante – ou mesmo insano -, ainda assim a situação é encarada como sendo necessária de dispersão e dissolução, ainda que sem a utilização de forças oficiais da *Commonwealth* para tanto. Logo, evidencia-se uma inquietação que parece estar atrelada à natureza prática das atividades ali desempenhadas – o cultivo de uma parcela de terra que não pertencia legalmente àqueles que o faziam.

Tal como dito anteriormente, no século XVII teve-se um aumento considerável (WORDIE, 1983) de duas políticas que bastante se relacionavam, e que vão de encontro com estes “incômodos” causados pelos Diggers (e que são importantes para se compreender, em partes, o que gerou este fenômeno social em si). Estas foram as políticas de cercamento (*enclosures*) e despovoamento (*depopulation*). Elas se encontram dentro de uma esfera maior de gradual e substancial mudança da cultura agrícola inglesa de uma lógica feudal em prol de um sistema de capitalismo agrário (KENNEDY, 2008: 61). Tal mudança passa, por exemplo, por questões como o favorecimento do uso da terra para criação de ovinos em detrimento do cultivo agrário, a suplementação dos costumes pela *Common Law*, a mudança nas relações de propriedade e trabalho, e o fortalecimento de ideias tais como a do pagamento de aluguéis por parte de arrendatários e de trabalho assalariado (HOLSTUN, 2000: 378).

Conforme defendido por Ellen Wood, tais transformações podem ser entendidas dentro de um contexto mais amplo de início de construção de uma lógica capitalista de mundo, inserindo fatores anteriormente não tão relevantes – e por vezes até mesmo inexistentes -, como, por exemplo, a ideia de lucro e a centralidade na ideia de melhoramento.

Por “melhoramento”, parte-se da ideia corroborada por Wood:

steadily in the early weeks of April, and were expected to rise still further. They had also started firing the heath, burning at least ten acres of it, ‘which is a very great prejudice to the Towne’”. Tradução da autora.

¹⁸ “Captain John Gladman to Lord Fairfax”, 1649. Disponível em: idem.

Todavia, o melhoramento significava um pouco mais do que métodos e técnicas novas ou melhores de cultivo. Significava, em termos ainda mais fundamentais, novas formas e concepções da propriedade. Para o latifundiário empreendedor e seu próspero arrendatário capitalista, o cultivo melhorado significava, idealmente, ainda que não necessariamente, propriedades rurais maiores e mais concentradas. Certamente significou a eliminação de antigos costumes e práticas que interferiam no uso mais produtivo da terra. (WOOD, 2001: 89-90).

No caso dos cercamentos, estes consistiam no processo de acabar com antigas práticas consuetudinárias da Inglaterra que previam a utilização de porções de terra pela população de uma paróquia para a própria subsistência, as chamadas “Terras Comuns”, ou simplesmente “Comuns”, os *Communs*, em inglês – além de outros arranjos. Para Wood, os cercamentos significaram “a extinção, com ou sem a demarcação física das terras, dos direitos comunais e consuetudinários de uso dos quais dependia a sobrevivência de muitas pessoas” (WOOD, 2001: 91). De modo geral, é uma política que passa a ser cada vez mais colocada em prática ao passo em que a terra começa a ser vista a partir de uma lógica mercantilista, de onde se podia e se devia extrair a maior quantidade de riqueza, otimizando-a, rompendo, conseqüentemente, com estas antigas tradições de uso comum e/ou de permissão a terceiros de uso de terra para cultivo, ainda que privada. Uma definição bastante pontual e pragmática para “cercamento” é a dada pelo historiador inglês Gordon E. Mingay:

O que exatamente era um cercamento? O que isso envolveu? Simplificando, significava a extinção de direitos comuns que as pessoas detiam sobre as terras agrícolas e comuns das paróquias, a abolição das explorações de campos abertos e a realocação de propriedades em blocos compactos, acompanhada geralmente pela separação física destes campos e cercados recém-criados através da construção de cercas, cercas-vivas ou muros de pedra. Posteriormente, as terras assim cercadas eram operadas em ‘regime de separação’, ou seja, eram reservadas para o uso exclusivo de seus proprietários individuais ou seus inquilinos¹⁹ (MINGAY, 1997:7).

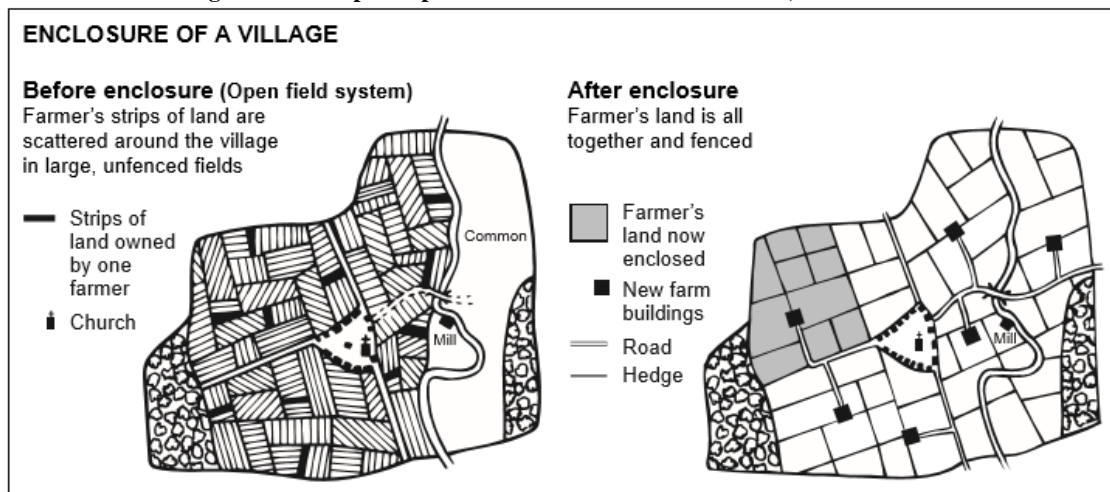
¹⁹ No original: “What exactly was enclosure? What did it involve? Most simply, it meant the extinction of common rights which people held over the farm lands and commons of the parish, the abolition of the scattered holdings in the open fields and re-allocation of holdings in compact blocks, accompanied usually by the physical separation of the newly created fields and closes by the erection of fences, hedges or stone walls. Thereafter, the lands so enclosed were held ‘in severalty’, that is, they were reserved for the sole use of the individual owners or their tenants”. Tradução da autora.

E nas palavras de J. R. Wordie: **separar com um paragrafozinho explicativo meu.**

Terra detida em separado, estando completamente sob o poder de um proprietário para fazer com o ela que quisesse, independente de ele escolher cercar sua terra no sentido literal, com cercas ou valas. Tais terras estavam livres de todos os direitos comuns, exceto, possivelmente, de um direito de passagem. Em contrapartida, todas as terras ainda sujeitas a uma medida de direitos comuns serão designadas como “abertas”, “campos abertos”, ou “terras comuns”²⁰. (WORDIE, 1983: 484).

Abaixo segue um quadro explicativo deste processo. À esquerda, tem-se o exemplo de uma vila antes da adoção de uma política de cercamentos. As porções riscadas representam propriedades de fazendeiros, que permanecem abertas, com uma porção em branco que representam as terras comuns. Já na figura à direita, os quadrados pretos representam os imóveis de cada fazenda, com as retas pretas caracterizando as cercas, e a porção cinza demonstrando a área da propriedade de uma das fazendas, já reorganizada e cercada. Não há espaço separado distintamente como “terra comum”.

Figura 1 - Exemplo de processo de cercamento de uma vila, XVII-XVIII.



Fonte: University of Wisconsin, 2001.

Ou seja, essa progressiva extinção das terras comunais levava os indivíduos não proprietários de terras a terem que, obrigatoriamente, se submeterem a outrem para poderem

²⁰ No original: “[...] land held in severalty, falling completely under the power of one owner to do with as he pleased, whether or not he chose to enclose his land in the literal sense with hedges or ditches. Such land was free of all common rights, except possibly for a right of way. Conversely, all land still subject to a measure of common rights will be referred to as ‘open’, or ‘open field’, or ‘common land’”. Tradução da autora.

prover meios de subsistência para si mesmos e suas famílias. Isso se dava através de pagamento de aluguéis aos *freeholders*²¹ para poderem trabalhar um terreno específico, e/ou submeterem-se ao trabalho em propriedades de outrem mediante pagamentos de salários, o que caracterizava uma nova forma de organização do trabalho, da propriedade, e da própria cultura e meio de vida destas pessoas. O despovoamento, por sua vez, é simultaneamente consequência e intenção da ação dos cercamentos. Tal como o próprio termo dá a entender, é a promoção da remoção de pessoas da terra, a transformação de áreas de agricultura para subsistência humana em terrenos voltados às pastagens de animais, à criação de animais. Provoca, assim, o literal despovoamento forçado de uma localidade.

Houve mais de uma forma de se realizar cercamentos, mais precisamente, existiam quatro processos distintos (MINGAY, 1997: 11). Estes foram os cercamentos por “Atos de Cercamento” (*Acts of Enclosure*), os ditos “oficiais”, já que eram realizados via autoridade do Parlamento, os cercamentos por acordo (*enclosure by agreement*), os cercamentos por usurpação, denominados *encroachments*²², e por último, os cercamentos fragmentados (*piecemeal enclosure*). Estas formas de cercamento que não previam quaisquer intervenções do Parlamento (da autoridade formal) para tanto, davam-se largamente com raízes no costume. Com exceção dos cercamentos por usurpação que, como se pode deduzir a partir do nome, davam-se de maneira forçada, sem conhecimento ou debate prévio por parte da vila e suas autoridades, como a do *Lord of Manor*²³, nos casos em que tal figura existia; os dois outros tipos de cercamento não parlamentar eram realizados pelos próprios proprietários de

²¹ Um *freeholder* é aquele detentor de um *Freehold*. Uma forma de propriedade sobre a qual podia-se estipular taxas para o uso de partes das terras por terceiros. Normalmente o *freeholder* detém a posse legal do terreno por tempo indeterminado, ou ao menos até o fim de sua vida, e paga uma taxa fixa para que tal propriedade seja sua durante este período de tempo. Diferentemente de uma *Manor*, aqui os indivíduos não atuam sob a jurisdição de um Lorde. (KENNEDY, 2008: 72). Este tipo de proprietário será referenciado meramente como “arrendador” ao longo deste trabalho.

²² Literalmente “invasões” ou “usurpações”.

²³ Tipo de propriedade de origem ainda feudal, normalmente ligada direta ou indiretamente à Coroa, que se encontra sob a jurisdição de um Lorde, que detém posse sobre o terreno e construções deste, sem necessidade de pagamento de taxas anuais, tal qual o *freeholder*. Pode, entretanto, também contar com arrendatários, como geralmente era o caso. Serão aqui referenciados como “Senhor das Terras Arrendadas”.

terras, através do estabelecimento de acordos entre eles. A principal diferença entre os cercamentos por acordo e os fragmentados está na cadência e na quantidade de terra cercada de cada vez, com porções grandes no primeiro caso e quantidades pequenas no segundo que iam sendo formadas paulatinamente (MINGAY, 1997: 11-12).

Mas a íntima relação entre os cercamentos e o período da Revolução vai muito além dos Diggers. Apesar de o século XVIII ser comumente considerado o grande século dos cercamentos, devido à formalização e burocratização neste período destes processos através dos já mencionados “Atos de Cercamento”, e com o subsequente “Ato Geral do Cercamento” (*General Enclosure Act*), há evidências de que o século XVII figurou de maneira decisiva nesta questão. Através de levantamento e análise de fontes primárias, Wordie defenderá a centralidade do XVII no processo de acirramento dos cercamentos (WORDIE, 1983). De modo a fundamentar tais alegações, Wordie pauta-se, sobretudo, em registros documentais acerca das proporções de terras cercadas, que são fornecidos pelas “Comissões de Cercamento” (*enclosure commissions*), compiladas nos trabalhos de W. E. Tate e M. E. Turner²⁴. Após análises dos levantamentos quantitativos trazidos por estas fontes, Wordie chega aos seguintes números:

Figura 2: Porcentagem de área cercada da Inglaterra entre 1550 e 1914.

<i>Period</i>	<i>%</i>
Already enclosed in 1550	c. 45.0
Enclosed 1500 to 1599	c. 2.0
Enclosed 1600 to 1699	c. 24.0
Enclosed 1700 to 1799	c. 13.0
Enclosed 1800 to 1914	11.4
Commons remaining in 1914	4.6
	100.0

Sources: Calculated from all the sources cited under Tables 1 to 6.

Fonte: WORDIE, 1983: 502.

²⁴ TATE, W. E. *A Domesday of English Enclosure Acts and Awards*. Reading: Library University of Reading, 1978. TURNER, M. E. *English Parliamentary Enclosure*. Folkstone: Dawson, 1980.

Percebe-se na figura acima que, a partir de 1550 (quando em torno de 45% da área da Inglaterra já se encontrava cercada), o período que experimentou maior alta neste processo foi aquele entre 1600 e 1699, com aproximadamente 24% de novas terras cercadas.

Um dos motivos para o século XVII ter exercido tamanho destaque nesse processo de transformação do campo inglês está, em parte, na própria Revolução Inglesa e na composição do parlamento que, conseqüentemente, viria a ser o corpo administrativo da *Commonwealth*: grandes proprietários de terra. Esta pode ainda ser uma relação de via dupla, visto que ao longo da história, alguns historiadores inclusive consideraram a expansão das políticas de cercamento como um dos muitos gatilhos para o início dos conflitos entre Coroa e Parlamento resultando nas Guerras Civas, como foram os casos de Ellen Wood, W. E. Tate e E. C. K. Gonner²⁵, por exemplo. De um modo ou outro, é certo que o processo de cercamentos estava gerando não só uma nova forma de organização social e econômica, como também novas relações de poder dentro da sociedade inglesa. Novos atores surgem, obrigações sociais mudam – como, por exemplo, as obrigações para com os arrendadores e o Senhor das Terras Arrendadas, que assumem um caráter mais pautado no aspecto monetário do pagamento de taxas e tributos, rompendo com reminiscências de costumes feudais.

Logo, um dos potenciais motivos para a necessidade de dispersão do grupo da colina de São Jorge, ainda que visto como um incidente que a princípio não deveria ser merecedor de maiores desgastes por parte das autoridades em sua contenção, era o incômodo caracterizado por estes para a implementação desta nova ordem social, de particular interesse àqueles agora nas mais altas posições de poder na Inglaterra. Contudo, as ações de enfrentamento desencadeadas por este e outros grupos no contexto da Revolução possuem vínculos diretos e indiretos com certos “antecedentes” de resistência frente à intensificação da implementação de reformas no campo.

²⁵ WOOD, 2001; TATE, 1967; GONNER, 1912.

1.2 - A CONSTRUÇÃO DO “POVO POBRE E OPRIMIDO DA INGLATERRA”

Este mesmo contexto, de intensificação do que em certa medida era o estabelecimento das bases para a progressiva privatização da terra, contava também com certa tradição de revoltas campesinas. Estas eram motivadas por diferentes questões, bem como por intersecções destas, como a fome ocasional causada por anos não propícios à agricultura, e pelo aumento considerável das próprias políticas envolvendo os cercamentos e os despovoamentos, por exemplo. Para James Holstun, estas revoltas no campo não caracterizavam “erupções espontâneas de necessidade física, mas sim ações comunais ordenadas e costumárias” (HOLSTUN, 2000: 372).

Um exemplo de ação desta natureza revoltosa, ligada ao campo na Inglaterra, foi a chamada Revolta das *Midlands* (*Midlands Revolt*²⁶). Ocorrida nas regiões dos condados de Northamptonshire, Warwickshire e Leicestershire, durante os meses de maio e junho do ano de 1607, esta consistiu em uma série de revoltas motivadas, principalmente, pela intensificação do estabelecimento de cercamentos e sobre a alegação de que alguns destes estariam se dando de forma ilegal. Caracterizaram-se pelas sucessivas afirmações de lealdade à Coroa e pelos apelos ao monarca, no caso, James VI & I²⁷, para que ele interferisse no andamento dos processos de reorganização de terras, levando em conta as necessidades da população revoltosa. Edmund Howes, um historiador contemporâneo destes acontecimentos, elaborara um relato sobre os mesmos em “*The Annales, or General Chronicle of England*”²⁸, publicado em 1615, dotando-os uma centralidade em torno da questão dos cercamentos:

Por volta de meados deste mês de maio de 1607, um grande número de pessoas comuns repentinamente se reuniram em Northamptonshire, e então outros de natureza semelhante se reuniram em Warwickshire, e alguns em Leicestershire, eles violentamente cortaram e derrubaram sebes,

²⁶ Região da Inglaterra, hoje dividida entre West Midlands e East Midlands.

²⁷ James VI da Escócia e I da Inglaterra, pai de Charles I. James reinara de 1567 a 1625.

²⁸ HOWES; STOW, **The Annales, or General Chronicle of England**. Londres, 1615. Disponível em: <<http://www.bl.uk/collection-items/the-midland-revolt-in-stows-annals-of-england>>. Acessado em 20 de novembro de 2016.

preencheram valas e abriram todos os cercamentos de terras comuns, e outras áreas que encontraram cercadas, que em tempos antigos haviam sido abertas e usadas para a lavoura, o tumulto de pessoas em Northamptonshire, Warwick e Leicestershire cresceu muito forte, sendo em alguns lugares cerca de mil homens, mulheres e crianças juntos, [...] essas pessoas revoltosas apostam todas as suas forças em nivelar e abrir terras cercadas [...]”²⁹. (HOWES, 1607. In: HOWES; STOW, 1615).

Conforme demonstrado anteriormente, o século XVII foi uma época chave no desenvolvimento e estabelecimento da política de cercamentos na Inglaterra. De forma mais particular, figurou o ano de 1607, quando foi montada uma Comissão sobre Cercamentos, com a intenção de investigar a proporção desta política em alguns condados ingleses, que por fim evidenciara que o número de áreas cercadas vinha aumentando a um passo relativamente rápido entre o fim do século XVI e o início do XVII. (WORDIE, 1983: 491).

Logo, o estabelecimento da correlação entre as revoltas e a terra possui fundo lógico. Em uma carta datada de dois de Junho de 1607, de Gilbert Talbot, Conde de Shrewsbury, endereçada ao seu irmão, o Conde de Kent, ele menciona as revoltas que acometem Northamptonshire, Warwickshire e Leicestershire, descrevendo suas impressões não apenas acerca dos revoltosos e suas ações, como também sobre as medidas tomadas pelas autoridades locais para lidar com a situação e, segundo ele, o descontentamento que tais medidas geraram no rei. De acordo com ele - um proprietário de terras -, os revoltosos se caracterizariam por uma “população barulhenta e tumultuosa”³⁰ (TALBOT, 1607), cujas ações englobavam “destruir cercamentos individuais quebrando-os em vários pedaços”³¹ (idem), dando ao entendimento, portanto, de que a revolta está (de alguma maneira) relacionada aos

²⁹ No original: “About the middle of this moneth of May, 1607, a great number of common perfons, fodaynly affembled themfelves in Northamptonfhire, and then others of like nature affembled themselves in Warwickfhire, and fome in Lecefferfhire, they violently cut and brake downe hedges, filled up ditches, and laid open all fuch enclosures of Commons, and other grounds as they found enclofed, which of anncient time hadde bin open and imploided to tillage, thefe tumultuons perfons in Northamptonfhire, Warwick and Leicefferfhire grew very ftrong, being in fome places of men, women and children a thoufand together, [...] thefe riotous perfons bente all their ftrength to leavell and lay open enclosures [...]”. Tradução da autora.

³⁰ No original: “tumultuous rable of people”. Tradução da autora. Disponível em: “Letter from the Earl of Shrewsbury on the Midland Revolt, 1607” [<http://www.bl.uk/collection-items/letter-from-the-earl-of-shrewsbury-on-the-midland-revolt-1607>]. Acesado em 20 de novembro de 2016.

³¹ No original: “throwynge down sondry inclosures in dyvers parts”. Tradução da autora. Disponível em: idem.

cercamentos. Tais passagens podem ser evidenciadas sublinhadas em vermelho na primeira página da carta de Talbot, que segue abaixo (no total a carta conta com três páginas).

Figura 3 -1ª página da carta de Gilbert Talbot, 2 de junho de 1607.

46 N.º 23.

My honorable good Lo. and Brother. It is my pte to make
 yo. Lo. some account how we pced in ⁱⁿ p^{re}sent busines,
 as I can fynde any convenient mesonger. how longe the
 bill concerninge the hostile Lawes hath stuck in yo. Low
 house, yo. Lo. hath hardz, but now wth make doe it is, almost
 for yo. passinge ther, and I thinke it will be brought to us
 to morrow or the next day, when it is not Lyke to sleepe
 passage 2 or 3 ^{dayes or} night before we shall lykewise pass it.
 When it is done, I know not whether we shall fall in handz
 wth the next pointe touchinge the conserge or not, but I rather
 thinke not, for yo. the tyme of yo. yeare will breake us of, before
 we can conclude of a matter of so great importance, and
 if we deale not wth it at this tyme, then is it Lyke we
 shall make an end of this session before the hearme end,
 and yo. p^{ro}ge it till aft. Michaelmas. yo. Lo. hath hardz
 of the sumultuous rable of people yo. have assembled them
 selves first in Northamptonshyre on May eve, thynnyng
some sondry inclosures in dyvers pte, bothe in yo. countie, or
 some in Warwykshyre, and lastly in Lecestershyre,
 when now they are, contynnyng to doe yo. life before
 this yo. Lo. hath (I thinke) receivd yo. p^{re}clamation, and
 p^{ro}haps have bene informed of more p^{re}clerers of theyr
 p^{re}cedynges then I know, although ther is daly adver-
 timent to the p^{re}vy counsell from thos severall counties,
 nevertheless I thought good to lett you understande,
 that his M^{tie} is nothyng well pleased, wth the remiss
 counse yo. bothe the sheriff or Justices of peare have taken
 in yo. matter, and also the deputy Lieutenante, chieflly
 in Northamptonshyre when it first began, and also in the
 other 2 shyres Warwyke and Lecester, for his M^{tie} expec-
 ted, that so soone as suche insolent numbers hadd bene
 gathered together, the sheriff or Justices shold have
 prepared them selves wth posse comitas to have gon-
 agaynst them, and to have apprehended some of the
 chieftest of them, to have sent some of thos up hither,
 and to have comitted others (in good numbers) yo. Gaioles
 wth if they could not have ^{w^{ell}} bene hable to have done by

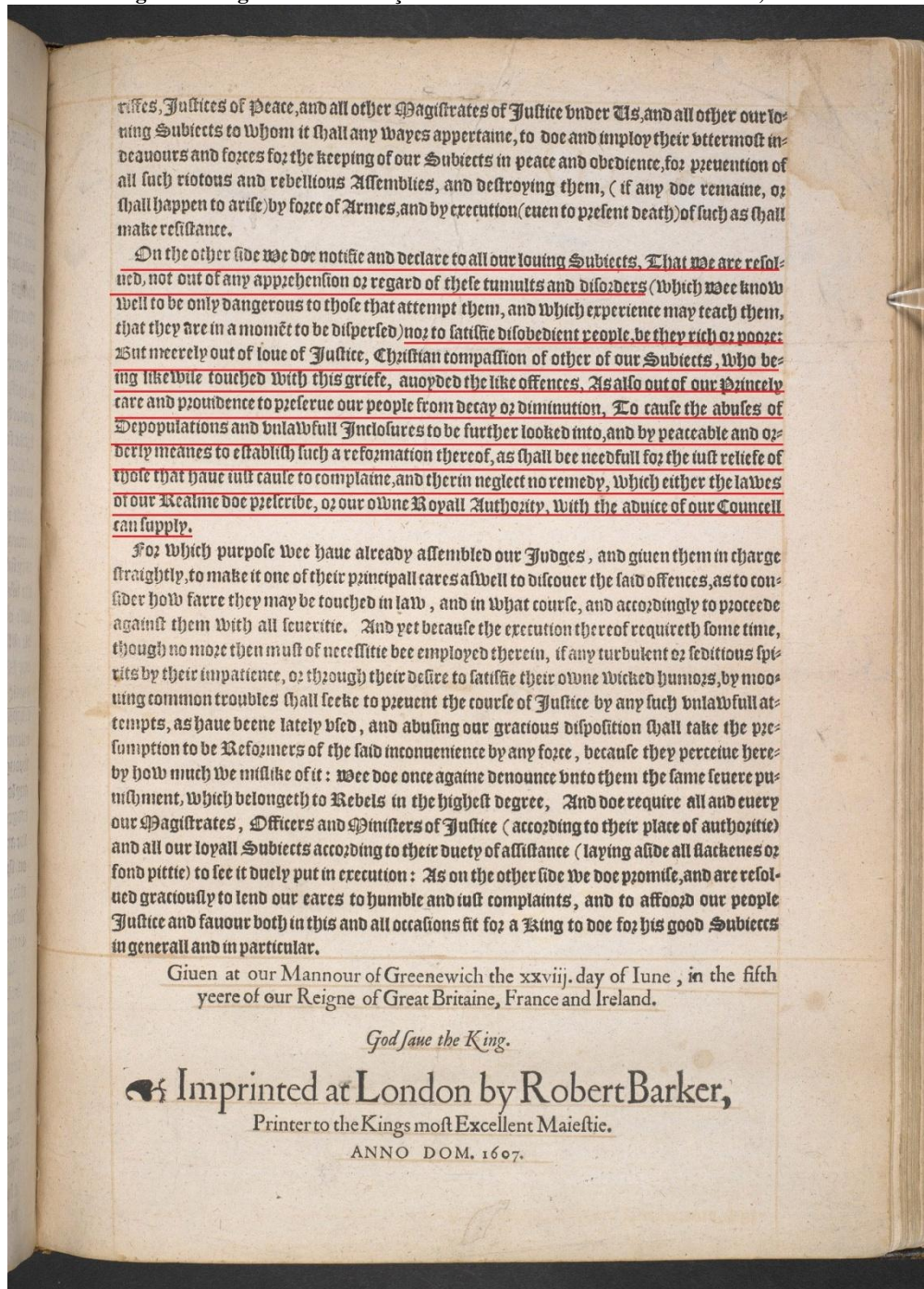
Fonte: "Letter from the Earl of Shrewsbury on the Midland Revolt, 1607". Disponível em:
 <<http://www.bl.uk/collection-items/letter-from-the-earl-of-shrewsbury-on-the-midland-revolt-1607>>. Acessado em 20
 de novembro de 2016. [Adaptações da autora].

Outras evidências documentais do período que também colocam os cercamentos dentre as principais motivações para a Revolta das *Midlands* são as Proclamações Reais oficiais sobre os acontecimentos. Ao todo, houve três destas Proclamações, emitidas pelo rei James VI & I. Na segunda Proclamação, de 28 de junho de 1607, ainda que o rei condene veementemente as ações dos revoltosos, há um indício de resposta às demandas e questionamentos levantados por tal “população” a respeito dos encaminhamentos de mudança de jurisdição de parcelas da terra daquelas localidades. Ele alega que as acusações de despovoamento e cercamento ilegal serão tomadas em “consideração principesca”, e que medidas para investigar e combater estas práticas e seus supostos efeitos negativos serão colocadas em prática:

Por outro lado notificamos e declaramos a todos os nossos Súditos, Que estamos resolvidos, não por conta de qualquer apreensão ou apreço destes tumultos e desordens [...] ou ainda para satisfazer pessoas desobedientes, sejam elas ricas ou pobres: Mas meramente por amor à Justiça, e pela compaixão Cristã por aqueles nossos Súditos que foram igualmente tocados por estes sofrimentos, e que ainda assim evitaram tais ofensas, Será igualmente através de nosso cuidado e providência Principescos a fim de evitar decadência e diminuição, Que investigaremos os abusos de Despovoamento e Cercamentos ilegais, e através de meios pacíficos e ordeiros estabeleceremos reformas, como devem ser necessárias para o alcance do alívio justo daqueles que tem causas justas para reclamar, e assim não negligenciaremos quaisquer remédios para tanto, os quais serão prescritos tanto pelas leis de nosso Reino, quanto pela nossa própria Autoridade Real, com as recomendações de nosso Conselho³². (JAMES VI & I, 1607).

³² No original: “On the other fide we doe notifie and declare to all our loving Subjects, That we are refolved, not out of any apprehension or regard of thefe tumults and diforders [...] nor to fatiffie difobedient people, be they rich or poore: But meerely out of love of Justice, Chriftian compaffion of other of our Subjects, who being likewife touched with this grieffe, avoided the like offences, As alfo out of our Princely care and providence to preferue our people from decay or diminution, To caufe the abufes of Depopulations and unlawfull Inclosures to be further looked into, and by peaceable and orderly meanes to eftablifh fuch a reformation thereof, as fhall bee needful for the ruft reliefe of thofe that have ruft cause to complaine, and therein neglect no remedy, which either the lawes of our Realme doe prefcribe, or our owne Royal Authority, with the advice of our Councell can fupply”. Tradução da autora. Disponível em: *Royal Proclamation concerning the Midland Revolt of 1607*. <<http://www.bl.uk/collection-items/royal-proclamation-concerning-the-midland-revolt-of-1607>>. Acessado em: 20 de novembro de 2016.

Figura 4 - Segunda Proclamação Real sobre a Revolta das Midlands, 1607.



Fonte: “Royal Proclamation concerning the Midland Revolt of 1607”. Disponível em: <<http://www.bl.uk/collection-items/royal-proclamation-concerning-the-midland-revolt-of-1607>>. Acessado em 20 de novembro de 2016. [Adaptações da autora].

Um terceiro tipo de fonte acerca do período são, justamente, documentos escritos emitidos pelos próprios indivíduos que se manifestavam, sobretudo em forma de petições. A natureza distinta desta fonte, em comparação com as previamente apresentadas sobre o

período, está no lugar social de onde supostamente falam seus autores. Enquanto a carta do Conde e a Proclamação Real nos forneçam perspectivas, interpretações e apropriações sobre os acontecimentos a partir de “cima”, da percepção de indivíduos e grupos detentores de poder econômico, político e social, o manuscrito a seguir – teoricamente – nos fornece a oportunidade da perspectiva interpretativa de pessoas que se encontravam do outro lado desta balança de poder. E, sendo estes os supostos agentes por trás dos distúrbios relatados em tom acusativo nos dois documentos prévios, apresentam também justificativas para tanto.

Embora seja excessivamente simplista reivindicar tais textos como expressões diretas e não-mediadas daqueles que estão à margem da sociedade, estes fornecem exemplos surpreendentes e gratificantes de escritores confrontando percepções elitistas da vida rural e lutando para articular visões de mudança.³³ (BENDING; MCRAE, 2003: 145).

Inclusive, é numa destas fontes que se tem o primeiro registro documental da utilização de “*digger*” para fazer referência a um grupo de pessoas que se manifestam de forma contrária às políticas de cercamento e despovoamento (BENDING; MCRAE, 2003: 146-147). Este documento é uma petição manuscrita intitulada “Dos Diggers de Warwickshire para todos os outros Diggers” (*The Diggers of Warwickshire to all other Diggers*)³⁴, evidentemente também datando de 1607.

³³ No original: “While it would be overly simplistic to claim such texts as direct and unmediated expressions of those on the margins of society, they provide startling and rewarding instances of writers confronting elite perceptions of rural life and struggling to articulate visions for change”. Tradução da autora.

³⁴ Uma transcrição deste documento está disponível no livro editado por Stephen Bending e Andrew McRae, “*The Writing of Rural England, 1500-1800*”, de 2003, nas páginas 147 e 148.

Ao passo em que enaltecem de forma exaustiva o rei, os autores (que, como se pode evidenciar na imagem acima, não assinam a petição, deixando-a anônima) expõem a situação de penúria que recaiu sobre eles, alegadamente, por conta das políticas de cercamento e despovoamento. De mesmo modo, advogam que estes males não recairiam tão somente sobre eles de modo isolado, mas sim sobre todo o reino, arguindo em termos de ganho econômico. Não há evidência na construção de sua argumentação de uma evocação de um direito deles às terras. Esta situação, então, teria os levado a engajar em ações revoltosas nos campos, os chamados *riots*³⁵, de modo a conter as “ganâncias” dos “tiranos”.

Não é desconhecida para vós a razão pela qual esses homens impiedosos resistem com força contra nossas boas intenções. Não é para o bem de nosso mais gracioso soberano, por quem oramos a Deus para que ele possa reinar entre nós por longo tempo, nem para o benefício da comunidade, mas apenas para seu próprio benefício privado, [...]. Eles despovoaram e derrubaram cidades inteiras, e fizeram delas pastagens para ovelhas nada proveitosas para a nossa comunidade. Pois, se fossem abertos, os campos comuns renderiam muita mercadoria, além de mais milho, do qual dependem nossas vidas³⁶. (BENDING; MCRAE, 2003: 147).

Apesar de todo o discurso de lealdade ao rei e à monarquia, alegam ainda que, se este decidir usar da força para calá-los e reprimi-los, neste caso lutariam “sem respeito pela vida ou pelos vivos” (BENDING; MCRAE, 2003), preferindo assim uma morte digna e honrosa (*manfully die*) do que morrer por fome e inanição (BENDING; MCRAE, 2003).

No documento, “digger”, consta apenas no título, entretanto, o documento está assinado como “*poore Delves & Day labourers*”. “*Delves*” é, nesta época, um sinônimo de “*digger*”, em português, “cavador”; enquanto “*day labourers*” é uma expressão que denomina uma pessoa que está sujeita a receber um pagamento atrelado ao trabalho específico que ele

³⁵ Protesto, que por vezes utiliza da força física e práticas de ação direta. Rebelião, revolta.

³⁶ No original: “It is not unknown unto yourselves the reason why these merciless men do resist with force against our good intents. It is not for the good of our most gracious sovereign, whom we pray God that long he may reign amongst us, neither for the benefit of the commonalty but only for their own private gain, [...]. They have depopulated and overthrown whole towns, and made thereof sheep pastures nothing profitable for our commonwealth. For the common fields being laid open would yield as much commodity, besides the increase of corn, on which stands our life”. Tradução da autora.

fez ao longo de um dia, não estando em um regime de trabalho e pagamentos fixos. Ou seja, o documento é assinado pelos “Cavadores pobres & trabalhadores Diários”. A primeira aparição de “digger” em um dicionário data apenas de 1768, na 3ª edição do Dicionário da Língua Inglesa de Samuel Johnson, e sua definição é bastante sucinta e despida de qualquer caráter político: “Aquele que abre a terra com uma pá”³⁷ (JOHNSON, 1768: 94). Em demais edições posteriores de variados dicionários da época, pouca ou nenhuma alteração se evidenciará na conceituação do termo. *Delver* também aparecerá pela primeira vez nesta edição de 1768, e sua definição será simplesmente “*A digger*” (JOHNSON, 1768: 82).

Pode-se interpretar a petição de Warwickshire como um indício de que “digger”, à época, evocava a ideia de trabalhadores pobres da terra, que não eram proprietários de qualquer natureza, simples agricultores em má situação socioeconômica. Poderia, portanto, caracterizar uma imagem socialmente construída do que representa exercer esse tipo de trabalho ligado à terra dentro do imaginário social inglês do início do XVII. Entende-se o imaginário como um produto de intersecções de variadas questões, como a política, a cultura, a economia e a própria sociedade, dentro de uma dada coletividade, que apesar de se construir no meio simbólico e psicológico/subconsciente, possui efeito concreto e direto no mundo material. Sendo assim, é possível referenciar o imaginário de uma época, de um grupo social, de um determinado contexto e evidenciar, através de acontecimentos históricos, as influências sofridas por este e vice e versa, entendendo de que forma determinados grupos lidaram com questões específicas de acordo com o imaginário que construíram acerca de si mesmos, da sociedade, dos indivíduos e do mundo, por exemplo. O imaginário seria, portanto:

[...] uma estrutura atuante sobre os elementos que o constituem e não apenas determinado pela realidade material, observa-se sua influência na produção de símbolos portadores de múltiplos significados. “Resultado do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes” e, acrescenta-se à definição de Hilário Franco Jr., também entre

³⁷ No original: “One that opens the ground with a fpade”. Tradução da autora.

espaços diferentes, interligados por práticas e visões de mundo. (LIEBEL, 2006: 16).

Ao buscarem evocar o imaginário social sobre “digger” em uma petição política, este grupo estaria não só construindo uma representação de si, podendo esta partir da afirmação de uma presença ou do signo de uma ausência, proveniente do embate entre o que se é e o que se afirma ser (GINZBURG, 2001: 85), visto que as representações são originárias das práticas e discursos que constroem as identidades, e conseqüentemente, a sociedade. Mas também disputariam suas representações e de suas atividades revoltosas no imaginário da sociedade. Sobre estas “lutas de representação”, Chartier coloca:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002: 17)

Logo, a roupagem de “desordeiros, desobedientes, população barulhenta e tumultuosa” atribuída a eles pela Proclamação Real, pela carta do Conde e pelo relato do historiador contemporâneo dos eventos (ou seja, por pertencentes a uma dada posição de poder e distinção social), é disputada em prol de uma identidade voltada ao trabalhador da terra que não se caracteriza como proprietário, e que agora se vê necessitado a agir de modo a se revoltar devido às mudanças declaradamente negativas que a reorganização do campo lhes

infligiu. A presença de “digger” em meio a estas disputas carrega o termo política, cultural e socialmente, dotando-o de conotação relativa à situação em questão. A ideia evocada sobre este agora não estará mais associada exclusivamente ao agricultor sem posse (conforme se supõe ter sido o caso), mas também àquele que, dentro desta situação, toma ação e se rebela contra mudanças na organização do campo, notadamente.

Estas lutas de representação travadas em torno de “digger” alcançarão um clímax que nos é particularmente interessante em 1649. Contudo, é necessário esclarecermos que não se possui o intuito de estabelecer uma forçosa relação de continuidade entre o movimento objetivo desta pesquisa e aqueles de 1607 – e muito menos de nos aprofundarmos em um estudo comparativo entre eles. Tal como expõe G. E. Aylmer, estabelecer correlações baseado em semelhanças entre os acontecimentos de 1607 e 1649 é algo possível, sobretudo, para se pensar a compreensão da construção de identidades entorno de “digger”. Mas jamais recair em uma ideia de falsa herança política e cultural linear.

Olhando um pouco para trás no tempo, pode parecer que pessoas ocupando terrenos baldios, vivendo em cabanas improvisadas e barracas, que promoveram algumas das revoltas contra os cercamentos, assemelham-se aos Diggers de 1649; e em alguns aspectos isso certamente é verdade. A maior e mais dramática dessas revoltas desde meados do século XVI foi a Revolta das Midlands de 1607, centrada em Northamptonshire, mas abarcando condados vizinhos, que terminou em uma batalha onde quarenta dos cinquenta manifestantes foram mortos. Foi então que as palavras "Leveller" e "Digger" foram usadas pela primeira vez, a princípio (ao que parece) pelos próprios participantes para se descreverem, e mais tarde por seus inimigos como termos de abuso. Claramente as palavras permaneceram na memória oral, mas não há nenhuma evidência de seu uso na escrita entre o início dos anos 1620 e o final dos anos 1640s. Ainda mais importante, não há evidências de que os objetivos dos envolvidos na Revolta das Midlands fossem os mesmos que os dos Diggers em 1649. Os midlanders de 1607 queriam restaurar o cultivo em terras abertas e recuperar os direitos comuns, mas não queriam praticar propriedade comum ou agricultura coletiva³⁸. (AYLMER; In: BRADSTOCK, 2013: 20-21).

³⁸ No original: “Looking back a little in time, it might seem that people squatting on wastes, living in improvised cottages and cabins, who promoted some of the anti-enclosure riots, resemble the Diggers of 1649; and in some respects they surely do. The largest and most dramatic of these upheavals since the mid-sixteenth century had been the Midland Rising of 1607, centred in Northamptonshire but spilling over into neighbouring counties, which had ended in a pitched battle when forty of fifty of so-called rioters had been killed. It was then that the

A razão para 1649 poder ser entendido como um “clímax” dentro destas disputas é por conta da maneira como os Diggers³⁹ construíram sua identidade social também a partir destas. Considerando a representação social como uma intersecção construída a partir da auto-representação e daquela proveniente do olhar de terceiros, é emblemático que a imagem construída dos Diggers seja o resultado de um processo de reapropriação e, sobretudo, ressignificação.

Voltemos-nos aos acontecimentos de abril de 1649 na colina de São Jorge. Nos relatos oficiais sobre o ocorrido e comunicações entre autoridades a respeito destes, que se encontram preservados nos já previamente referenciados *Clarke Papers*, não há qualquer tipo de menção a uma denominação ou nomeação específica do grupo em questão. Apenas há a referência, conforme mencionado anteriormente, a um grupo de pessoas com um projeto insano em mente, e demais atribuições desmerecedoras e diminutivas. O primeiro momento em que temos acesso a uma perspectiva do grupo em questão sobre o ocorrido é a partir de um panfleto datado de 20 de abril de 1649, intitulado *The True Levellers Standard Advanced*⁴⁰. Este é assinado por William Everard, John Palmer, John South, John Courton, William Taylor, Christopher Clifford, John Barker, Gerrard Winstanley, Richard Goodroome, Thomas

very words “Leveller” and “Digger” were first used, to begin with (it seems) by the participants to describe themselves, and later by their enemies as terms of abuse. Clearly the words remained in oral memory, but there is no evidence of their use in writing between the early 1620s and the late 1640s. More important, there is no evidence that the objectives of those involved in the Midland Rising were the same as those of the Diggers in 1649. The midlanders of 1607 wanted to restore open-field strip cultivation and to regain common rights, but not to practice common ownership or collective farming”. Tradução da autora.

³⁹ No âmbito prático, de modo a deixar clara a diferenciação de quando a palavra será empregada para denominar o grupo e quando estará sendo referenciada exclusivamente e puramente como palavra em língua estrangeira, optou-se por utilizá-la sempre com letra maiúscula e sem itálico para referenciar o grupo. Esta escolha se dá por conta do entendimento de que quando empregado deste modo, Digger está caracterizando um nome próprio, um termo que aglomera identidades e significados para além de sua tradução literal do inglês para o português.

⁴⁰ Algo como “O Modelo Avançado dos Verdadeiros Niveladores”.

Starre, William Hoggrill, Robert Sawyer, Thomas Eder, Henry Bickerstaffe, John Taylor e “Etc.”⁴¹.

Neste panfleto, o grupo fornece explicações para o que estavam fazendo na colina de São Jorge, bem como o porquê de terem escolhido esta localidade. Segundo eles, tal escolha se deu a partir de uma “visão”, e mencionam ainda que aquele terreno não era particularmente propício à agricultura, mas que tinham fé que a razão divina que os orientara ali os proveria e auxiliaria frente às adversidades físicas. (EVERARD et all, 1649. In: HILL, 2006: 87-88). Além disso, colocam-se também a caracterizar suas atividades.

O trabalho que nós estamos fazendo é este, o de escavar a colina de Jorge e os terrenos baldios ao redor para para semeá-los, e para comer juntos nosso pão conquistado pelo suor de nossos rostos. E o primeiro motivo para tanto é este, para que possamos trabalhar em justiça e estabelecer as bases para fazer da terra um tesouro comum para todos, ricos e pobres, para que todos os que nascem na terra possam ser alimentados pela terra, sua mãe [...]. Não cercando nenhuma parte na forma de nenhuma posse em particular, mas sim todos como sendo apenas um, trabalhando juntos e alimentando-se como filhos de um único pai, membros de uma família; não um sendo senhor sobre outro, mas todos olhando uns para os outros como iguais na criação [...]⁴².(ibidem: 84).

Este é, portanto, a primeira evidência documental que aborda os posicionamentos e fundamentações do que viria a compor a gama do “pensamento Digger”. São tratadas, por exemplo, questões como hierarquia social, crítica aos processos de cercamentos, crença profética na eventual restauração da terra à forma de “tesouro comum a todos e todas” (ibidem: 80), a alegada desilusão com os atuais “poderes da Inglaterra”⁴³, construção de um posicionamento antipapista e antiepiscopal, a alocação da origem de todas estas mazelas por

⁴¹ As questões referentes à autoria, e às problematizações acerca dos processos de produção textual, serão abordadas de forma específica no segundo capítulo.

⁴² No original: “The work we are going about is this, to dig up George Hill and the waste ground thereabouts and to sow corn, and to eat our bread together by the sweat of our brows. And the first reason is this, that we may work in righteousness and lay the foundation of making the earth a common treasury for all, both rich and poor, that everyone that is born in the land may be fed by the earth his mother [...]. Not enclosing any part into any particular hand, but all as one man working together and feeding together as sons of one father, members of one family; not one lording over another, but all looking upon each other as equals in the creation [...]”. Tradução da autora.

⁴³ No caso, Cromwell, o que restara do parlamento (*rump parliament*) e o Exército de Novo Tipo. (ibidem: 83).

eles denunciadas dentro de uma esfera espiritual - de corrupção da alma - que se manifestara a partir dos processos de reestruturação do campo e da reorganização das relações sociais de trabalho; além de outros.

Eles se utilizam da escrita também para contra-argumentarem as acusações de que seriam “baderneiros e tumultuosos” (EVERARD et all, 1649. In: HILL, 2006: 94). Além disso, fornecem um relato detalhado da visão⁴⁴ que supostamente está na origem de sua tomada de ação frente a estas “opressões e injustiças”, alegando ainda haverem sido instruídos a atuarem em três vias de ação: a disseminação da palavra falada, a disseminação da palavra escrita, e, finalmente, a tomada de “ação”, no caso, no formato da ocupação da colina de São Jorge:

[...] este trabalho de fazer da terra um tesouro comum foi-nos mostrado por uma voz tanto dentro quanto fora do transe, cujas palavras eram estas, "trabalhem juntos, comam pão juntos, declarem isso tudo a todos". Tal voz foi ouvida três vezes. E, em obediência ao espírito, declaramos isto por palavra falada, conforme surgiram oportunidades. Em segundo lugar, temos declarado por escrito, para que outros possam ler. Em terceiro lugar, agora começamos a declarar através de ação, cavando as terras comuns e plantando sementes, para que possamos comer nosso pão em justiça⁴⁵. (EVERARD et all, 1649. In: HILL, 2006: 89).

Não há, em nenhuma passagem do panfleto, qualquer referência ou menção a *diggers*, enquanto que nos salta aos olhos a presença de *Leveller*⁴⁶ no título. As intencionalidades por trás da utilização deste termo são motivos de disputas interpretativas e discordâncias entre historiadores que trabalham com as temáticas dos Diggers e de Gerrard Winstanley.

⁴⁴ Winstanley alegava ter tido uma “visão”, um “transe” (WINSTANLEY, 1649. In: HILL, 2006: 127) que o fez compreender que a única maneira da humanidade ser livre era através da terra ser um bem comum a todos, levando-o a escrever o panfleto *The Lew Law of righteousness* em 1649. Esta “visão” tem simultaneamente uma conotação religiosa, de um milagre propriamente dito, como também faz alusão a uma introspecção, um momento de clareza de pensamento, que no XVII era relacionado muitas vezes a um momento proporcionado por Deus, pois conforme coloca Hill, “As pessoas do século XVII falavam de forma mais livre do que nós hoje em dia sobre visões ou revelações para descrever um momento súbito de esclarecimentos intelectual” (HILL, 2006: 24). No original: “Men in the seventeenth century spoke more freely than we do today of a vision or revelation to describe a sudden mental clarification”. Tradução da autora.

⁴⁵ No original: “[...] this work to make the earth a common treasury was shewed us by voice in trance and out of trance, which words were these, ‘work together, eat bread together, declare this all abroad’. Which voice was heard three times. And in obedience to the spirit we have declared this by word of mouth, as occasion was offered. Secondly, we have declared it by writing, which others may read. Thirdly, we have now begun to declare it by action, in digging up the common land and casting in seed, that we may eat our bread together in righteousness”. Tradução da autora.

⁴⁶ Em sentido literal, “nivelador”.

Tradicionalmente, alguns historiadores, como Christopher Hill, David Petergorsky e George Juretic, dentre outros, assumem que tal utilização implicaria uma reivindicação política norteada por uma crítica disputa com relação aos Levellers. Já trabalhos mais recentes como os de John Gurney propõem refletir e repensar estas presunções.

Os Levellers foram um grupo bastante organizado (BRADSTOCK, 2011: 28), atuante por cerca de seis anos (1646-1652) em meio às movimentações da Revolução, que faziam oposição ao regime plutocrático almejado por Cromwell e seus aliados. Tem-se, normalmente, a concepção de que, apesar deles terem caracterizado um grupo de relativa alta capacidade organizativa - sobretudo se comparado a outros grupos de caráter também político, surgidos em meio à Revolução –, uma das grandes características dos Levellers foi a dificuldade na obtenção de um consenso de posicionamento sobre algumas questões chave que estavam sendo levantadas em meio a este contexto. Ainda assim, suas atuações foram marcadas pela defesa de ideias como a de um sufrágio masculino que abarcasse mais indivíduos, a proibição da interferência de representantes eleitos em legislar sobre questões referentes à religião e práticas espirituais e o nivelamento das disparidades sociais - mas jamais o nivelamento da propriedade, algo que era muito caro aos Levellers, conforme pode, por exemplo, ser evidenciado no panfleto de maio de 1649, *An Agreement of the Free People of England*, escrito por John Lilburne, William Walwyn, Thomas Prince e Richard Overton.

Eis o que caracterizaria o ponto de disputa entre Diggers e Levellers na visão dos historiadores supracitados, o posicionamento sobre a propriedade. Enquanto estes defenderão o direito à propriedade como uma liberdade individual inalienável, aqueles a consideram uma das grandes mazelas que afligem a humanidade:

E essa propriedade civil é uma maldição e assim se manifesta: aqueles que compram e vendem terras, que são proprietários, obtiveram-na através de opressão, assassinato ou roubo; e todos os proprietários vivem sob a quebra

do sétimo e oitavo mandamentos, *Não roubarás nem matarás*⁴⁷. (EVERARD et al, 1649. In HILL, 2006:85).

Logo, sob esta via de compreensão, a reivindicação de serem “os verdadeiros niveladores”, os *true levellers*, estariam fazendo menção a uma ideia de que seria impossível construir uma sociedade verdadeiramente “nivelada”, mais igualitária, sem a abolição da propriedade privada da terra. Caracterizaria, então, uma apropriação crítica e uma disputa. A crítica a esta interpretação, trazida por Gurney em seu livro *Gerrard Winstanley: The Digger's Life and Legacy* (GURNEY, 2011), baseia-se no fato de que este não seria um contexto promissor para se reivindicar uma intitulação Leveller, pelo fato de que justamente neste período, o grupo vinha sofrendo perseguições e forte repressão por parte das forças parlamentares dentro do Exército de Novo Tipo - inclusive, o panfleto Leveller supracitado foi escrito em resposta à prisão dos Levellers ali citados, Lilburne, Walwyn, Prince e Overton (ibidem: 160). Contudo, Gurney não nos provê com uma nova hipótese para a escolha de *True Levellers* por parte do grupo que ocupara a Colina de São Jorge.

Notadamente, o termo “leveller” aparece em dicionários do período moderno revestido de teor político muito mais cedo do que “diggers”, mais precisamente, já em 1756, com a seguinte definição: “(...) pessoas do exército de *Oliver Cromwell* que defendiam uma divisão igual da administração do governo entre a nobreza e as pessoas comuns”⁴⁸ (BAILEY, 1756: 305). E em 1768: “1. Aquele que torna tudo equilibrado. 2. “Aquele que destrói a superioridade; aquele que almeja trazer todos para o mesmo estado”⁴⁹ (JOHNSON, 1768: 327). Conforme mencionado anteriormente, nos dicionários do século XVIII consultados em nenhum momento esta palavra aparece atrelada a tal carga. Ainda hoje, percebe-se que são

⁴⁷ No original: “And that this civil property is the curse is manifest thus: those that buy and sell land, and are landlords, have got it either by oppression or murder of theft; and all landlords lives in the break of the seventh and eight commandments, *Thou shalt not steal nor kill*”. Tradução da autora.

⁴⁸ No original: “(...), people in *Oliver Cromwell's* army, who were for having an equal share in the administration of the government between the nobility and commonality”. Tradução da autora..

⁴⁹ No original: “1. One who makes anything even. 2. One who destroys superiority; one who endeavours to bring all to the same state”. Tradução da autora.

raros os dicionários que apresentam uma definição de “digger” que esteja de alguma forma relacionada aos eventos políticos em que este se encontrou atrelada, seja no século XVII, XX ou XXI⁵⁰, diferentemente de Leveller. Vale destacar que o *Oxford English Dictionary* em sua versão *online* é uma rara exceção - diferentemente da maioria de seus exemplares físicos acessíveis no Brasil, como o *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, por exemplo. Entretanto, a definição política que este concede aos Diggers do XVII é uma que estabelece uma relação de dependência direta por parte dos Diggers frente aos Levellers:

Uma seção dos Levellers em 1649, que adotou princípios comunistas quanto à terra, de acordo com os quais começaram a cavar e plantar nas áreas comuns. No uso moderno, membro de um grupo de hippies que acreditam em uma sociedade onde todos os alimentos e posses são compartilhados livremente e a terra é cultivada para alimentar os pobres⁵¹. (*OED Online*, 2016)

Tal silêncio é bastante revelador, uma vez que demonstra que no século seguinte aos acontecimentos da Revolução Inglesa, o imaginário evocado pela ideia de “leveller” ainda se encontrava bastante consolidado na sociedade. Desse modo, assumindo que “leveller” constituía uma representação de um ideal por igualdade, o recurso dos Diggers a esta ideia, atrelada à afirmação de serem os “verdadeiros” Levellers, pode, de certa forma, corroborar a ideia dos historiadores que defendem que aqui havia o estabelecimento de uma disputa de concepção de igualdade. Essa, no caso dos Diggers, estaria indissociavelmente atrelada à

⁵⁰Atualmente, existem alguns grupos políticos que ainda reivindicam tanto o nome “Diggers” quanto a herança histórica dos Diggers ingleses do século XVII. É o caso dos “Diggers de São Francisco”, um coletivo político de tendência anarquista da cidade estadunidense de São Francisco, que atuou, sobretudo, durante a década de 1960, mas que continuam com algumas atividades até os dias atuais. Mais informações sobre este coletivo podem ser encontradas na página *online* mantida por eles: [www.diggers.org]. Na Inglaterra, há um grupo de pessoas que organiza anualmente um festival em comemoração aos Diggers e, mais especificamente, Gerrard Winstanley, sendo este realizado na cidade de Wigan (cidade natal de Winstanley), em Lancashire. Este festival é realizado com um caráter declaradamente socialista, interpretando os Diggers e Winstanley como havendo sido precursores desta linha de pensamento político. De igual maneira, mais informações a respeito deste grupo e do festival podem ser encontradas no endereço: [www.wigandiggersfestival.org].

⁵¹No original: “A section of the Levellers in 1649, who adopted communistic principles as to the land, in accordance with which they began to dig and plant the commons. In modern use, a member of a group of hippies who believe in a society where all food and possessions are shared freely and land it cultivated to feed the poor”. Tradução da autora. In: “digger, n.” **OED Online**. Oxford University Press, December 2016. Acessado em: 27 de dezembro de 2016.

questão da propriedade – principal ponto de divergência radical evidenciado nos manifestos dos dois grupos.

Os Levellers, por sua vez, agirão de modo rápido a se dissociarem da imagem dos ocupantes da Colina de São Jorge (GURNEY, 2007: 158). Possivelmente justo por conta do momento difícil que passavam, não lhes seria interessante serem associados a grupos potencialmente ainda mais impopulares do que eles à época. O que nos leva a esta hipótese é que foi justamente o jornal Leveller “*The Moderate*” (publicado semanalmente entre julho de 1648 e setembro de 1649), o primeiro veículo a associar “digger” ao grupo de Winstanley em 1649. Esta ação demonstra a apropriação de um discurso e da representação construída sobre “digger” a partir dos eventos de 1607, conexão esta que Gurney também estabelece:

O próprio nome Digger, o qual foi utilizado pela primeira vez pela imprensa de Londres para designar o novo movimento, auxiliou a estabelecer uma conexão com movimentações e protestos rurais anteriores, havendo o nome sido utilizado pela primeira vez durante as rebeliões contra a política de cercamentos da Revolta das Midlands, de 1607⁵² (GURNEY, 2007: 158).

Tal atribuição de “digger” para designar as movimentações na colina de São Jorge por parte do *The Moderate* deu-se em tom pejorativo, de descrédito, similar aos relatos em tom de escárnio provenientes dos enviados de Fairfax e das denúncias das autoridades locais, citadas anteriormente (com exceção, talvez, do relato enviado por Henry Sanders). Sobre a cobertura dessa mídia, Gurney aponta que:

[...] a maioria das notícias sobre os acontecimentos da colina de São Jorge tendiam a retratar os Diggers como inofensivos e iludidos - mais como “almas fracas e barrigas vazias” - do que como uma ameaça à ordem social⁵³. (GURNEY, In: BRADSTOCK, 2013: 72).

⁵² No original: “The very name Digger, which was first applied to the new movement by the London press, helped provide a connection with earlier rural protest movements, the name first having been used by anti-enclosure rioters in the Midlands Revolt of 1607”. Tradução da autora.

⁵³ No original: “[...] most early newsbook reports of the digging on St George’s Hill tended to portray the Diggers as harmless or deluded - as “feeble souls and empty bellies” - rather than as a threat to the social order”. Tradução da autora.

Evidencia-se, assim, a intenção de se apelar a certo imaginário evocado por “digger” como sendo a representação de uma turba de desprovidos descontentes com os cercamentos, ao passo em que o constrói como algo risível e absurdo. Em contrapartida, os ocupantes da colina de São Jorge se colocarão a disputar e construir sua identidade frente à disseminação de percepções desfavoráveis acerca deles e de suas ações. Nos panfletos diretamente relacionados aos acontecimentos de abril de 1649⁵⁴, percebe-se a presença de um discurso voltado para a criação de uma ideia de “massa”, de “povo”, ao procurarem se caracterizar como o “povo pobre e oprimido da Inglaterra” (WINSTANLEY et al, 1649. In: HILL, 2006: 99), em oposição à monarquia, à aristocracia, à igreja, à *gentry*, ao exército e os governantes parlamentaristas, bem como aos grupos de proprietários de terras.

É emblemático, por exemplo, que o título do panfleto publicado no dia 1º de junho de 1649 seja “Uma Declaração do Pobre povo oprimido da Inglaterra dirigida a todos os que se chamam, ou são chamados Senhores das Terras Arrendadas, através desta Nação; Que começaram a cortar, ou que por medo e cobiça, têm a intenção de cortar os bosques e árvores que crescem sobre as terras Comuns e Baldias”⁵⁵, e que ao final ele esteja assinado em nome de “todos os pobres oprimidos da Inglaterra e de todo o mundo”⁵⁶, contando ainda com a assinatura de 45 nomes. Em todos seus escritos passagens e referências deste tipo se fazem presentes. Tem-se, portanto, indícios de que eles se compreendem, bem como suas “causas”, dentro de uma ideia de coletividade muito mais abrangente do que o grupo físico de pessoas que estavam ocupando a colina, em atrito direto com as autoridades.

⁵⁴ *The True Levellers' Standard Advanced* (20 de abril de 1649), *A Declaration of the Poor Oppressed People of England* (1º de junho de 1649), *A Letter to the Lord Fairfax and his Councell of War* (9 de junho de 1649), *A Declaration on The bloudie and unchristian acting of William Star and John Taylor of Walton* (22 de junho de 1649), *An Appeal to the House of Commons* (11 de julho de 1649), e *A Watch-Word to The City of London and the Armie* (26 de agosto de 1649).

⁵⁵ *A Declaration from the Poor oppressed People of England directed to all that call themselves, or are called Lords of Manors, through this Nation; That have begun to cut, or that through fear and covetousness, do intend to cut down the Woods and Trees that grow upon the Commons and Waste Land.*

⁵⁶ Originalmente: “Signed for and in the behalf of all the poor oppressed people of England and the whole world”. Tradução da autora.

Em junho de 1649, Gerrard Winstanley compõe um panfleto relatando um ataque específico sofrido por quatro pessoas do grupo que ocupava a colina, no dia 11 de junho, por parte de arrendadores e habitantes das proximidades, estando estes últimos vestidos em roupas femininas.

Estes quatro homens desejavam que eles os trouxessem à sua lei para responderem em justificação de seu trabalho, mas aqueles demônios, com os homens em roupas femininas, não concordariam com isso, e se colocaram a bater com seus longos bastões sobre os corpos deles sem misericórdia, um testemunho suficiente de que esta causa de cavar é justa e boa, [...]considerando-se, que estes **cavadores** só fazem uso dos Comuns, visto que pagaram impostos e receberam um quarto livre; e, portanto, pela lei do contrato, devem ter liberdade nestas terras, bem como os proprietários têm liberdade em seus cercamentos, os **cavadores** declaram, que eles não irão se intrometer com milho, gado, ou terra cercada, e sim apenas nas terras comuns; e que eles estão prontos para responder a todas as Leis da Terra como Réus, mas não como Acusadores⁵⁷. (WINSTANLEY, 1649. In: CORNS et al, 2012: 61. Grifos da autora).

Intitulado “*A Declaration of the bloody and unchristian acting of William Star and John Taylor of Walton*”, é neste quarto panfleto produzido pelo grupo da colina de São Jorge⁵⁸, e é nele que aparece a primeira autodenominação do grupo como Diggers. Este é também um panfleto cuja intencionalidade está em tentar novamente estabelecer um diálogo com as autoridades e a população, como meio de advogar pela causa justa das ações dos Diggers, e, de certa forma, mesmo pela “legalidade” destas. Ou seja, a partir da afirmação, então, de atos de contestação aos cercamentos, juntamente com o trabalho da terra em caráter de resistência, mas dentro de uma lógica “legal” e, sobretudo, espiritualmente virtuosa,

⁵⁷ No original: “These foure men desired that they would bring them before their Law to answer in justification of the work, yet those divells, with the men in womens apparel, would not agree to that, but fell on, beating with their long staves upon their bodies without mercie, a testimony sufficient that this cause of digging it just and good, [...] considering withal, that these **diggers** do only make use of the Commons, seeing they have paid taxes, and given free-quarter; and therefore by the Law of contract, ought to have freedom therein, as well as the freeholders have freedom in their Inclosures, the **diggers** declaring, they will neither meddle with Corn, Cattell, nor inclosure Land, but only in the Commons; and that they are ready to answer to all the Laws of the Land as Defendents, but not as Plaintiffs”. Tradução da autora.

⁵⁸ Entre *The True Levellers Standard Advanced* (20 de abril de 1649) e este panfleto de junho, foram escritos *A Declaration from the Poor Oppressed People of England* (1º de junho de 1649) e *A Letter to Lord Fairfax and his Councell of War* (9 de junho de 1649). O primeiro configurou um tratado geral explicativo de suas motivações e intenções, promovendo justificativas para suas ações e apresentando alguns de seus posicionamentos. Já o segundo caracteriza uma argumentação acerca de suas práticas, numa tentativa de defesa de que ao ocuparem terras comuns e/ou baldias, não estariam infringindo lei alguma.

ordenada e fundamentada, dentro de uma visão de mundo cristã anticlerical de traços milenaristas. Isso acaba por revestir suas ações de caráter de revolta “popular”⁵⁹ e de religiosidade radical. Promovendo assim a construção de uma imagem deles próprios frente à sociedade, os Diggers se engajam em uma disputa representativa na qual se encerra uma ressignificação de um dado imaginário social uma vez que este fornecerá elementos para a constituição desta representação.

Evidencia-se, então, que o termo “digger” atravessa décadas do século XVII (e, conforme mencionado previamente, mesmo nos séculos XX e XXI), constituindo uma representação que permeia o imaginário social sempre, de alguma maneira atrelada à questão da terra, sendo disputada e apropriada, abarcando cargas políticas culturais e históricas. E isso pode nos dizer muito sobre as formas de se interpretar e compreender historicamente as atuações Diggers no contexto da Revolução Inglesa. Digger passa então a operar como um signo relacionado a uma identidade coletiva.

Ao se trabalhar a coletividade em história, deve-se tentar distanciar de análises que atuam de modo exclusivamente pautado nas trajetórias individuais daqueles que constituem tal coletividade, no caso, um grupo, pelo fato de promoverem uma particularização excessiva de uma experiência que se calca no coletivo. Simultaneamente, é indispensável a recusa a métodos analíticos que padronizam de forma absoluta o coletivo, conferindo-lhe uma carga de generalização que acaba por cair em reducionismos, ignorando a possibilidade de ações coletivas que tomam forma através de um corpo social extremamente heterogêneo e dinâmico. Para realizar uma mediação entre estas perspectivas, é útil pensarmos em termos de agência coletiva.

A categoria de *agência* é central para a história vista de baixo. Eu não quero que esta categoria se esvaia de nossas análises tão facilmente como

⁵⁹ Popular no sentido de evocar a ideia do “povo da Inglaterra”, de uma “multidão oprimida”, e não dentro de uma ideia de classe social.

aconteceu com a categoria de classe, nos anos 1990. O mundo que pesquiso – a sociedade Inglesa entre os anos de 1500 e 1770 – foi caracterizado por grandes disparidades de riqueza e poder. Certo, as massas estão sempre ali. E nós sabemos tudo acerca da emergência, ao final do século XVII, de uma sociedade de consumo, da polidez, do luxo e da respeitabilidade burguesa. Os pobres marginais da Inglaterra Augusta viram muito pouco deste mundo polido e comercial [...] E se os arquivos gerados pelos seus senhores mostram centelhas ocasionais de sua assertividade, autonomia, dignidade, dever, e responsabilidade mútua daqueles pobres e marginais – isto é, se nos concedem a possibilidade de inverter estas hierarquias sociais e escrever a história da Inglaterra no início da idade moderna *de baixo* – então vamos aproveitá-la! Parte dessa história será sobre deferência, clientelismo, patrocínio: será sobre integração social, e a história de como, apesar de tudo, o centro da sociedade se manteve coeso. Esta é uma história importante, que precisa ser contada [...] Mas parte dessa história será também sobre a capacidade de pessoas ordinárias de moldarem o mundo ao seu redor. Ela será sobre agência: uma agência que, acredito eu, merece ser celebrada.⁶⁰ (WOOD, A. 2013).

Tradicionalmente, tem-se a concepção de que os conceitos de imaginário e agência se chocam, pelo fato de o primeiro estar relacionado às estruturas que operam sobre os sujeitos (religião, economia, gênero, idade, etnia, classe, nacionalidade, etc.), enquanto o segundo acarreta a suposição de uma capacidade de atuação independente destes mesmos sujeitos. Entende-se por estrutura aquilo que Koselleck denomina como:

Aquelas circunstâncias que não se organiza, segundo a estrita sucessão dos eventos passados. Elas implicam maior duração, maior estabilidade, alterando-se em prazos mais longos. [...] Citamos como exemplo algumas estruturas: modelos constitucionais, formas de domínio que não se modificam da noite para o dia, mas que são pressupostos da ação política. Ou ainda as forças produtivas e as relações de produção, que se transformam apenas a longo prazo e, às vezes, aos empurrões, mas que, de toda maneira, condicionam os acontecimentos sociais e atuam em conjunto com eles. (KOSELLECK, 2006: 135-136).

⁶⁰ No original: “Central to the history-from-below agenda is the category of *agency*. I don’t want that category to escape our clutch as easily as class was allowed, in the 1990s, to slip away. The world I research – English society between roughly 1500 and 1770 – was one characterized by vast and growing disparities of wealth and power. Okay, the middling sort is always there. And we know all about the emergence in the later seventeenth century of a consumer society, of politeness, luxury and bourgeois respectability. But so much of that was an urban, literate and middle-class experience. The marginal poor of Augustan England saw little of this polite and commercial world [...] And if the archives generated by their rulers yield occasional flashes of the assertiveness, autonomy, dignity, entitlement and mutual responsibility of the poor and marginal – that is, if they yield to us the possibility of inverting social hierarchies and writing a history of early modern England *from below* – then let’s take it. Some of that history will be about deference, clientage, patronage: it will be about social integration, and the story of how, despite everything, the centre held. That’s an important story that has to be told [...] But some of the story will also be about the capacity of ordinary people to shape the world around them. It will be about agency: an agency that, I think, deserves to be celebrated”. Tradução da autora.

Entretanto, Anthony Giddens nos fornece alternativas que estabelecem pontes de reciprocidade entre estes conceitos. Para Giddens, é impossível analisar a agência sem a estrutura, e vice-versa, pelo fato de haver uma relação de causalidade estabelecida entre ambas (GIDDENS, 1979: 53). Isso significa que, se por um lado é impossível pensar os indivíduos como sendo sujeitos que atuam de forma completamente independente das estruturas que sobre eles operam – reconhecendo-se, portanto, que estas de fato implicarão influências em suas atuações –, é igualmente impossível conceber as estruturas enquanto absolutamente inócuas à capacidade de impacto humano. Postula-se que os sujeitos também afetam progressivamente as estruturas, possibilitando alterar as formas como estas impactam suas vidas, bem como são percebidas perante a sociedade, de variadas maneiras.

Ou seja, partindo novamente das ideias de agência e imaginário, a partir desta percepção é possível entender o imaginário social enquanto passível de alteração e reordenação através da agência dos sujeitos, e, conseqüentemente, isso afetará também a formação de identidades coletivas e das representações destas. Assim, por “agência” entende-se:

A ação, ou agência, como eu a uso, não se refere, assim, a uma série de atos discretos combinados, mas a um fluxo contínuo de conduta. Podemos definir ação [...] como envolvendo um fluxo de intervenções causais reais ou contempladas de seres corpóreos no processo contínuo de eventos no mundo⁶¹. (GIDDENS, 1979: 55)

Conseqüentemente, as representações, por sua vez, também não devem ser concebidas numa esfera exclusivamente estrutural, pois elas são também permeadas pela própria agência dos sujeitos – sendo, por si só, resultados de um amplo processo de construções sócio-culturais, tal como pode ser evidenciado a partir da ideia de lutas de representação.

⁶¹No original: “Action or agency, as I use it, thus does not refer to a series of discrete acts combined together, but to a continuous flow of conduct. We may define action [...] as involving a stream of actual or contemplated causal interventions of corporeal beings in the ongoing process of events-in-the-world”. Tradução da autora.

Graças ao minucioso e admirável trabalho de Gurney nos arquivos ingleses para o levantamento e análise de fontes primárias a respeito de indivíduos que em algum momento compuseram tais grupos (GURNEY, 2007: 163-167), sabe-se hoje que as características dos indivíduos que formavam um corpo para a agência coletiva Digger foram muito mais heterogêneas do que historiadores como Hill os concebiam – dentro de uma concepção de classe, denotando um caráter “popular” e relativamente homogêneo. Ainda que houvesse a enfática presença de pessoas ligadas à terra, que subsistiam do cultivo de terras comunais e do trabalho em *freeholds* e demais propriedades, nem todos vinham deste tipo de contexto. Antigos integrantes do Exército de Novo Tipo de Cromwell, como William Everard⁶², trabalhadores dos centros urbanos, pequenos comerciantes (ou ainda indivíduos que ao menos tiveram passagem por tais ofícios), como é o caso do próprio Winstanley⁶³, eram alguns dos que tomaram parte em ações Digger entre 1649 e 1652. Isso corrobora, portanto, a ideia de que constituíam uma coletividade, sob o manto de uma dada identidade, ainda que heterogênea no que se refere aos contextos socioeconômicos de onde seus integrantes provem.

Estas problematizações nos auxiliam a enxergar os Diggers de modo mais distanciado da ideia de um grupo político altamente organizado, articulado e atuante, mas sim como coletivos de pessoas que buscavam se representarem como tal. Constituindo, assim, uma

⁶² Nascido na paróquia de St. Giles por volta de 1602, antes de se juntar ao Exército de Novo Tipo Everard fora aprendiz de Robert Miller na *Merchant Taylor's Company*, até meados de 1624. (HESSAYON, 2004).

⁶³ Winstanley nasceu em Wigan, Lancashire, por volta do ano de 1609. Seu pai Edward fora um importante comerciante de tecidos em Wigan, possibilitando que Winstanley fosse para Londres se tornar aprendiz no ramo, tal como Everard, e receber uma educação formal, sem, no entanto, chegar a uma universidade. (HILL, 2006: 11). Com o início do período de profunda instabilidade política e econômica trazida pelos conflitos da primeira Guerra Civil, Winstanley declarou falência, retirando-se para uma vida no campo, onde relata também ter passado por situação de penúria, antes do início das movimentações Diggers: “Tu Cidade de Londres, eu sou um dos teus filhos por liberdade, e eu realmente Amo a tua paz; enquanto eu tinha uma propriedade em ti, eu estava livre para oferecer minhas migalhas ao teu tesouro público, Guildhall, para uma preservação de ti e de toda a terra; mas por causa de teus filhos trapaceiros da arte criminoso de compra e venda, e pelos encargos dos e para os soldados no início da guerra, fui atirado para fora tanto da propriedade quanto do comércio, e forçado a aceitar a boa vontade de amigos para comigo, para viver uma vida no campo; e lá de igual maneira o fardo dos impostos formou um peso maior do que minhas fracas costas podiam suportar”. No original: “Thou City of London, I am one of thy sons by freedom, and I do truly Love thy peace; while I had an estate in thee, I was free to offer my mite into thy public treasury, Guildhall, for a preservation to thee and the whole land; but by thy cheating sons in the thieving art of buying and selling, and by the burdens of and for the soldiery in the beginning of the war, I was beaten out both of estate and trade, and forced to accept of the good will of friends crediting of me, to live a country life; and there likewise the burden of taxes and much free-quarter, my weak back found the burden heavier than I could bear”. (WINSTANLEY, 1649. In: HILL, 2006: 127).

identidade (ou melhor, um aglomerado de identidades) pautada em questões como o desgosto frente às reformas no campo já mencionadas, os antagonismos provenientes de atritos entre grupos sociais distintos, a oposição à monarquia concomitante ao crescente desgosto frente à autoridade dos *roundheads*, e ainda numa percepção profética sobre o contexto que viviam, calcada numa concepção cristã anticlerical.

1.3 - PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE OS DIGGERS.

Ao longo da história da historiografia, o contexto inglês entre os anos de 1640 e 1660 passou por uma sequência de apropriações e reapropriações, sendo por vezes referenciado como Revolução, Guerra Civil, Interregnum, ou ainda, Guerras de Religião, dependendo do posicionamento teórico e político do autor. De modo similar, os Diggers também foram trabalhados a partir de abordagens bastante diferentes ao longo do tempo, que os levaram a serem interpretados desde como precursores marxistas, até como um grupo essencialmente de não conformistas Protestantes.

Enquanto alguns historiadores, como Lawrence Stone, por exemplo, consideraram os Diggers como praticamente irrelevantes para a compreensão do cenário revolucionário (STONE, 1996: 55), outros, como Christopher Hill, com seu hoje clássico “O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640” (1987) compreendeu-os como havendo sido camponeses revestidos de certa carga de radicalidade “à esquerda”. Isso significa a composição das origens de um pensamento político de cunho comunista e revolucionário, possuindo um projeto político para a realização de uma revolução econômica e social na Inglaterra seiscentista (HILL, 1987: 127). Para Hill, é possível analisar os Diggers, bem como demais conflitos e grupos do período da Revolução Inglesa, a partir de uma

perspectiva de embate de classes, com os Diggers no caso caracterizando uma ala de camponeses pobres cujos interesses englobavam:

[...] menos as questões constitucionais e mais as econômicas: defender os pobres contra os ricos, a gente do povo contra os grandes do país – o que, é de se suspeitar, deveriam ser as questões principais na mente das classes mais pobres durante os últimos anos da década de 1640 (HILL, 1987: 124).

Um dos influenciadores do pensamento e das interpretações de Hill sobre os Diggers foi David Petegorsky, que em 1940 publica o livro *Left-wing democracy in the English Civil War: a study of the social philosophy of Gerrard Winstanley*. Conforme evidenciado pelo próprio título, a interpretação de Petegorsky, tal como a de Hill, carregou muita influência do contexto nos quais estes historiadores estavam escrevendo. Petegorsky situa os Diggers como uma experiência coletiva que fazia parte da história do desenvolvimento do pensamento socialista (PETEGORSKY, 1995: 9), também entendendo a Revolução Inglesa como um conflito marcado pela luta de classes, e é a partir de tal referencial político que ele desenvolverá sua análise do grupo. Ainda que demonstrando certa preocupação em não classificar todas as revoltas e movimentos ingleses que tiveram por base a questão agrária direta e anacronicamente como socialistas no sentido contemporâneo do termo⁶⁴, na interpretação de Petegorsky a partir do século XVII, com os *enclosures*, já se faz possível realizar tais inferências acerca de movimentações dessa natureza. Isso o leva a uma interpretação extremamente viesada ideologicamente acerca dos Diggers, alocando-os dentro de uma linearidade histórica de desenvolvimento da ideologia comunista, conforme é possível evidenciar na passagem a seguir:

⁶⁴ “Não estou querendo dizer, apresso-me em enfatizar, que as primeiras revoltas agrárias da Inglaterra foram animadas por ideias socialistas ou guiadas por uma teoria social global. Tampouco tais revoltas podem ser consideradas essencialmente movimentos de classe no sentido moderno do termo. Os homens que fizeram aquelas revoltas buscavam reparar injustiças específicas pelas quais eram oprimidos; eles estavam pouco interessados em reforjar as fundações da ordem social” (PETEGORSKY, 1995: 10). No original: : “This is not to say, let me hasten to emphasize, that the early agrarian revolts in England were animated by socialist ideals or guided by any comprehensive social theory. Nor can those risings be considered as primarily class movements in the modern sense of the term. The men who made those revolts were seeking the redress of particular grievances by which they were oppressed; they were little interested in remaking the foundations of the social order”. Tradução da autora.

Um dos capítulos mais impressionantes da história do socialismo é aquele escrito por Gerrard Winstanley e o Movimento Digger durante a Guerra Civil no século XVII. A Guerra Civil foi um dos momentos mais decisivos da história inglesa. Foi um desafio pelo poder entre as classes sociais. Foi um período de ebulição e mudança revolucionária. Foram abertas as comportas do pensamento político. Ela trouxe da forma mais aguda o problema básico de todas as revoluções, a relação entre o poder econômico e o poder político. O Movimento Digger nesse período representa mais um elo na longa cadeia de pensamento socialista que os sucessivos séculos de revolta agrária haviam forjado; ele representa, também, um dos episódios mais significativos na história do socialismo. Pois os Diggers foram, sem dúvida, um movimento dos despossuídos e dos sem-propriedade; sua doutrina social era uma ideologia totalmente proletária. Erguendo-se sobre o divisor de águas da história inglesa, eles representam os primórdios do socialismo moderno, porque olharam mais para o futuro e não para o passado (...)⁶⁵. (PETEGORSKY, 1995: 13).

Este tipo de interpretação, conforme já citado anteriormente, vem sofrendo uma série de críticas no que se refere ao reducionismo que inflige aos atores históricos. Acabam por “moldá-los”, de certa forma, a partir da denotação de relevância de algumas características, sobretudo estruturais e econômicas, aos atores em detrimento de outras, revestindo-os de uma radicalidade anacrônica que não contempla a complexidade de suas atuações.

Num nível mais profundo, a noção de relacionar o significado do pensamento político a uma série mais ampla de determinantes sociais foi rejeitada como uma forma de reducionismo social, que é inapropriada para a compreensão da teoria política em geral, e, em especial, o pensamento político moderno Inglês. Tomados em conjunto, anacronismo e reducionismos sociais têm sido atribuídos, por revisionistas, às interpretações marxista e "Whig" da história. O foco das interpretações marxistas sobre Gerrard Winstanley e os Diggers giram em torno da natureza do seu radicalismo. Marxistas, como David Petegorsky e Christopher Hill, enfatizaram o materialismo secular que esteve na base do comunismo radical do pensamento social e político de Winstanley. [...] São estes elementos do pensamento de Winstanley que são considerados mais radicais e, portanto, mais significativos, ao contrário dos aspectos teológicos e religiosos do

⁶⁵ No original: “One of the most arresting chapters in that early history of socialism is that written by Gerrard Winstanley and the Digger Movement during the Civil War in the seventeenth century. The Civil War was one of the most decisive turning-points in English history. It was a challenge for power between social classes. It was a period of revolutionary change and ferment. It threw open the flood-gates of political thought. It raised in its most acute form the basic problem of all revolutions, the relationship of economic to political power. The Digger Movement in that period represents another link in the long chain of socialist thought that successive centuries of agrarian revolt had forged; it represents, too, one of the most significant episodes in the history of socialism. For the Diggers were unquestionably a movement of the dispossessed and the propertyless; their social doctrine was wholly a proletarian ideology. Standing on the watershed of English history, they represent the beginnings of modern socialism, for they looked to the future rather than to the past; (...)”. Tradução da autora.

pensamento de Winstanley, que são conseqüentemente subestimados ou descartados como sendo somente um manto discursivo que serve apenas para mascarar os elementos mais racionalistas do seu pensamento.⁶⁶ (KENNEDY, 2006: 115).

Pode-se dizer que há atualmente a tendência de uma busca por interpretações interseccionais que explorem outras características do grupo que anteriormente foram relativamente negligenciadas, a partir de um ponto de vista crítico, buscando na medida do possível trabalhá-los de modo a contemplar toda sua complexidade – ainda que a partir de abordagens e interpretações profundamente diversas e heterogêneas.

Novos tratos dos Diggers, a partir de vieses marxistas que se propõem a levar em consideração em suas análises as críticas feitas àqueles historiadores dos anos 60 e 70, surgem a partir de perspectivas mais críticas. É o caso, por exemplo, de James Holstun, o qual destila uma análise dos Diggers a partir de uma concepção de que compreendê-los enquanto dentro de uma tradição de natureza comunista frente à terra não é automaticamente excludente com reconhecê-los como também havendo sido “místicos religiosos” (HOLSTUN, In: BRADSTOCK, 2000: 113).

Para Holstun, características como estas não são mutuamente excludentes, diferentemente da análise de George Juretic, por exemplo, que interpreta um processo de “secularização” do pensamento Digger durante o processo da Revolução, de modo a tentar enxergar no último panfleto publicado por Gerrard Winstanley, *The Law of Freedom*, um programa revolucionário radical secularizado para a implementação de um modelo de sociedade baseado na posse comum da terra, a partir de um viés comunista (JURETIC, 1975).

⁶⁶ No original: “At a deeper level, the notion of relating the meaning of political thought to a broader series of social determinants, has been rejected as a form of social reductionism that is inappropriate for an understanding of political theory in general, and early modern English political thought in particular. Taken together, anachronism and social reductionism have been attributed, by revisionists, to both Marxist and ‘Whig’ interpretations of history. The focus of Marxist interpretations of Gerrard Winstanley and the Diggers revolve around the nature of their radicalism. Marxists such as David Petergorsky and Christopher Hill emphasise the secular materialism that lay at the base of the radical communism of Winstanley’s social and political thought. [...] These are the elements of Winstanley’s thought that are deemed to be most radical and therefore most significant, as opposed to the theological and religious aspects of Winstanley’s thought that are subsequently downplayed or dismissed as a discursive cloak that serves merely to mask the more rationalist elements of his thought”. Tradução da autora.

Holstun propõe a compreensão dos Diggers como havendo sido um grupo que queria, de fato, alterar substancialmente as relações da sociedade frente à ideia de propriedade (HOLSTUN, 2000: 379) ao mesmo tempo em que possuíam posicionamentos profundamente enraizados em questões teológicas e milenaristas (HOLSTUN, 2000: 422-423), reiterando que tais concepções não devem ser interpretadas como mutuamente excludentes no século XVII. Ele critica, portanto, aqueles que classificam os Diggers como “pensadores religiosos pré-modernos, e não revolucionários sociais modernos – um argumento estranho, que implica que a religião existia fora da sociedade da primeira modernidade, e que sumira do mundo moderno.”⁶⁷ (HOLSTUN, 2000: 422-423).

O historiador Ariel Hessayon, que procura entender a dimensão da teologia protestante no pensamento e na atuação de Winstanley, problematizando de maneira crítica as características do pressuposto radicalismo do escritor Digger, o vê como um reformador protestante radical. Através da abordagem de outras esferas componentes do pensamento Digger, Hessayon procura, dentre outras coisas, fundamentar sua discordância das interpretações que posicionam os Diggers na origem (ou no caminho do desenvolvimento) de uma série de vertentes políticas de esquerda, tal como ele deixa claro já no primeiro parágrafo de seu artigo *Early Modern Communism: The Diggers and Community of Goods*:

Desde a sua redescoberta no século XIX – primeiro por historiadores Liberais, Socialistas, e Marxistas, e então por Protestantes não-conformistas - os Diggers Ingleses de 1649-1650 foram sucessivamente apropriados; sua imagem remodelada à serviço de novas doutrinas políticas que têm procurado legitimidade parcialmente através da ênfase em supostos antecedentes ideológicos. Em um artigo anterior eu demonstrei que as recentes tentativas de incorporar os Diggers dentro de uma herança Ecológica construída não são convincentes e que na pior das hipóteses estas novas "narrativas Ecológicas" são insensíveis ao contexto histórico. Da mesma forma, aqui eu quero mostrar como, seja por falta de compreensão dos pontos mais delicados da teologia Protestante ou por distorção deliberada, a maioria das explicações de implementação da doutrina da

⁶⁷ No original: “[...] casts the Diggers as premodern religious thinkers, not modern social revolutionaries – a strange argument, which implies that religion existed outside of early modern society, and that it has fled the modern world”. Tradução da autora.

comunidade de bens pelos Diggers foram equivocadas.⁶⁸ (HESSAYON, 2009: 1)

Já John Gurney optou por uma abordagem dos Diggers com foco sobre as relações estabelecidas na comunidade de Cobham, situada no condado de Surrey, local onde foram evidenciadas atividades do grupo. Seu livro *Brave Community: The Digger Movement in the English Revolution*, volta-se à descrição e análise detalhada das dinâmicas sociais de Cobham, as características econômicas e políticas da comunidade, e as relações desta com os Diggers enquanto movimento. Além disso, Gurney procura compreender a recepção das atividades promovidas pelos Diggers para a população local, demonstrando que, diferentemente de outras localidades onde eles haviam se estabelecido anteriormente, em Cobham esta recepção tivera muitos aspectos positivos, e ele tenta, portanto, evidenciar as razões para tanto.

Embora muitos Diggers tivessem poucas conexões locais, é evidente que durante todo o processo de ocupação alguns dos apoiadores mais ativos de Winstanley eram de Cobham. A oposição popular aos Diggers em Walton-on-Thames foi intensa e incessante, e, desde o início, os Diggers foram tratados lá como forasteiros. Suas experiências em Cobham, para onde eles transferiram suas atividades em agosto de 1649 e onde permaneceram até abril de 1650, foram bastante diferentes, e os sentimentos em relação a eles naquela paróquia eram muito mais complexos do que no caso de Walton. Para os habitantes de Cobham, o episódio Digger não representou uma imposição de fora, ou uma súbita incursão radical em uma comunidade rural desavisada, sem quaisquer vínculos locais. Fora, sobretudo, um episódio enraizado na experiência local, e que refletia as tensões e os conflitos que há muito afetavam aquela comunidade.⁶⁹ (GURNEY, 2007: 10).

⁶⁸ No original: “Since their rediscovery in the nineteenth century – first by Liberal, Socialist, and Marxist historians and then by Protestant nonconformists – the English Diggers of 1649-50 have been successively appropriated; their image refashioned in the service of new political doctrines that have sought legitimacy partly through emphasizing supposed ideological antecedents. In a previous article I demonstrated that recent attempts to incorporate the Diggers within a constructed Green heritage are unconvincing and that at worst these emerging “Green narratives” are insensitive to historical context. Similarly, here I want to show how, either through lack of understanding the finer points of Protestant theology or deliberate distortion, most explanations of the Diggers’ implementation of the doctrine of community of goods have been misleading”. Tradução da autora.

⁶⁹ No original: “Although many Diggers would have had few local connections, it is apparent that throughout the digging episode some of Winstanley’s most active supporters were from Cobham. Popular opposition to the Diggers in Walton-on-Thames was intense and unremitting, and from the start the Diggers were treated there as outsiders. Their experiences in Cobham, where they transferred their activities in August 1649 and where they remains until April 1650, were rather different, and feelings towards them in that parish were much more mixed than had been the case in Walton. For Cobham’s inhabitants, the Digger episode did not represent an imposition from the outside, or sudden incursion into an unsuspecting rural community by radicals, with no local ties. It was, rather, an episode rooted in local experience, and one that reflected tensions and conflicts that had long affected the community”. Tradução da autora.

Seu trabalho minucioso nos arquivos das localidades de Cobham e Walton-on-Thames, no condado de Surrey, foi de crucial importância para se refutar a ideia de que os Diggers formavam um grupo absolutamente homogêneo, pois ele possibilitou traçar pequenas biografias de diversos indivíduos que em algum momento estiveram envolvidos com as atividades Diggers destas localidades. Além disso, Gurney demonstrou as diferentes nuances das percepções sobre os Diggers por parte dos coevos destas duas localidades específicas, evidenciando que estas opiniões oscilaram de acordo com a localidade e o tempo.

Frequentemente pensou-se que os Diggers foram considerados forasteiros pelas comunidades nas quais eles atuaram, com suas atividades perturbadoras levando-os a serem expulsos das terras comunais por moradores locais enraivecidos. Entretanto, a realidade é mais complexa.⁷⁰ (GURNEY, 2007: 9).

Além disso, Gurney atenta para outra questão de extrema importância: o problema das análises que se propõem abordar os Diggers, mas que por vezes se limitam à figura de Gerrard Winstanley, colocando-o em uma posição de liderança que dificilmente seria possível de se comprovar historicamente sem haver uma dose grande de suposição. Ainda que compreendendo a tendência de centralização dos estudos na figura de Winstanley tendo em vista a sua importância para o movimento, Gurney defende a importância de se compreender e estudar os Diggers a partir de uma perspectiva de experiência coletiva, de grupo, para se evitar cair em análises individualistas de suas ações (GURNEY, 2007: 10).

Tem-se ainda o trabalho do cientista político Geoff Kennedy, que também estudou a radicalidade, além do pensamento político dos Diggers, com forte base de economia política, buscando também compreender a relação entre um pensamento político radical com a instauração do que ele denomina de “capitalismo agrário” na Inglaterra do século XVII.

⁷⁰ No original: “It has often been thought that the Diggers were outsiders to the communities in which they sought to operate, their disruptive activities leading to their swift ejection from the commons by angry locals. The reality is however more complex”. Tradução da autora.

Kennedy busca assim fazer uma história social do pensamento político, partindo de uma crítica ao marxismo ortodoxo, bem como à abordagem da Escola de Cambridge, que ele denomina de “revisionismo historicista” (KENNEDY, 2008: 44).

Kennedy também não rejeita por completo as interpretações marxistas com abordagem classista sobre eles, mas parte de um viés crítico desta visão, procurando não ignorar os embates de classe – conforme caracterizados por ele. Mas também não se limita a estes, buscando uma situação mais precisa do grupo na história da Revolução sem necessariamente refutar por completo preposições feitas por historiadores e teorias passadas.

Embora o pensamento de Winstanley não seja um sistema integrado ou doutrinário, não deixa de ser uma filosofia social abrangente que consiste em uma compreensão do desenvolvimento social e histórico, uma análise do desenvolvimento econômico e político, bem como uma teoria de governo e um programa para a reconstrução social.⁷¹ (KENNEDY, 2006: 115).

A análise de Kennedy tenta evidenciar, portanto, a dimensão social e política da atuação dos Diggers – com ênfase no estudo da questão da propriedade recorrendo ainda por vezes ao aporte materialista -, defendendo um radicalismo que se pauta na construção de uma sociedade futura, sem, contudo, denotar-lhes uma radicalidade secular, que ignora outros aspectos do projeto político Digger.

De modo geral, entre marxistas, revisionistas e “pós-revisionistas”, há uma disputa de interpretações que impera, tal como ficou evidente acima. Para os primeiros, na perspectiva crítica da *new left*, existia o anseio político de “conceder voz” a pessoas “esquecidas” pela história a partir de um recorte de classe, alocando os Diggers dentro de um contexto de mudança rumo ao capitalismo, transição esta que por sua vez estaria enquadrada num “etapismo” mais amplo rumo ao comunismo. Esta interpretação concede a qualidade de

⁷¹ No original: “Although Winstanley’s thought is not an integrated or doctrinal system, it is nonetheless a comprehensive social philosophy that consists of an understanding of social and historical development, an analysis of economic and political development, as well as a theory of government and a programme for social reconstruction”. Tradução da autora.

radical ao grupo baseado em prerrogativas que fazem referência a certo sentimento vanguardista, aliando também aqui uma reivindicação de experiências históricas como a dos Diggers enquanto parte de uma “história da esquerda”. De modo a evitar as falhas incutidas por análises demasiadamente orientadas ideológica e politicamente, os revisionistas atribuíram-se a tarefa de historicizar ao máximo estes sujeitos, rejeitando o estabelecimento anacrônico de ideias dentro das ações e manifestações políticas destes atores. Contudo, por vezes acabaram por negar a essência de uma possibilidade de atuação política de fato por parte de grupos como o dos Diggers:

Na tentativa de fornecer um correção para as tendências supostamente anacrônicas do marxismo, revisionistas têm procurado historicizar radicais do início da modernidade de formas que minam completamente os seus radicalismos. Ao historicizar radicais dentro de um contexto de práticas discursivas e de construções, revisionistas apagaram qualquer aspecto do significado social de radicais modernos como Gerrard Winstanley e os Diggers.⁷² (KENNEDY, 2006: 114).

Portanto, para haver algum sentido entre atribuir o adjetivo “radical” aos Diggers ou não, primeiro se faz necessário pontuar quais características do grupo os levam normalmente a carregar tal termo, e se com a devida contextualização este ainda se faz coerente. Ou seja, uma ideia ou ação só será considerada radical quando comparada a outras ideias e ações que permeiam o contexto no qual esta se constrói. É assim um termo *relativo*, e não hermeticamente fechado. “Radicalismo é, tal como conservadorismo, um termo de relação, e não um termo de conteúdo, e o seu carácter particular é, conseqüentemente, dependente das circunstâncias históricas em que é utilizado”⁷³ (ANTHONY, 2003. Apud FINNEGAN; HESSAYON, 2011: 6).

⁷² No original: “In attempting to provide a corrective to the allegedly anachronistic tendencies of Marxism, revisionists have sought to historicise early-modern radicals in ways that diminish their radicalism entirely. By historicizing radicals within a context of discursive practices and constructs, revisionists have purged any aspect of the social significance of early-modern radicals like Gerrard Winstanley and the Diggers”. Tradução da autora.

⁷³ No original: “Radicalism is, like conservatism, a relationship term not a content term, and its particular character is, therefore, dependent on the historical circumstances in which it is used”. Tradução da autora.

2 - “EU ESCREVI, EU AGI, EU TENHO PAZ”

Neste capítulo, serão trabalhadas as três vias de atuação apresentadas pelos Diggers: a escrita, a palavra falada e a “tomada de ação”. Para se compreender de que modo este viés de atuação escrita, especificamente, foi possível de ser concebido como uma via de ação, é necessário compreender o contexto referente à produção de cultura escrita no século XVII inglês. Em seguida, aborda-se a produção escrita associada aos Diggers em si, evidenciando que tipo de material foi produzido, e realizando um levantamento dos conteúdos trazidos por diferentes grupos Diggers, procurando divergências e convergências de atuação e postulação.

Serão abordadas as justificativas para as formas de ação utilizadas por eles, bem como de que forma se deram e desenvolveram, de que maneira a ideia de ação e consciência coletivas operam dentro das concepções destas vias de atuação, além de procurar compreender as representações construídas pelos Diggers sobre si e sobre aqueles com os quais se engajam em debates e disputas.

Por fim, será abordada o que, na concepção deles, seria a vida de “ação prática”, caracterizando as ocupações de terrenos baldios e comuns. Trabalhar-se-á também a forma como eles espalharam suas ideias através da “palavra falada”.

2.1 - LITERATURA E REVOLUÇÃO

Em termos gerais, para aqueles historiadores centrados sobre períodos mais recuados temporalmente, e que se propõem versar sobre indivíduos e grupos sociais os quais, normalmente, tiveram pouco ou praticamente nenhum acesso direto aos meios tradicionais de erudição e documentação histórica por se encontrarem às margens da sociedade (por quaisquer que sejam os motivos para tanto), lida-se com uma “barreira”. Referenciados

ocasionalmente como “os de baixo”, esta parcela da população por vezes é trabalhada em História a partir de fontes documentais produzidas por terceiros acerca dos mesmos, sobretudo por aqueles que integravam o sistema social dominante da época, como o Estado, homens, a Coroa e pessoas brancas, por exemplo, criando-se assim uma história única sobre estes demais sujeitos. Documentos oficiais com finalidades de levantamento econômico, documentos de cartórios e paróquias, bem como de processos jurídicos, são alguns exemplos destas fontes.

Contudo, com a popularização da prensa e o surgimento de uma variada gama de literaturas voltadas ao público “popular”, possibilita-se que estas histórias vistas de baixo possam adotar como fontes documentos literários cuja produção é bastante mais heterogênea. Cria-se então a possibilidade da preservação em palavras materiais de perspectivas, relatos, posicionamentos, rumores e opiniões pelas mãos de uma parcela consideravelmente mais variada da população. A literatura panfletária é um exemplo deste tipo de fonte que permite ao historiador que busca fazer uma história “de baixo” acessar um tipo de relato documental que não versa sobre seus sujeitos históricos unicamente da perspectiva da terceira pessoa, podendo-se, portanto, realizar análises mais ricas e interseccionais. Para tanto, é válido antes compreendermos o que possibilitou o advento deste acesso mais facilitado à cultura escrita, e, conseqüentemente, qual o impacto que esta terá no desenrolar de processos políticos como aqueles que marcaram o XVII inglês.

Em muitos casos, o transbordamento do embate político para a esfera da imprensa possibilitou a criação de um espaço onde os debates se tornavam mais acessíveis a uma parcela maior e mais variada da população, possibilitando além do acompanhamento, a criação de um novo tipo de agência e influência no desenrolar do processo revolucionário. Um desses casos foi, justamente, o da Revolução Inglesa. Nela, a circulação de impressos causou considerável impacto ao ponto de ser entendida como uma característica do período

que merece atenção e estudos específicos para que tal processo político possa ser compreendido de forma mais completa. Conforme defendido pelo historiador John Barnard:

O período entre 1640 e 1660, que engloba as Guerras Civis Inglesas, a execução do rei, o estabelecimento de uma *Commonwealth* republicana, sua substituição pelo Protetorado de Cromwell e, finalmente, a Restauração de Charles II, foi um contexto no qual a imprensa escrita desenvolveu um papel crítico, um papel reconhecido tanto por historiadores contemporâneos quanto posteriores. A atenção acadêmica tendeu a se centrar em dois tipos de publicação: a invenção dos periódicos e jornais, e a efusão extraordinária de ideias heterodoxas de diversos tipos em forma de panfletos, ambos os quais encontram-se extensivamente representados na Coleção Thomason⁷⁴. (BARNARD, 2001: 1).

Para se compreender este fenômeno, em primeiro lugar é importante ressaltar que, na Inglaterra dos Stuart, a cultura escrita impressa já se encontrava relativamente bem difundida e acessível desde o período Tudor, especialmente se comparado a demais localidades da Europa. As razões para tanto são diversas, mas podemos destacar como um fator determinante no que se refere à alfabetização a questão de que a Bíblia já se encontrava traduzida para o inglês a um preço bastante acessível desde o século XVI na Inglaterra, com os primeiros manuscritos da Bíblia traduzida para o inglês datando do século XIV, sob a autoria de John Wycliffe.

Essa difusão da cultura escrita se deu em grande parte devido ao contexto da Inglaterra posterior à consolidação do processo da Reforma Protestante ao longo do século XVI, onde dentre as mudanças culturais acarretadas pelo rompimento com a Igreja Católica, estava a ideia de que “o analfabetismo andava de mãos dadas com o ateísmo” (CRESSY, 2006: 42), ao invés do contrário. Era interessante para a consolidação desta nova ideologia religiosa a paulatina quebra das antigas relações de autoridade que permeavam a Igreja

⁷⁴ No original: “The period between 1640 and 1660, which experienced the English Civil Wars, the execution of the king, the establishment of a republican Commonwealth, its replacement by Cromwell’s Protectorate, and, finally, the Restoration of Charles II, was one in which the printing press played a critical role, a role recognized by both contemporaries and later historians. Scholarly attention has tended to center on two kinds of publishing: the invention of the periodical and newspaper press and the extraordinary outpouring of heterodox ideas of all kinds in pamphlet form, both of which are extensively represented in the Thomason Collection”. Tradução da autora.

Católica e seus representantes, como padres, bispos e cardeais, e a criação de uma cultura de acessibilidade direta aos textos sagrados contribuía para a ruptura da necessidade desta mediação.

Na Inglaterra, os efeitos da imprensa foram acelerados pela Reforma Protestante, a qual foi desde o início um movimento centrado na Bíblia e na cultura letrada. Já em 1538, igrejas paroquiais inglesas foram ordenadas a equiparem-se com uma Bíblia Inglesa destinada à leitura pública; e em 1539 uma tradução oficial foi publicada. Ao disponibilizar a Bíblia às pessoas comuns, a imprensa auxiliou a ideologia da Reforma de transferência da autoridade espiritual dos padres para as consciências individuais⁷⁵ (ACHINSTEIN, 2001: 52).

Com o advento da invenção da prensa mecânica por Johann Gutenberg, no século XV, o que paulatinamente possibilitou um maior acesso à Bíblia, tanto por questões de linguagem (por esta agora estar disponível em inglês), como também sob o ponto de vista econômico (visto que com a prensa a produção de material literário se tornava consideravelmente mais barata), cria-se bases para um processo de alfabetização que será direta e indiretamente incentivado pela própria Igreja Anglicana. O conjunto destes fatores nos permite compreender esta ampliação do acesso à cultura letrada na Inglaterra e, sobretudo, a dimensão que esta viria a ocupar no século XVII e o protagonismo que a imprensa teve nos conflitos que o marcaram.

Dessa forma, esta situação suscitou um alargamento das possibilidades de reflexão e conjuração de ideias e teorias por parte das pessoas comuns sobre os mais diversos assuntos, pois conforme explorado por Christopher Hill em seu livro “A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII”, agora o povo tinha a possibilidade de ler a Bíblia e tecer sobre ela suas próprias interpretações, sem passar pelo filtro que seriam os párocos. Além de incentivar o processo de alfabetização, abriu-se assim a possibilidade dos mais diversos grupos sociais buscarem na Bíblia soluções para seus problemas diários, já que “A tradução da Bíblia para o

⁷⁵ No original: “In England, the effects of printing were speeded by the Protestant Reformation, which from the beginning was a Bible-centred, literate movement. As early as 1538 English parish churches had been ordered to equip themselves with an English Bible for public reading; and in 1539 an official translation was published. By putting the Bible into the common people’s hands, printing assisted the ideology of the Reformation in its transfer of spiritual authority away from priests towards individual consciences”. Tradução da autora.

inglês tornou-se acessível a grupos sociais novos e mais amplos, incluindo artesãos e mulheres, que liam sobre seus próprios problemas e possíveis soluções no texto sagrado”. (HILL, 2003: 25).

Além disso, com um material inquestionavelmente autorizado agora à disposição para consulta direta de modo a embasarem suas reflexões e opiniões, abriam-se assim as portas para a possibilidade de um questionamento fundamentado por parte de uma parcela mais plural da sociedade. Sob os impactos de toda esta situação na sociedade, Hill defende a percepção de que isso acarretou uma verdadeira “revolução cultural” na Inglaterra:

A disponibilidade da Bíblia em inglês foi um grande estímulo ao aprendizado da leitura; e isso por sua vez assistiu ao desenvolvimento de publicações baratas e distribuição de livros. Foi uma revolução cultural de proporções sem precedentes, cujas consequências não podem ser subestimadas. O acesso direto ao texto sagrado deu aos leigos uma sensação de segurança que antes lhes faltava, o que serviu para fortalecer críticas de longa data à Igreja e ao clero. (HILL, 2003: 32).

Voltando às décadas entre 1640 e 1660, outro motivo pelo qual a imprensa escrita exerceu tamanha influência no período da Revolução, deve-se à significativa ampliação das liberdades de expressão e de crença⁷⁶ que a própria Revolução, com seus conflitos, acarretou. São diversos os motivos para tanto, como por exemplo, o fato de que a profunda instabilidade política que estava instalada suscitou uma desestabilização das instituições e demais forças que faziam as vezes de órgãos repressores, como a Igreja Anglicana centralizada na figura do monarca. A historiadora Verônica Calsoni Lima elucida a instabilidade que marcou o período e algumas de suas consequências para a imprensa:

Com as agitações políticas da Revolução Inglesa, os mecanismos de controle e censura diminuíram sensivelmente, proporcionando um novo momento de circulação de informação, no qual a imprensa tornou-se um meio de

⁷⁶“Ao final da guerra civil, tolerância religiosa existia na prática ainda que não na teoria, e era garantida pela existência do Exército de Novo Tipo”. (HILL, 2006: 15). No original: “By the end of the civil war religious toleration existed in fact if not in theory, and was guaranteed by the existence of the New Model Army”. Tradução da autora.

comunicação e disseminação de ideias não apenas das elites, mas de uma variedade de pessoas e grupos. Assim, o mercado livreiro enchia-se de textos impressos provenientes de diferentes camadas sociais e de diversas concepções político-religiosas. (LIMA, 2014: 103-104).

Ou seja, o período da Guerra Civil foi marcado por uma verdadeira expansão do mundo literário impresso, em suas mais variadas formas: salmos, poemas, panfletos, baladas, livros de música, enfim, diversos tipos de materiais literários começavam a se tornar mais acessíveis para um público leitor amplo e socialmente diverso. O gráfico a seguir, de Joad Raymond, apresenta a relação de volume por ano referente às publicações literárias impressas na Inglaterra entre 1588 e 1687.

Figura 6 -- Relação do volume de produção literária impressa por ano na Inglaterra



Fonte: RAYMOND, 2003: 164.

Percebe-se um considerável aumento das publicações de impressos a partir de 1640, ano da dissolução do *Short Parliament* que gera o acirramento das tensões entre Rei e Parlamento, resultando em maior instabilidade política. O próximo pico, por volta de 1648 e 1649, engloba período da eclosão da Segunda Guerra Civil, seguida do aprisionamento de

Charles I e do Expurgo do Coronel Thomas Pride (*Pride's Purge*)⁷⁷, culminando na execução do rei em 20 de janeiro de 1649. E finalmente, o período entre 1657 e 1660 é quando ocorre a morte de Oliver Cromwell (3 de setembro de 1658), que é sucedido como *Lord Protector* por seu filho, Richard Cromwell, marcando o início do colapso do Protetorado, mergulhando a Inglaterra num caos político que só se abrandaria com a restauração monárquica em 1660 com Charles II. Ou seja, os grandes picos de publicações estão atrelados a momentos de maior instabilidade e consequentemente menores possibilidades de controle por parte das autoridades sobre o que era produzido e o que circulava.

Este contexto provou-se especialmente fértil para o surgimento de uma forma específica de veículo literário: os panfletos, em especial os de cunho político. As *Pamphlet Wars*⁷⁸, conforme Thomas N. Cors intitulou um subcapítulo de seu “A History of Seventeenth Century English Literature”⁷⁹, passaram a fazer parte do cenário inglês (mais marcadamente o londrino, onde ocorria a maior parte das impressões e publicações literárias⁸⁰), de maneira bastante enfática. É possível termos uma ideia aproximada do grande volume de publicação e circulação destes panfletos (de autoria dos mais variados grupos políticos, como Regalistas, Parlamentaristas, Independentes, Pentamonarquistas, Levellers, Diggers, dentre outros), através da coleção de George Thomason.

A razão pela qual esta coleção se caracteriza como uma amostragem interessante da circulação de impressos ao longo do período da Revolução é pelo fato de que George Thomason foi um livreiro regalista incumbido pelo próprio rei Charles I da tarefa de coletar o maior número possível dos mais variados impressos (de panfletos a livros) que circularam na

⁷⁷Evento no qual membros do parlamento que eram contrários à execução de Charles I foram retirados à força da composição da composição do parlamento por parte de membros do Exército. Essa situação gerou o chamado *Rump Parliament*, que, agora completamente desfalcado, aprovava a condenação do rei à morte.

⁷⁸ Em português: “Guerras Panfletárias”. Tradução da autora.

⁷⁹ CORS, Thomas N. **A History of Seventeenth Century English Literatur**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

⁸⁰ Legalmente, as únicas cidades autorizadas a efetuar publicações eram Londres (que acumulava o maior volume), Cambridge e Oxford, o que não significava que publicações clandestinas não eram realizadas em outras cidades. (ACHINSTEIN, 2001: 54).

Inglaterra entre os anos de 1640 e 1663. Ou seja, o trabalho metuculoso de preservação efetuado por Thomason resultou em uma amostragem riquíssima do exuberante tráfego de impressões que marcava a Inglaterra Revolucionária, e os panfletos políticos caracterizam uma parte expressiva desta coleção:

Após 1640, a natureza distinta do panfleto tornou-se mais evidente. Em 1640-1 o livreiro George Thomason começou a coletar panfletos porque ele reconhecia suas importâncias enquanto documentos de tempos controversos; ninguém havia coletado panfletos ingleses de modo sistemático antes disso. (RAYMOND, 2003: 6)⁸¹.

Sua coleção alcançando a incrível soma de 22 mil itens. Tais documentos encontram-se atualmente preservados na British Library (sob o nome de *Thomason Tracts*), estando também inteiramente disponíveis *online* através da plataforma paga de base de dados *Early English Books Online* (EEBO).

De modo a utilizar estes panfletos como fonte histórica, é indispensável entendermos o que de fato caracterizava estas fontes como tal no século XVII, de modo a evitar uma ideia anacrônica do documento. Raymond fornece uma descrição sobre o que seria um panfleto neste contexto:

O que era um panfleto? Em primeiro lugar era um livro pequeno de formato in-quarto. Algumas terminologias de impressão serão necessárias neste momento. O formato e tamanho de um livro impresso no início do período moderno eram determinados pelas proporções do papel no qual ele era impresso e pelo número de vezes que esse papel seria dobrado. O tamanho influenciava o status. Um fólio era feito de folhas dobradas uma única vez, resultando em um livro grande e incomum; um in-quarto era feito de folhas dobradas duas vezes; e um in-octavo de folhas dobradas três vezes, produzindo um pequeno livro. Esses formatos menos prestigiosos eram utilizados para diversos propósitos. Um panfleto tipicamente consistia de uma a doze folhas, ou de oito a noventa e seis páginas em modo in-quarto (RAYMOND, 2003: 5)⁸².

⁸¹ No original: “After 1640 the distinctive nature of a pamphlet became more evident. In 1640-1 the bookseller George Thomason began collecting pamphlets because he recognized their importance as documents of controversial times; no one had systematically collected English pamphlets before then”. Tradução da autora.

⁸² No original: “What was a pamphlet? In the first instance it was a short, quarto book. Some printing terminology will be useful at this point. The format and size of an early modern printed book was determined by the proportions of the paper on which it was printed and the number of times the paper was folded. Size

Estes panfletos eram veículos literários de expressão que possuíam um baixo custo de produção e, conseqüentemente, seu preço de venda também era baixo. Isso os tornava acessíveis a uma parcela maior e mais plural da população inglesa, além de serem leves e de encadernação simples, o que também facilitava em sua circulação:

Um Panfleto, sendo um pequeno volume portátil, e de pequeno Preço, e pouco Complicado, parece adaptável ao Entendimento de todos, à Leitura de todos, à Compra de todos, e conseqüentemente tornou-se Objeto e Assunto de escolha da maior parte da População, adaptável às suas Capacidades e Habilidades. (DAVIS, 1716: 1 apud RAYMOND, 2003: 7)⁸³.

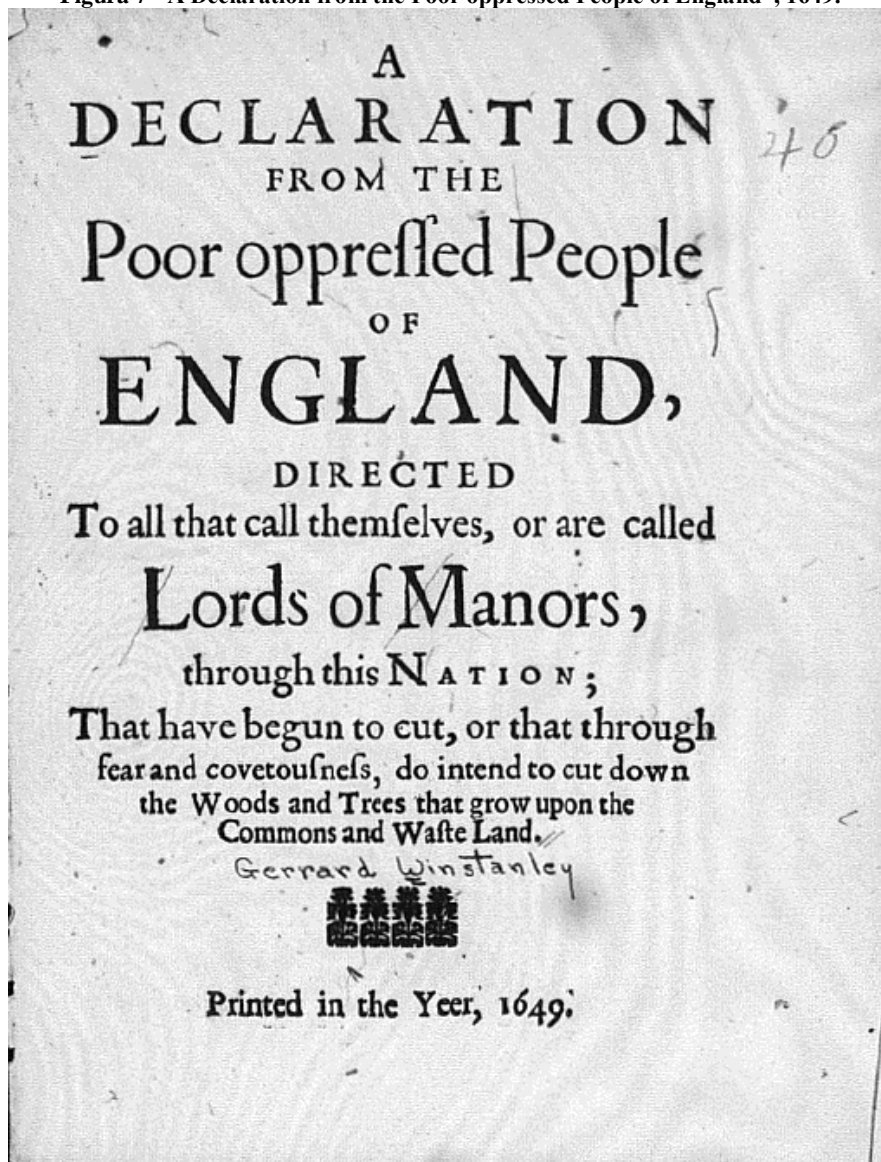
Segue abaixo um exemplo de uma típica primeira página de um panfleto do século

XVII:

influenced status. A folio was made from sheets folded once, resulting in a large and usually grand book; a quarto was made from sheets folded twice; and an octavo from sheets folded three times, producing a correspondingly small book. These less prestigious formats were used for diverse purposes. A pamphlet typically consisted of between one sheet and a maximum of twelve sheets, or between eight and ninety-six pages in quarto”. Tradução da autora.

⁸³ No original: “For a Pamphlet being of a small portable Bulk, and of no great Price, and of no great Difficulty, seems adapted for every one’s Understanding, for every one’s Reading, for every one’s Buying, and consequently becomes a fit Object and Subject of most People’s Choice, Capacity and Ability”. Tradução da autora.

Figura 7 - "A Declaration from the Poor oppressed People of England", 1649.




Fonte: "The English Digger Writings – A chronological index to the publications of Gerrard Winstanley and the Diggers, 1648-1652". Disponível em: <http://www.diggers.org/digger_tracts.htm>. Acessado em 26/06/2016.

Além dos panfletos (*pamphlets*), em meio às produções literárias Diggers existiram também os chamados *broadsides*, que se caracterizavam por consistirem em uma única folha de papel, larga, cuja impressão ocupava apenas um de seus versos. Tal como no caso dos panfletos, *broadsides* eram de fácil reprodução e possuíam um custo de impressão bastante baixo, sendo utilizados normalmente para a veiculação de algo que se tinha como “efêmero”, sem a intenção de constituir uma peça de literatura durável, podendo também ser colados para a disseminação de uma ideia, reivindicação ou acontecimento (GREEN; PETERS, 2006: 82). Abaixo segue exemplo de um *broadside* Digger publicado em 1649.

Figura 8 - "A Declaration of the Diggers of Wellingborough", 1649.

A Declaration of the Grounds and Reasons why we the
Poor Inhabitants of the Town of Wellingborough, in the County of Northampton, have begun
and give consent to dig up, manure and sow Corn upon the Common, and waste ground,
called Barebanke, belonging to the Inhabitants of Wellingborough, by those that have
subscribed, and hundreds more that give Consent.

 We find in the Word of God, that God made the Earth for the use and comfort of all Mankind, and let him in it to till and dresse it, and said, That in the sweat of his brows he should eat his bread; and also we find, that God never gave it to any sort of people, that they should have it all to themselves, and shut out all the rest, but he saith, The Earth hath he given to the children of men, which is every man.

2. We find, that no creature that ever God made was ever deprived of the benefit of the Earth, but Mankind; and that it is nothing but covetousnesse, pride, and hardnesse of heart, that hath caused man so far to degenerate.

3. We find in the Scriptures, that the Prophets and Apostles have left it upon Record, That in the last days the oppressor and proud man shall cease, and God will restore the waste places of the Earth to the use and comfort of Man, and that none shall hurt nor destroy in all his holy Mountain.

4. We have great Encouragement from these two righteous Acts, which the Parliament of England have set forth, the one against Kingly Power, the other to make England a Free Common-wealth.

5. We are necessitated from our present necessity to do this, and we hope that our Actions will justify us in the gate, when all men shall know the truth of our necessity: We are in Wellingborough in one Parish 1169 persons that receive Alms, as the Officers have made it appear at the Quarter Sessions last: we have made our Case known to the Justices, the Justices have given Order that the Town should raise a Stock to set us on work, and that the Hundred should be enjoined to assist them; but as yet we see nothing is done, nor any man that goeth about it; we have spent all we have, our trading is decayed, our wives and children cry for bread, our lives are a burden to us, divers of us having 5.6.7.8.9. in Family, and we cannot get bread for one of them by our labor; rich mens hearts are hardened; they will not give us if we beg at their doors; if we steal, the Law will end our lives, divers of the poor are starved to death already, and it were better for us that are living to dye by the Sword then by the Famine: And now we consider that the Earth is our Mother, and that God hath given it to the children of men, and that the common and waste Grounds belong to the poor, and that we have a right to the common ground both from the Law of the Land, Reason and Scriptures; and therefore we have begun to bestow our righteous labor upon it, and we shall trust the Spirit for a blessing upon our labor, resolving not to dig up any mans propriety, until they freely give us it; and truly we find great comfort already, through the goodness of our God: that some of those rich men amongst us, that have had the greatest profit upon the Common, have freely given us their share in it, as one Mr John Freeman, Thomas Notingham and John Clendon, and divers others; and the Country Farmers have proffered divers of them to give us Seed to sow it, and so we find that God is perswading Japheth to dwell in the tents of Shem: and truly those that we find most against us are such as have been constant enemies to the Parliaments Cause from first to last.

Now at last our desire is, That some that approve of this work of Righteousnesse, would but spread this our Declaration before the great Council of the Land, that so they may be pleased to give us more encouragement to go on, that so they may be found amongst the small number of those that considers the poor and needy, that so the Lord may deliver them in the time of their troubles, and then they will not be found amongst those that Solomon speaks of, which withhold the Corn (or the Land) from the Poor, which the people shall curse, but blessing shall be upon the heads of those Rulers that sell Corn, and that will let the poor labor upon the Earth to get them Corn, and our lines shall bless them, so shall good men stand by them, and evil men shall be afraid of them, and they shall be counted the Repairers of our Breaches, and the Restorers of our Paths to dwell in. And thus we have declared the truth of our necessity; and whosoever will come in to us to labor with us, shall have part with us, and we with them, and we shall all of us endeavor to walk righteously and peaceably in the Land of our Nativity.

*Richard Smith. John Avery. Thomas Fardin. Richard Pennington. James Pitman.
 Roger Tuis. Joseph Hichcock. John Pye. Edward Turner.*

LONDON, Printed for Giles Calvert. ¹⁶⁴⁹ ~~1650~~ Mar. 12

Fonte: "A Declaration by the Diggers of Wellingborough". Disponível em:
 <<http://www.rogerlovejoy.co.uk/philosophy/diggers/diggers3.htm>>. Acessado em 26/06/2016.

Os motivos que impulsionavam os livreiros ingleses a publicarem este tipo de material eram diversos, variando entre questões financeiras, laços pessoais com atores políticos, ou mesmo para apoiar uma determinada causa política e/ou religiosa (TUBB, 2013: 288). Enquanto alguns publicavam simultaneamente panfletos oriundos dos mais antagônicos grupos políticos, como é o caso do impressor Henry Hills (ibidem: 293), outros se dedicavam

exclusivamente a publicar e vender material referente à bandeira que defendiam durante a Revolução. No que se refere às publicações de material relacionado a grupos Digger, destaca-se o livreiro Giles Calvert.

Conforme dito anteriormente, estes panfletos serviam como meio de veiculação de ideias para os mais diversos grupos políticos e sociais, nas palavras de Achinstein, “os impressos eram percebidos como vitais para causas políticas mesmo pelos mais humildes dos ativistas políticos”⁸⁴ (ACHINSTEIN, 2001: 61). Com a imprensa se expandindo, e a leitura e a escrita estando mais bem disseminadas entre diferentes camadas sociais, os panfletos foram um viés de literário que devido suas características tinham o potencial de atingir desde os segmentos mais marginalizados da população inglesa, até o mais alto escalão do Exército.

Na minha opinião – e aqui eu concordo largamente com o posicionamento defendido por Sharon Achinstein em *Milton and the Revolutionary Reader* – Milton, Winstanley, e escritores Levellers como Walwyn, Overton e Lilburne, enquanto observavam o decoro de se dirigirem a audiências específicas em diferentes circunstâncias, tinham um projeto em comum: a criação de uma esfera pública de discurso a qual, pela sua mera existência, desafiava a hegemonia das elites tradicionais⁸⁵. (CHERNAIK, In: BRADSTOCK, 2013: 96).

A imprensa constitui-se, assim, em uma arena de embate político que estabelece uma via de mão dupla com os processos revolucionários: enquanto o próprio cenário da imprensa é potencializado pelas consequências acarretadas pelo período revolucionário, ela também serve para inflamá-lo e edificá-lo.

⁸⁴ No original: “Print was perceived even by these most humble of political activists as vital to their cause”. Tradução da autora.

⁸⁵ No original: “In my view - and here I largely agree with the position argued by Sharon Achinstein in *Milton and the Revolutionary Reader* – Milton, Winstanley and such Leveller pamphleteers as Walwyn, Overton and Lilburne, while observing the decorum of addressing particular audiences in different circumstances, share in a common project: the creation of a public sphere of discourse which, by its very existence, challenged the hegemony of traditional ruling elites”. Tradução da autora.

2.2 – OS DIGGERS ATRAVÉS DE SEUS PANFLETOS.

Graças à vasta coleção montada por George Thomason, podemos ter uma ideia da dimensão ocupada pela esfera literária como via de atuação política no século XVII. Os panfletos Diggers que dessa forma se mantiveram preservados nos auxiliam a compreender os debates e disputas nos quais estes se engajavam, como as de construções de identidades, ao passo em que nos permitem procurar compreender as motivações e justificativas para as ações que tomavam. Ainda que os Diggers concebessem “escrever” e “tomar ação” como duas coisas diferentes - relacionando a primeira com “espalhar uma ideia” e a segunda com a colocação na prática de tal ideia -, a verdade é que estes escritos caracterizaram, por si só, também uma forma de ação.

E ainda assim, a palavra falada, escrita e impressa era essencial para a elaboração da ideologia Digger, especialmente se for vista como o resultado final de uma série de movimentos ocorridos no pensamento puritano radical durante a década de 1640. A comuna da Colina de São Jorge teria durado menos tempo, já que Winstanley não poderia ter recorrido a Fairfax e à cidade de Londres. O plano para uma extensa série de comunas em todo o país não poderia ter existido fora da forma escrita: daí a *Lei da Liberdade em uma Plataforma* (1652)⁸⁶. (SMITH, 1999: 47).

A produção escrita Digger foi bastante marcada pela possibilidade de se evidenciar uma busca constante de um estabelecimento de diálogo, com os mais diversos interlocutores. Desde direcionamentos ao general Fairfax, ou a figuras de autoridades locais, como Francis Drake, senhoril da região da colina de São Jorge, a grupos como o parlamento, o exército, a *gentry*, a Igreja, os proprietários de terras, ou ainda à população em um sentido mais geral, fica bastante clara a intencionalidade de se engajarem em um diálogo de movimentação social

⁸⁶ No original: “And yet the spoken, written and printed word was essential for the elaboration of the Digger ideology, especially if it is seen as the end result of a series of moves occurring in radical Puritan thought during the 1640s. The commune at St George’s Hill would have lasted for less time, since Winstanley would have been unable to appeal to both Fairfax and the City of London. The plan for an extended series of communes across the nation could not have existed outside written form: hence *The Law of Freedom in a Platform* (1652)”. Tradução da autora.

e política. Dada a natureza do panfleto (e dos *broadsides*), de ser uma modalidade literária cuja intencionalidade não é de longa duração – como um livro, por exemplo – mas sobretudo a circulação e disseminação, a procura pelo estabelecimento destes “diálogos” está direta e indiretamente relacionada ao alargamento do debate, de modo a disputar as visões e representações que estão sendo construídas sobre eles, conforme mencionado previamente no primeiro capítulo.

Os panfletos e *broadsides* Diggers possuíram as características da linguagem em geral ser bastante simples, até porque é necessário manter em mente que o objetivo deste documento era a propaganda, a comunicação, e não necessariamente se tornar um tratado teórico profundo – não excluindo, entretanto, esta possibilidade. Trata-se aqui de “propaganda” no sentido de efetivamente procurarem promover a propagação, a disseminação, de suas ideias e reivindicações para um maior número de pessoas e localidades diferentes. Além disso, nota-se em sua retórica a tentativa de convencer o interlocutor de seus panfletos da validade de seus argumentos e posicionamentos, justificando e embasando suas ações, procurando estabelecer, conforme visto anteriormente, um efetivo diálogo com as autoridades e a população. Com os panfletos, portanto, buscam efetivamente convencer seus interlocutores da validade e relevância da causa que defendiam.

Marcas de oralidade se fazem presentes no correr dos textos, com forte repetição de palavras e ideias de forma enfática, o que mostra que possam ter sido panfletos escritos com o intuito da leitura em voz alta dos mesmos para um público maior – um hábito à época, ainda resquício da cultura oral que predominava em meio a vastas camadas da população. Dentre as obras e documentos referenciados nestes panfletos, estão a Magna Carta e, em grande escala, as Escrituras Bíblicas⁸⁷.

⁸⁷ A Bíblia referenciada pelos Diggers é, muito provavelmente, a chamada “Bíblia do rei James”, cuja tradução fora encomendada pelo rei James I & VI no início do século XVII.

O panfleto *Digger*, por outro lado, não está à vontade em seu próprio tempo. Com suas repetições, ausência de estrutura, sem seguir as lógicas gramaticais, sua natureza serial, e sua súplica dialógica por uma resposta, sugere um *novum* ainda não existente, e não um *plenum* intemporal. Qualquer um decepcionado com sua pobreza descritiva está empregando uma estética alheia à sua experiência de classe, pois a terra de trabalho não é uma paisagem⁸⁸(HOLSTUN, 2000: 420).

Ao todo, são conhecidos cerca de vinte e seis documentos, entre cartas, panfletos, *broadside*s e petições, que são atribuídos a Diggers tanto em questões referentes à autoria quanto à natureza de conteúdo. As versões originais da maior parte destes documentos estão preservados na já mencionada coleção *Thomason Tracts*, da British Library. Keith Thomas, autor do hoje clássico livro “Religião e o Declínio da Magia”, também fez uma importante contribuição para os estudos dos Diggers, com um artigo publicado na *Past and Present*, em 1969, intitulado *Another Digger Broadside*⁸⁹, onde ele evidencia a existência de outro panfleto *Digger*, datado de 1650, que não consta na coleção de George Thomason da British Library. O panfleto, disponibilizado então através de publicação na revista, intitula-se *A Declaration of the grounds and Reasons, why we the poor Inhabitants of the Parrish of Iver in Bukcinghamshire, have begun to digge and manure the common and wast Land belonging to the aforesaid Inhabitants, and there are many more that gives consent*.

Ao disponibilizar este pouco conhecido panfleto na *Past and Present*, Thomas agiu em consonância a uma publicação feita no ano anterior na mesma revista por G. E. Aylmer, onde ele publicara⁹⁰ de forma inédita um panfleto recém-descoberto de autoria de Gerrard Winstanley, chamado *England’s Spirit Unfoulded*, também datando de 1650. O ato destes autores serviu muito mais do que para “apenas” disponibilizar de forma prática dois panfletos relativamente desconhecidos. Servira, também, para chamar atenção ao fato de que não é

⁸⁸No original: “The Digger pamphlet, on the other hand, is ill at ease in its own present. With its repetitions, structurelessness, ungrammatically, serial being, and dialogical plea for a response, it suggests a not-yet-existent *novum*, not a timeless *plenum*. Anyone disappointed at its descriptive poverty is employing an aesthetic foreign to its class experience, for the worked earth is not a landscape”. Tradução da autora.

⁸⁹THOMAS, Keith. “Another Digger Broadside”. *Past and Present*, Oxford, n. 42, p. 57-68, 1969.

⁹⁰AYLMER, G. E.; WINSTANLEY, Gerrard. “England’s Spirit Unfoulded, or an Incouragement to take the Engagement: a newly discovered pamphlet”. *Past and Present*, Oxford, n. 40, p. 3-15, 1968.

possível afirmar com certeza que a coleção de Thomason, por mais rica que seja, contemple todos os materiais publicados pelos Diggers ao longo do período da Revolução, uma vez que estes dois panfletos, por exemplo, foram encontrados em outras coleções da Guildhall Library⁹¹.

Nas últimas décadas, alguns historiadores publicaram compilações destes documentos, como George H. Sabine em 1965, Christopher Hill em 1973 e, mais recentemente, Thomas N. Corns, Ann Hughes e David Loewenstein em 2009 – esta última é considerada a mais completa compilação existente atualmente. Contudo, uma característica comum a todos estes três trabalhos, é que eles se colocaram a compilar apenas materiais de autoria de Gerrard Winstanley, ou seja, não há, ainda, um trabalho desta natureza que tenha tido por objetivo reunir e correlacionar todo o material existente que está, de alguma forma, classificado como sendo Digger – ou ainda, que tenha se atrevido a esboçar quais seriam as questões que correlacionariam estes documentos sob o manto de “autoria Digger”⁹².

A questão da autoria no caso da produção Digger é algo que nos suscita uma série de questionamentos. Adotando a abordagem de Chartier, que problematiza, a partir de Foucault, a questão da chamada “função-autor”, que advém da consideração do autor como “uma

⁹¹Ressalta-se que estes são os dois únicos panfletos aos quais não foi possível conseguir acesso à cópia original para a utilização no presente trabalho, uma vez que o acervo da Guildhall Library ainda não se encontra disponível para consulta *online*. Portanto, trabalhou-se com as publicações feitas por Thomas e Aylmer dos mesmos na *Past and Present*.

⁹²Inclusive, percebe-se que, na atualidade, diversos trabalhos que se propõem a versar acerca da temática dos Diggers acabam, na realidade, sendo trabalhos sobre Gerrard Winstanley, de modo praticamente exclusivo. Pensa-se que isto é extremamente problemático, uma vez que acaba-se por reduzir todo um conjunto de ideias e ações que existiram essencialmente na esfera coletiva à trajetória pessoal de um único indivíduo, estabelecendo relações diretas e absolutas entre posicionamentos religiosos, morais, políticos e sociais de Winstanley como características dos Diggers enquanto grupo. Ainda que seja um fato que a existência de Winstanley e sua atuação escrita estejam intrinsecamente relacionados aos Digger – dentro de uma dupla via de influência – reduzir uma caracterização do que foram e o que representaram os Diggers na história ao que Gerrard Winstanley, como pensador, representou, é relevar (e mesmo invisibilizar) a questão da agência coletiva e da existência de identidades coletivas operando dentro do contexto político e cultural da Revolução Inglesa. Ou seja, a experiência coletiva que estes documentos representam é progressivamente apagada em prol “da obra de Gerrard Winstanley”, da “trajetória de Gerrard Winstanley”, da “filosofia política de Gerrard Winstanley”, etc. Nota-se: a problemática não se encontra em realizar este tipo de produção; ela está em se *propor* a uma abordagem dos Diggers e na prática promover uma análise absolutamente centrada em Winstanley, reduzindo e centralizando em sua figura a totalidade dos Diggers.

função de classificação dos discursos” (CHARTIER, 2012: 29), propondo se distanciar da exploração deste enquanto indivíduo (CHARTIER, 2012: 27):

Trata-se, portanto, de considerar o autor como uma função variável e complexa do discurso, e não a partir da evidência imediata de sua existência individual ou social. Do que decorre a constatação fundamental: “a *função autor* é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade”. (CHARTIER, 2012: 27).

Nesse sentido, “o autor” alarga-se para muito além de um nome particular assimilado a um texto. No nosso caso, significa que a autoria deve ser considerada para além do(s) nome(s) que consta(m) assinado(s) ao final de um panfleto – e que na eventualidade da virtual ausência deste tipo de referência (no caso, um panfleto onde não constam quaisquer nomes assinados, caracterizando-o então como anônimo), esta ausência também denota uma caracterização ao discurso ali contido. Chartier também diferencia “função autor” de “produtor(es) do texto”, e atribui ao “autor” uma ideia de aglutinação de identidades, de “ficção”⁹³. Ao estabelecer uma relação entre a autoria e a construção de identidades e sujeitos, Chartier torna possível a interpretação de questões referentes à autoria nos panfletos Digger com aquelas de construção de uma identidade coletiva, da qual partirá uma agência coletiva.

Logo, essa “função autor” [...] é, de início, uma função de classificação dos discursos que permite as exclusões ou as inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única. Ela é, nesse sentido, fundadora da própria noção de obra e caracteriza certo modo de existência em comum de alguns discursos que são atribuídos a um único lugar de expressão e, por isso, ela própria é a responsável pela noção de escrita. [...] Enfim, essa função é produzida por operações complexas que se estabelecem no afastamento radical entre o nome do autor e o indivíduo real, entre uma categoria do discurso e o eu subjetivo. [...] Disso decorre a ideia de uma função que conduz de uma pluralidade de posições de autores, a uma individualidade autoral única ou, ao contrário, de uma função que é princípio de identificação do discurso e que pode ser possivelmente atribuída a diferentes indivíduos, concorrentes ou colaboradores. (ibidem: 29-30).

⁹³ Seu exemplo clássico para esta situação é a da analogia com a questão da “pessoa jurídica” dentro da lógica do direito. (ibidem: 30).

Pensando o caso Digger, para além de nos engajarmos em uma pesquisa arquivística e estilística a fim de “desvendarmos” nomes específicos “por trás” de cada panfleto, pensa-se ser mais interessante – dentro das possibilidades e intencionalidades da atual pesquisa – refletirmos a partir destas postulações sobre a autoria num sentido de evidenciar o que caracteriza (ou melhor, o que se levou a caracterizar) a “produção Digger” como, justamente, sendo “a produção Digger”. Dentre os documentos utilizados como fontes principais para esta pesquisa, estão panfletos e *broadsides* anônimos, assinados por (e tradicionalmente tendo sua autoria exclusivamente atrelada a) uma única pessoa, nas figuras de Gerrard Winstanley e Robert Coster (os dois panfletos cujas autorias são atribuídas a ele são coletâneas de poemas e canções), além de panfletos nos quais constam assinaturas de diversas pessoas (sempre contando apenas com nomes masculinos).

Na tabela abaixo, segue levantamento com os panfletos e *broadsides* utilizados como base para esta pesquisa. Ao todo, são utilizados vinte e quatro documentos, entre panfletos e *broadsides*, divididos em três frentes principais relacionadas com os lugares de atuação: as localidades de Surrey, Wellingborough e Buckinghamshire.

Tabela 1: Levantamento de Fontes

Panfleto	Data	Atribuição autoral	Livreiro	Localidade do grupo Digger ao qual o panfleto é atribuído
The Myserie of God concerning the whole Creation, Mankind	1648	Gerrard Winstanley	Não consta	(Pré-envolvimento Digger – Surrey)
The Breaking of the Day of God	20/05/1648	Gerrard Winstanley	Giles Calvert	(Pré-envolvimento Digger – Surrey)
The Saints Paradise	1648	Gerrard Winstanley	Giles Calvert	(Pré-envolvimento Digger – Surrey)
Truth Lifting up its Head above Scandals	16/10/1648	Gerrard Winstanley	Não consta	(Pré-envolvimento Digger – Surrey)
The New Law of Righteousness	26/01/1649	Gerrard Winstanley	Giles Calvert	(Pré-envolvimento Digger - Surrey)
The True Levellers Standard Advanced	20/04/1649	Coletiva	Não consta	Surrey
A Declaration to the Powers of England	1649	Coletiva	Giles Calvert	Surrey
A Declaration of the Poor Oppressed People of England	01/06/1649	Coletiva	Não consta	Surrey
A Letter to Lord Fairfax, and his Councill of War	09/06/1649	Gerrard Winstanley	Giles Calvert	Surrey

A Declaration of the bloudie and unchristian acting of William Star and John Taylor of Walton	22/06/1649	Gerrard Winstanley	Não consta	Surrey
An Appeal to the House of Commons	11/06/1649	Gerrard Winstanley, Thomas Star, John Barker	Não consta	Surrey
A Watch-Word to the City of London and the Army	26/08/1649	Gerrard Winstanley	Giles Calvert	Surrey
To his Excellency the Lord Fairfax and the Counsel of War.	1649	Coletiva	Não consta	Surrey
To my Lord General and his Counsel of War	08/12/1649	Gerrard Winstanley	Não consta	Surrey
A Mite Cast into the Common Treasury	18/12/1649	Robert Coster	Não consta	Surrey
A New-years gift to the Parliament and the Army	01/01/1650	Gerrard Winstanley	Giles Calvert	Surrey
Englands' Spirit Unfoulded	1650	Gerrard Winstanley	William Larnet	Surrey
A Vindication of those called Diggers	04/03/1650	Gerrard Winstanley	Não consta	Surrey
A Declaration of the Diggers of Wellingborough	12/03/1650	Coletiva	Giles Calvert	Wellingborough
Fire in the Bush	19/03/1650	Gerrard Winstanley	Giles Calvert	Surrey
An Appeal to all Englishmen	26/03/1650	Coletiva	Não consta	Surrey
The Diggers' Mirth	04/04/1650	Robert Coster	Não consta	Surrey
A Declaration of the grounds and Reasons, why we the poor Inhabitants of the Parrish of Iver in Bukcinghamshire, have begun to digge and manure the common and wast Land belonging to the aforesaid Inhabitants, and there are many more that gives consent.	01/05/1650	Coletiva	Thomas Brewster e Gregory Moule	Buckinghamshire
The Law of Freedom in a Platform	05/11/1652	Gerrard Winstanley	Giles Calvert ("impresso para o autor")	(Pós-envolvimento Digger – Surrey)

Fonte: Elaborado pela autora.

Seis dos panfletos, de autorias atribuídas exclusivamente a Winstanley – *The Mysterie of God concerning the whole Creation Mankind*, *The Breaking of the Day of God*, *The Saints Paradise*, *Truth Lifting up its head Above Scandals*, *The New Law of Righteousness* e *The Law of Freedom in a Platform* -, não são classificados de acordo com esta lógica pelo fato de serem panfletos que foram produzidos anteriormente e posteriormente às experiências das ocupações Digger, ainda que Winstanley tenha feito parte do grupo de Surrey. A escolha pela inclusão destes panfletos em meio às fontes utilizadas se deu por considerarmos que estes documentos nos fornecem uma amostragem de quais alterações a experiência Digger infligiu sobre as ideias de Winstanley, o que paralelamente é útil para a compreensão da própria

experiência em si. Contudo, frisa-se que não procuramos fazer aqui uma divisão análoga a de Juretic, que dividiu os escritos de Winstanley anteriores e posteriores aos Diggers entre “teológicos versus secularizados”. Neste sentido, corroboramos as abordagens de Corns e Hill:

A carreira de Winstanley às vezes é analisada através de uma estratégia interpretativa que a distingue entre pré-Digger, Digger e pós-Digger. Assim, George Juretic argumenta que "o radicalismo social de Winstanley só pode tornar-se inteligível ao vê-lo como um produto de duas fases virtualmente distintas: um período pré-Digger e um Digger". Tal dicotomia separa a política de Winstanley de sua filosofia e teologia, valorizando a perspectiva social à custa de seu pensamento anterior, que forneceu a rota pela qual ele chegou à Colina de Jorge. O relato de Christopher Hill, reconhecendo as continuidades conceituais da obra, é muito mais convincente⁹⁴. (CORNS, 2001: 76).

Ao pensarmos o processo de produção destes documentos, torna-se mais concreto aquilo que Chartier coloca sobre “aquele que assina uma carta privada ou um documento legal e aquele que inventa uma publicidade não são autores, mesmo tendo sido eles os produtores dos textos” (ibidem: 28). Pois mesmo se presumirmos que o ato da redação do texto em si deu-se pelas mãos de uma ou algumas pessoas exclusivamente – como muito provavelmente pode ter sido, de fato, o caso de alguns panfletos atribuídos a Winstanley (WINSTANLEY, 1650. In: HILL, 2006: 155-156) – é impossível conhecermos na totalidade o processo de conjuração das ideias ali contidas; é impossível atestar com certeza absoluta a inocuidade destes conteúdos à produção coletiva de ideias – e a recíproca também é verdadeira. Ou seja, pensar a autoria destes textos a partir de um sujeito construído dentro de uma ideia de identidade comum.

⁹⁴ No original: “Winstanley’s career is sometimes made sense of through an interpretative strategy that distinguishes the pré-Digger from the Digger and post-Digger tracts. Thus, George Juretic argues that “Winstanley’s social radicalism can become intelligible only by seeing him as a product of two virtually distinct phases: a pre-Digger and a Digger period”. Such a dichotomy severs Winstanley’s politics from his philosophy and theology, valorizing the social perspective at the expense of his earlier thought, the route by which he arrived at George’s Hill. Christopher Hill’s account, recognizing the conceptual continuities of the oeuvre, is much more cogent”. Tradução da autora.

Para compreendermos qual ideia de “identidade” - e as relações desta com a questão da agência associada à coletividade -, devemos atentar-nos para as práticas discursivas empregadas pelos Diggers em seus panfletos; no caso, para este questionamento específico, nos discursos que utilizarão para compor as representações de si mesmos, bem como as do “outro”, produzindo uma relação de alteridade entre “os Diggers” e aqueles com quem estabelecem disputas e diálogos – que é o que caracteriza este grupo enquanto tal e fornece subsídios para sua própria existência tanto concreta quanto no imaginário social.

Esse retorno [...] à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor do que o conceito de mentalidade, três modalidades da relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002: 73).

A partir desta ideia de “representação coletiva”, interessa-nos perceber a construção de tais práticas discursivas a partir dos Diggers de Surrey, Wellingborough e Buckinghamshire, em busca do que caracteriza, então, a ideia de unidade entre estes, bem como possíveis particularidades. Em todos os documentos analisados, é central para a construção de suas identidades a alocação própria dentro de um lugar social de dificuldade financeira e sensação de opressão econômica, estabelecendo relações diretas entre estas e as políticas de cercamentos implementadas sobre as outrora terras comuns. A maneira como isto aparece na declaração abaixo dos Diggers de Iver (Buckinghamshire), é extremamente semelhante aos panfletos oriundos de Surrey e Wellingborough:

Nós somos forçados a tomar Ação neste trabalho justo, por causa de nossa necessidade atual, [...] com a terra havendo sido cercada e concentrada nas mãos de poucos [...] somente os Interesses particulares de alguns foram

atendidos, e não os de todos [...] ainda assim nós precisamos passar fome, e por quê? Porque os ricos assim querem, não há outra explicação [...] Portanto vocês, os mais pobres, compreendem isso, que nada além do trabalho em comum na Terra fará vocês alcançarem uma condição de vida confortável.⁹⁵(NORMAN et al, 1650. In: THOMAS, 1968: 62).

No *broadside* oriundo do grupo de Wellingborough:

[...] em uma freguesia de Wellingborough, somos 1169 pessoas que recebem esmolas, conforme demonstrado pelos oficiais nas últimas Sessões Trimestrais: já informamos nosso caso à Justiça, e a Justiça deu ordens para que a cidade aumentasse seus estoques para nos dar trabalho, mas como ainda vemos nada foi feito, e havendo gastado tudo que possuíamos, nosso comércio se deteriorou, nossas esposas e filhos clamam por pão, nossas vidas são um fardo para nós, muitos de nós tendo 5, 6, 7, 8 ou 9 membros na família, e não conseguimos pão para nem mesmo um deles através do nosso trabalho, os corações dos ricos são duros, não nos darão nada mesmo que mendiguemos em suas portas; se roubarmos, a Lei acabará com as nossas vidas, muitos dos pobres já morreram de fome, e seria melhor para nós que ainda estamos vivos morrer pela Espada do que pela Fome⁹⁶. (SMITH et al, 1650).

O panfleto dos Diggers de Iver e o *broadside* do grupo de Wellingborough apresentam semelhanças específicas entre si, desde a estruturação do conteúdo – em tópicos (4 no de Wellingborough e 9 no de Iver) – quanto ao que é trabalhado, de modo específico ao longo do texto, além das questões que são evocadas como, por exemplo: a defesa de que, pelas leis de Deus, a terra deveria ser de posse comum de toda a humanidade, a alocação da origem de seus problemas – ainda que diretamente provenientes dos cercamentos – dentro de uma ideia de corrupção espiritual através da cobiça e da ganância, a apresentação de suas situações de

⁹⁵ No original: “We are urged to go forth and Act in this righteous work, because of our present necessity, [...] that the earth being inclosed into the hands of a few [...] have made particular Interests for some, and not for all [...] we must be starved neverthesse, and why? Because the rich will have it so, no other reason can be rendred [...] Therefore you of the poorer sort, understand this, that nothing but the manuring of the common Land, Will reduce you into a comfortable condition”. Tradução da autora.

⁹⁶No original: “[...] we are in Wellinborrow in one Parish 1169 persons that receive Alms, as the Officers have made it appear at the Quarter Sessions last: we have made our Case known to the Justices, the Justices have given Order that the Town should raise a Stock to set us on work, and that the Hundred should be enjoyned to assist them; but as yet we see nothing is done, nor any man that goeth about it; we have spent all we have, our trading is decayed, our wives and children cry for bread, our lives are a burden to us, divers of us having 5.6.7.8.9. in Family, and we cannot get bread for one of them by our labor, rich mens hearts are hardened, they will not give us if we beg at their doors; if we steal, the Law will end our lives, divers of the poor are starved to death already and it were better for us that are living to dye by the Sword then by Famine”. Tradução da autora. Uma cópia do *broadside* original está disponível no Anexo A.

penúria, dentre outras. Ideias estas que também se fazem presentes nos escritos provenientes de Surrey – ainda que talvez de modo mais difuso, tendo em vista as disparidades de volume de produção entre este e os outros dois grupos citados. Evidências como esta vão demonstrando quais aspectos atribuídos ao pensamento Digger serviriam de “base” para a sustentação de sua visão de mundo, quais elementos seriam centrais e quais os orbitavam.

Este tipo de oposição, que marxistas como Hill previamente classificaram como sendo “de classe”, que tem por meio a diferenciação entre os “oprimidos” e “opressores” com base em termos econômicos está presente de maneira bastante considerável, conforme dito previamente, em todos os panfletos analisados. Contudo, a partir do momento em que se sabe, como defende Gurney, que tal homogeneidade de origens e condições materiais não era absolutamente palpável, pode-se compreender esta utilização como um artifício para justamente representar uma ideia de homogeneidade, mais especificamente, de *povo* – e num sentido que por vezes vai além da ideia de Inglaterra, já que em diversas ocasiões clama-se pela “humanidade” em nome dos oprimidos “de todo o mundo”.

Essa ideia de “povo pobre e oprimido da Inglaterra” (WINSTANLEY et al., 1649. In: HILL, 2006: 99) será também construída através da utilização de elementos da mitologia cristã para designar metaforicamente as personagens presentes nesse embate que está sendo configurado pelos Diggers. São recorrentes as referências às passagens bíblicas de Esaú e Jacó, ou simplesmente “irmão mais velho e irmão mais novo” – na qual os proprietários e “opressores” são representados na figura de Esaú enquanto os “pobres trabalhadores da terra” na figura de Jacó (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 79); e a de Caim e Abel, cabendo aos Diggers a associação a Abel (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 80).

À primeira vista, a analogia a partir de Esaú e Jacó parece estar invertida. Entretanto, a ideia que se consegue destilar do uso do conto de Esaú e Jacó (tendo em vista que a analogia é realizada desta forma em mais de um panfleto) é a de que o problema da história dos irmãos

(a injustiça), na concepção dos Diggers, não está exatamente no fato de Jacó ter se passado por Esaú para ter direito àquilo que pertenceria ao irmão, mas sim no *contexto*, no *sistema*, por assim dizer, que levava Jacó a tomar tal atitude: o irmão mais velho tudo herdaria de Isaac simplesmente por seu *status* de primogênito, deixando o caçula sem nada. A utilização da passagem desta forma faz referência a outra questão amplamente criticada pelos Diggers em seus panfletos: as hierarquias sociais. (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 79).

É importante notar, entretanto, que a crítica a estas hierarquias, neste caso, é de caráter puramente nos âmbitos socioeconômicos e de estruturação de poder na esfera governamental, uma vez que as hierarquias de gênero, por exemplo, não só são mantidas dentro do pensamento Digger, como são encorajadas e defendidas. A natureza patriarcal da estrutura social é algo extremamente caro à identidade Digger, como fica evidente no panfleto *A Vindication of those called Diggers*, que procura disassociar a imagem dos Diggers daquela dos Ranters, popularmente conhecidos, sobretudo, sobre suas posturas relativamente mais libertárias frente à sexualidade. Demonstrando-se, assim, como era caro aos Diggers esclarecer a base extremamente moral de sua empreitada: “Este excesso da sociedade feminina, impede a geração pura e natural do Homem, e derrama a semente em vão, e em vez de um desenvolvimento saudável da humanidade produz fraqueza e doenças”⁹⁷ (WINSTANLEY, 1649: 3). A ausência de condenação aos atos de Jacó por parte dos Diggers também pode estar representando a legitimidade da tomada de ação, ainda que esta não seja da natureza ideal, frente um contexto de injustiça – uma vez que a ideia da necessidade de agir para a alteração da sociedade é central no pensamento Digger, bem como de muitos movimentos milenaristas da época (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 80).

Ainda assim, não se considera possível afirmar a presença de uma tentativa de representação deles como “o povo escolhido de Deus”. Recorre-se com frequência à ideia de

⁹⁷ No original: “This excesse of Feminine society, hinders the pure and naturall Generation of man, and spills the seed in vaine, and instead of a healthfull groth of mankind it produces weaknesse and much infirmnesse”. Tradução da autora. Uma cópia original deste panfleto está disponível no Anexo B.

que aqueles a quem as terras comuns deveriam ser destinadas, aqueles que deveriam legitimamente ter direito ao uso destas, são os pobres, configurando, portanto, a proibição disto como algo que afronta diretamente a Deus – tal como figura a ideia da existência da propriedade de forma geral. Mas a justificativa para a “visão”, a mensagem de Deus, ter chegado a eles parece estar muito mais ligada à ideia de uma necessidade imediata por parte destes que a receberam, do que dentro de uma concepção de “povo escolhido”, estabelecendo uma cisão maniqueísta e simplista entre eles e aqueles que criticam.

Inclusive, em variados momentos, e em diversos panfletos, é enfatizada a ideia de que *todos* seriam beneficiados caso fossem adotadas as posturas defendidas pelos Diggers. Pois ainda que eles condenem a existência da terra como passível de pertencer a um grupo ou indivíduos específicos, deixando claro que toda propriedade é oriunda de “roubo, assassinato e opressão” (WINSTANLEY et al., 1649. In: HILL, 2006: 99), caracterizando assim uma afronta à vontade e lei de Deus, a *demanda* deles é, especificamente, sobre o direito dos “pobres” cultivarem as terras comuns e os terrenos baldios, num sentido bastante imediatista, sem ameaçar as propriedades já existentes ou os direitos de seus donos:

Porque, embora vocês e seus antepassados tenham recebido as suas propriedades através de assassinato e roubo, guardando-as pelo mesmo Poder de nós, que temos o mesmo direito à terra que vocês de acordo pela justa lei da criação, ainda assim não criaremos ocasião de brigar (como vocês fazem) sobre aquele diabo perturbador, chamado propriedade particular. Pois a terra, com todos os seus frutos como cereais e gado, foi feito para ser um armazém comum de subsistência para toda a humanidade, amigo e inimigo, sem exceção⁹⁸. (WINSTANLEY et al., 1649. In: HILL, 2006: 100).

E ainda:

⁹⁸ No original: “For though you and your ancestors got your property by murder and theft, and you keep it by the same Power from us that have an equal right to the land with you by the righteous law of creation, yet we shall have no occasion of quarrelling (as you do) about that disturbing devil, called particular property. For the earth, with all her fruits of corn, cattle and such like, was made to be a common storehouse of livelihood to all mankind, friend and foe, without exception”. Tradução da autora.

[...] nós [...] lavramos e cavamos na Colina de Jorge, em Surrey, para semear cereais para o socorro do homem, oferecendo nenhuma ofensa a quaisquer pessoas, agindo com amor e paz frente a todos, não possuindo a intenção de nos intrometermos com quaisquer cercamentos ou propriedades de outrem, até que estes nos sejam livremente dados por eles mesmos, mas apenas para trabalhar as terras comuns e baldias para nossa melhor vantagem [...]”⁹⁹ (BARKER et al., 1649. In: HILL, 2006: 111-112).

Inclusive, dentro desta demanda “concreta”, eles defendem que os proprietários também sejam “libertos” das taxas e impostos que precisam pagar sobre suas propriedades:

Em primeiro lugar, se vocês não libertarem a terra dos aprisionamentos de todos os Jugos Normandos, ou melhor, das escravidões, para que o povo possa desfrutar do benefício de sua criação: isto é, ter a terra livre para trabalhar, para que possam comer seu pão em justiça; isto é, que os proprietários sejam livres para trabalharem tranquilamente em suas propriedades, e deixando o povo comum ter suas terras comunais e baldias para si mesmos. [...] Portanto, deixem a *gentry* e os proprietários terem suas propriedades livres de todas as multas, impostos e outros fardos, e deixem o povo comum ter suas terras comuns e baldias [...]”¹⁰⁰(WINSTANLEY et al., 1649. In: HILL, 2006: 115-116).

Dentro desta lógica da construção de uma oposição – que, conseqüentemente, tem parte fundamental na construção da imagem dos Diggers, na lógica de “lados opostos de uma balança” -, os “Cains” e “Esaús”, os “opressores”, são bastante trabalhados de modo específico no panfleto *Fire in the Bush*, de 1650. Esse panfleto os caracteriza como: regalistas (e a instituição da monarquia em geral), clérigos (tal como a Coroa, aqui entra também a Igreja organizada – quaisquer que sejam as vertentes), Ranters, advogados, professores (referenciando, sobretudo, as universidades e a educação superior institucional, que caracterizariam outra suposta “autoridade” sobre as interpretações das Escrituras), *Lords of Manors*, arrendadores e a *gentry*.

⁹⁹ No original: “[...] we [...] have ploughed and digged upon George Hill in Surrey, to sow corn for the succor of man, offering no offence to any, but do carry ourselves in love and peace towards all, having no intent to meddle with any man’s enclosures or property, till it be freely given to us by themselves, but only to improve the commons and waste lands to our best advantage [...]”. Tradução da autora.

¹⁰⁰ No original: “First, if you free not the land from entanglement of all Norman yokes, or rather bondages, so that the people, one as well another, may enjoy the benefit of their creation: that is, to have the land free to work upon, that they may eat their Bread in righteousness; that is to say, let the freeholders have their freedom to work quietly in their enclosures, and let the common people have their commons and waste lands quiet to themselves. [...] Therefore let the gentry and freeholders have their enclosures freed from all entanglements of fines, heriots and other burdens, and let the common people have their commons and waste lands [...]”. Tradução da autora.

De acordo com Winstanley, na Queda, Adão consentiu com a cobiça da serpente, caiu da justiça, foi amaldiçoado e foi enviado para a terra para comer seu pão em tristeza. A propriedade privada é a maldição, e os que a possuem ganharam-na por opressão ou assassinato, seguindo assim os passos de Caim. Sua prevalência é tipificada pela regra da Besta: um ministério profissional; poder monárquico; o judiciário; e a compra e venda de terra¹⁰¹ (ROWLAND In: BRADSTOCK, 2001: 139).

Sobre a Igreja, a contestação está no modo como os Diggers enxergam a religião e o próprio Deus, o que os leva a compreender a instituição religiosa como um todo enquanto desnecessária. Em seus escritos, defendem a ideia de que Deus se faz presente no interior de cada pessoa – tal como o Diabo -, além de demonstrarem um entendimento relativamente metafórico das passagens bíblicas. E isso, naquele contexto, era uma percepção que acarretava rupturas (DELUMEAU, 1997: 253) com as lógicas vigentes de leitura das Escrituras. Ao internalizarem e individualizarem a espiritualidade, eles tecem uma crítica à ideia da necessidade de a mensagem de Deus ter de ser interceptada pela Igreja e seus agentes, atuando como figuras de autoridade sobre a interpretação da palavra divina. Conseqüentemente, estabelecem uma relação entre as terras cercadas e a religião institucionalizada, como se esta fosse uma organização necessária para a manutenção do mal injusto da propriedade: do mesmo modo que a Igreja operaria como um mediador desnecessário entre o ser humano e Deus, o proprietário ocuparia esta mesma posição impedindo o estabelecimento de uma relação direta entre o trabalhador e a terra (WINSTANLEY, 1650. In: HILL, 2006: 214). Sobre a internalização das questões relativas à espiritualidade, Delumeau coloca:

Sobre o paraíso e o inferno, Winstanley toma igualmente suas distâncias em face das ortodoxias do tempo [...]. O céu e o inferno estão, portanto, dentro de nós mesmos. ‘O paraíso’, escreverá ainda Winstanley, ‘não é um lugar

¹⁰¹ No original: “According to Winstanley, at the Fall Adam consented to the serpent covetousness, fell from righteousness, was cursed, and was sent into the earth to eat his Bread in sorrow. Private property is the curse, and those who possess it have gained it by oppression or murder, thereby following in the steps of Cain. Its prevalence is typified by the rule of the Beast: a professional ministry; kingly power; the judiciary; and the buying and selling of the earth”. Tradução da autora.

localizado feito de esplendor e colocado à distância, mas é a visão, a sensação, o lugar reinante do Pai dentro de nós'. Do mesmo modo, as visões infernais (chamas e demônios) não passam de 'varas que a fez para si para com elas se fustigar e punir' (DELUMEAU, 1997: 253).

E Winstanley, no panfleto *The Saints Paradise*, sobre Deus:

Eu não escrevo nada com a intenção de ser um professor para vocês, porque eu sei que vocês tem um professor dentro de si mesmos (que é o Espírito) e quando as suas carnes se sujeitarem a ele, ele vai lhes ensinar todas as coisas e lhes fazerem lembrar de tudo, para que não tenham necessidade de correr atrás dos homens para instrução, para os teus olhos serem abertos; Vocês verão o Rei da justiça sentar-se no trono dentro de vocês mesmos¹⁰² (WINSTANLEY, 1648).

No âmbito espiritual, os posicionamentos Digger se encontram baseados em duas convicções principais: a primeira é a questão referida acima, da compreensão de Deus e da religião como algo que se encontra e desenvolve em uma esfera interna, íntima, dentro de cada pessoa. Justifica-se, assim, a origem das mazelas que os afetam como estando, em primeira instância, no âmbito espiritual e sendo conseqüentemente provenientes da corrupção humana, que por sua parte, tivera início a partir do momento em que as pessoas começaram a procurar pela "razão" (EVERARD, 1649. In: HILL, 2006: 78), Deus, não dentro de si mesmos, mas sim no exterior, em outros, em Igrejas, padres, papas, etc., dando assim origem às hierarquias entre as pessoas (ibidem: 79).

Deus deveria ser encontrado dentro de cada ser humano. 'Aquele que procura por Deus fora dele mesmo e adora Deus à distância, não sabe o que está adorando, e está sendo afastado e iludido pela imaginação de seu próprio coração'¹⁰³ (HILL, 1973: 18-19)

¹⁰² No original: "I do not write anything, as to be a teacher of you, for I know you have a teacher within your selves (which is the Spirit) and when your flesh is made subject to him, he will teach you all things, and bring all things to your remembrance, so that you shall not need to run after men for instruction, for your eyes being opened; you shall see the King of righteousness sit upon the throne within your selves". Tradução da autora. Uma cópia da página original contendo esta passagem do panfleto *The Saints Paradise* está disponível no Anexo D.

¹⁰³ No original: "God is to be found inside every human being. 'He that looks for a God without himself and worships God at a distance, he worships he knows not what, but is led away and deceived by the imagination of his own heart'". Tradução da autora.

Para os Diggers, e neste caso particular, para Winstanley¹⁰⁴, essa caracterização da espiritualidade e de Deus como uma experiência absolutamente interna, associada às interpretações alegóricas sobre diversas passagens bíblicas, leva a uma “perspectiva visionária de que todas as histórias bíblicas podem ser discernidas dentro de si mesmos”¹⁰⁵ (LOEWENSTEIN Apud BRADSTOCK In: KILLEEN et al., 2015: 5). Logo, defendiam que as pessoas deveriam tecer suas interpretações sobre as passagens bíblicas por si mesmas, sem o crivo de uma “autoridade” intitulada a isso. Ainda assim, há a ideia de que os estudos da Bíblia estariam subordinados à prática desta reflexão interna, sendo este o único caminho de verdadeiramente se chegar a Deus, procurando-o mais dentro de si do que em outras instâncias externas do mundo.

[...] a aprendizagem através do livro não era nada comparado com o que se poderia receber através da experiência ou revelação, e ele considerava os relatos históricos da Bíblia como não sendo substitutos da “Palavra” que vive no interior de cada um. A Bíblia foi escrita por pessoas comuns relatando suas experiências, e os leitores deveriam conhecer a Deus e Cristo "experimentalmente" por si mesmos¹⁰⁶. (BRADSTOCK In: KILLEEN; SMITH; WILLIE, 2015: 4)

A segunda convicção é de cunho milenarista e profético. O milenarismo pode ser definido em termos gerais como:

Literalmente, o milenarismo se refere à crença, expressa no Livro da Revelação, de que Cristo estabelecerá um reinado de mil anos dos santos na terra antes do Julgamento Final. Em uma definição mais ampla, os

¹⁰⁴ Os panfletos publicados por Winstanley antes de seu envolvimento com os Diggers nos dizem muito sobre os posicionamentos religiosos adotados pelo grupo em seus escritos, uma vez que foram publicações de caráter essencialmente teológico. Ainda que procurando realizar uma análise dos Diggers de forma não absolutamente centralizada na figura de Winstanley, é inviável negar as relações e influências diretas e indiretas que estes trabalhos prévios produzidos por ele tiveram na formulação das “postulações teóricas”, por assim dizer, presentes nos panfletos publicados pelos grupos a partir de 1649.

¹⁰⁵ No original: “from Winstanley’s visionary perspective, all of biblical history can be discerned within the self”. Tradução da autora.

¹⁰⁶ No original: “[...] book learning was as nothing compared to what one could receive by experience or revelation, and he considered the historical accounts in the Bible no substitute for the indwelling of the living “word” within. The Bible was written by ordinary people recounting their experiences, and readers should know God and Christ “experimentally” themselves”. Tradução da autora.

milenaristas aguardam o tempo em que se instalarão paz e abundâncias sobrenaturais *aqui na terra*¹⁰⁷. (LANDES, 2000: 453).

Notadamente, havia uma profusão relativamente variada de perspectivas escatológicas protestantes permeando o período. O contexto de alta instabilidade política, associado a todo o simbolismo possível de ser proveniente de um regicídio, gera uma variedade de grupos e seitas que acreditavam de fato estarem vivendo os últimos e emblemáticos momentos de um mundo fadado a sucumbir ao apocalipse e a subsequente restauração do reino de Deus na Terra – contando com diversas nuances interpretativas e de posicionamento. Tais elementos promovem justamente o tipo de contexto caracterizado por Landes como aquele mais propenso ao surgimento deste tipo de visão de mundo, uma vez que segundo ele:

Em tempos de crise ou durante períodos de rápida e ampla mudança social, este mito promove orientação e direção para as vidas das pessoas, revelando os papéis por elas desempenhados na grande história cosmológica que estava se desdobrando em suas vidas¹⁰⁸ (LANDES, 2000: 449).

Ainda que não abordem diretamente a ideia da instauração dos “mil anos” do reino de Cristo, os Diggers enquadravam-se nesta lógica ao evidenciar-se que é recorrente a utilização por parte deles da ideia de que no futuro, Jesus voltaria para reparar as desgraças que recaíam sobre o mundo, em especial, para restaurar a terra ao seu status de tesouro comum a toda humanidade, bem como abolir todas as obrigações relacionadas ao emprego de uma pessoa pela outra e aos pagamentos de taxas e impostos (HILL, 1973: 78). Em maior ou menor grau, a ideia da restauração completa da justiça referente à propriedade a partir da vinda de Cristo se faz presente em todos os panfletos analisados, como, por exemplo, no do grupo de Wellingborough:

¹⁰⁷ No original: “Literally, millennialism refers to the belief, expressed in the Book of Revelation, that Christ will establish a one-thousand year reign of the saints on earth before the Last Judgment. More broadly defined, millennialists expect a time of supernatural peace and abundance *here on earth*”. Tradução da autora.

¹⁰⁸ No original: “In times of crisis or during periods of rapid and widespread social change, the myth provides guidance and direction to people’s lives, revealing the part they play in the great cosmological story unfolding in their lifetime”. Tradução da autora.

Lemos nas Escrituras, que os Profetas e Apóstolos deixaram registrado, que nos últimos dias, que o opressor e o homem orgulhoso cairão, e Deus irá restabelecer os lugares vazios da Terra para o uso e conforto dos Homens, e ninguém deverá causar mal ou destruição em sua sagrada Montanha¹⁰⁹ (SMITH et al., 1650).

No de Buckinghamshire:

[...] Há uma promessa nas Escrituras (que Deus fez) para nos libertar daquela escravidão em que vocês nos envolveram, e que o orgulho e a opressão nunca mais existirão na Terra e que o Senhor restaurará toda a Criação na Gloriosa liberdade dos Filhos de Deus, [...] ¹¹⁰ (NORMAN, et al., 1650. In: THOMAS, 1968: 62).

E em Surrey:

Mas uma vez que a terra se tornar um tesouro comum novamente, como deve acontecer, pois todas as profecias das Escrituras e da razão estão circundadas aqui nesta comunidade, e a humanidade deverá ter a Lei de justiça mais uma vez escrita em seu coração, e tudo deverá ser feito de um só coração e mente¹¹¹ (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 80).

Entretanto, esta restauração do reino de Deus proferida por eles através de seus panfletos parece estar mais atrelada a uma ideia de “despertar” da humanidade para as questões colocadas por eles – estando a da comunhão da terra em inegável centralidade -, certas “elevações” do espírito humano rumo à Razão (Deus), do que a um surgimento concreto, por assim dizer, da figura de Jesus Cristo (BRADSTOCK In: KILLEEN et al., 2015: 7). O que se mostra em consonância com as suas ideias de que o paraíso e o inferno estão, na verdade, no interior de cada pessoa.

¹⁰⁹ No original: “We find in the Scriptures, that the Prophets and Apostles have left it upon Record, That in the last days the oppressor and proud man shall cease, and God will restore the waste places of the Earth to the use and comfort of Man, and that none shall hurt nor destroy in all his holy Mountain”. Tradução da autora.

¹¹⁰ No original: “[...] there is a promise in Scripture (which God hath made) to free us from that bondage wherein you have involved us, and that pride and oppression shall be heard of no more in the Land, and that the Lord Will restore the whole Creation into the glorious liberty of the Sonnes of God, [...]”. Tradução da autora.

¹¹¹ No original: “But when once the earth becomes a common treasury again, as it must, for all the prophecies of Scriptures and reason are circled here in this community, and mankind must have the Law of righteousness once more writ in his heart, and all must be made of one heart and one mind”. Tradução da autora.

A construção da oposição à Coroa está diretamente associada à recorrência das referências ao que popularmente se denomina por “Jugo Normando”. Este se caracterizava pela crença popular, no século XVII inglês, de que William o Conquistador e a invasão normanda do século XI seriam os responsáveis por terem trazido uma série de mazelas e corrupções para a Inglaterra, com estas variando de acordo com a abordagem dada por cada grupo social que recorre a esta interpretação teológica da história. Por exemplo, no caso dos Levellers, a monarquia e as disparidades de direitos se encontram no centro das “pragas” trazidas pelos normandos, enquanto que para os Diggers, estes teriam sido os responsáveis pela instauração da propriedade privada na Inglaterra, além da instituição monárquica, uma vez que a propriedade se encontra no centro de origem dos males para os Diggers: “Quando William o Conquistador chegou, ele tomou a terra dos ingleses, tanto as propriedades da *gentry* quanto os terrenos comuns e baldios do povo comum, e deu a nossa terra para seus soldados normandos”¹¹². Nesta concepção, os monarcas (em especial Charles I) e demais proprietários de terras seriam assim descendentes diretos dos Normandos, o que explica a recorrente utilização do termo “forasteiro” (*foreigner*), num tom pejorativo, para representá-los:

Pois o Poder de privatizar e possuir propriedade foi trazido pelos seus ancestrais através da espada; com a qual primeiro mataram as criaturas, homens, e depois de pilharem e roubarem suas terras, deixaram essas terras sucessivamente para vocês, seus filhos. Portanto, mesmo vocês não havendo matado ou roubado, ainda assim vocês mantêm essa coisa amaldiçoada em suas mãos pelo poder da espada; e assim vocês justificam os feitos vis de seus pais; e os pecados de seus pais virá a vós e a vossos filhos, até a terceira e quarta geração, e além, até que seu poder sangrento e corrupto apodreça para fora desta terra (WINSTANLEY et al, 1649. In: HILL, 2006: 99)¹¹³.

¹¹²No original: “When William the Conqueror came in, he took the land from the English, both the enclosures from the *gentry*, and the commons and waste lands from the common people, and gave our land to his Norman soldiers”. Tradução da autora.

¹¹³No original: “For the Power of enclosing land and owing property was brought into the creation by your ancestors by the sword; which first did murder their fellow-creatures, men, and after plunder or steal away their land, and left this land successively to you, their children. And therefore, though you did not kill or thief, yet you hold that cursed thing in your hand by the power of the sword; and so you justify the wicked deeds of your fathers; and the sin of your fathers shall be visited upon the head of you and your children, to the third and fourth generation, and longer too, till your bloody and thieving power be rooted out of the land”. Tradução da autora.

Já a construção da oposição ao Parlamento – cuja composição os Diggers caracterizam como sendo essencialmente de grandes proprietários de terra (algo que não está longe da realidade) - deu-se de maneira mais gradual e diferenciada com relação aos outros enfrentamentos promovidos por eles. Em diversas passagens, há menção ao papel que os Diggers (novamente, denotando uma ideia de ação e identidade coletiva a partir de experiências e trajetórias essencialmente individuais) desempenharam durante as guerras civis, como havendo se caracterizado pela luta ao lado das forças de Cromwell (de fato, conforme visto no primeiro capítulo, havia antigos integrantes do Exército de Novo Tipo entre os Diggers):

Vocês da *gentry*, bem como nós, os comuns, todos sofremos sob o peso do mau governo e suas pesadas leis sob o falecido rei Charles, que foi o último sucessor de William o Conquistador: vocês e nós clamamos por um Parlamento e um Parlamento foi chamado, e as guerras, vocês sabem, então começaram, entre o rei, representando William o Conquistador, e o corpo do povo Inglês que havia sido escravizado. [...] E vocês e nós juntamos nesta causa comum; E o sucessor de William o Conquistador, que era Charles, foi expulso; e assim nos recuperamos do Jugo Normando; [...] ¹¹⁴. (BARKER et al., 1649. In: HILL, 2006: 114).

A ideia construída desta relação entre os Diggers e o Parlamento parece estar calcada em uma sensação de “traição” por parte dos Diggers, junto com uma divergência entre as duas frentes na concepção do que implicaria a ideia de um “estado livre”. Tendo em vista o posicionamento Digger na crença da igualdade entre todos os homens ¹¹⁵, algumas vezes esta disputa com o parlamento foi considerada dentro de uma ideia de crítica à autoridade estatal (segundo a qual o panfleto *The Law of Freedom in a Platform* caracterizaria uma profunda

¹¹⁴ No original: “You of the *gentry*, as well as we of the *comonalty*, all groaned under the burden of the bad government and burdening laws under the late King Charles, who was the last successor of William the Conqueror: you and we cried for a Parliament, and a Parliament was called, and wars, you know, presently begun, between the King, that represented William the Conqueror, and the body of the English people that were enslaved. [...] And you and we joined purse and person together in this common cause; and William the Conqueror’s successor, which was Charles, was cast out; and thereby we have recovered ourselves from under that Norman yoke; [...]”. Tradução da autora.

¹¹⁵ Homens, não pessoas. Visto que é uma concepção de igualdade calcada em uma visão de mundo absolutamente patriarcal.

ruptura por reconhecer o estado e as leis como parte fundamental para a manutenção da sociedade ideal esboçada nele). Entretanto, é possível evidenciar na construção do posicionamento Digger através dos panfletos o apreço por certas leis, “boas leis”, como se referenciam, por exemplo, à Magna Carta (BARKER et al, 1649. In: HILL, 2006: 113); tal qual o reconhecimento de ser possível trabalhar a ideia do parlamento, na posição de autoridade institucional – desde que caracterizado por periódicas mudanças em sua composição (WINSTANLEY, 1650. In: AYLMER, 1968: 9) - , como útil ao alcance de questões caras aos Diggers, portanto, não descartando sua relevância de imediato¹¹⁶.

Há ainda outros dois atos oficiais do parlamento aprovados por Cromwell que são bastante referenciados de modo positivo ao longo dos panfletos; são estes o ato que aboliu o ofício de Rei, datado de 17 de março de 1649, e o seguinte que declarou a Inglaterra uma república e um estado livre, no dia 19 do mesmo mês e ano (THOMAS, 1968: 63). O modo como estes atos figuram nos panfletos evidencia como as expectativas dos Diggers sobre elas divergiam do projeto real do parlamento. Como pode ser evidenciado na passagem abaixo dos Diggers de Buckinghamshire:

Temos grande encorajamento neste Parlamento atual, fazendo estas duas excelentes leis, a de expulsar o *Poder Real*, e a outra de fazer de todos nós um povo livre, o que no nosso entendimento, é quebrar o pescoço do *Poder Normando* que foi trazido sobre nós pelo *Bastardo Normando*, continuado e aumentado desde então dentro desta nação, por cada Rei que o sucedera¹¹⁷ (NORMAN et al, 1650. In: THOMAS, 1968: 63).

E abaixo num panfleto oriundo do grupo de Surrey:

¹¹⁶ De forma análoga, por exemplo, ao que ocorre com seu posicionamento sobre a terra: ainda que considerem a propriedade privada como pecaminosa e injusta, onde o *ideal* seria uma sociedade onde ninguém pudesse possuir propriedade; a demanda política que se constrói em seus panfletos como central é a da manutenção das terras comunais e o reconhecimento da legitimidade do cultivo de subsistência destas e dos terrenos baldios por parte das “pessoas comuns”.

¹¹⁷ No original: “We have great encouragement from this present *Parliament*, by making of those two excellent Lawes, the one to cast out *Kingly Power*, and the other to make us all a free people, which we understand, is to break the neck of the *Norman Power* which was brought in upon us by the *Norman Bastard*, continued and increased ever since within this Nation, by every King who was his Successour”. Tradução da autora.

Em segundo lugar, esses dois Atos ou Leis que o presente Governo do Estado fez, uma vez que expulsou o poder do Rei e da Câmara dos Lordes; declara claramente o que este Governo pretende, que é, que todos os homens *Ingleses* possam ter sua liberdade na e para a Terra; e sejam libertados da escravidão da Conquista *Normanda*. *Quais são esses dois Atos de Lei?* O primeiro é libertar o povo da obediência ao Rei, e de tudo o que tem reivindicação sob ele. O outro é para tornar a Inglaterra uma *República* livre. Agora, estes dois Atos do Governo do Estado, tiram o Tirania das conquistas, que são os poderes do Rei e dos Senhorios; e restaura a *Inglaterra* ao seu direito de Criação, como era antes da chegada de qualquer Conquista pela espada. O significado é este: Que a Terra da *Inglaterra* seja um tesouro comum a todos os homens ingleses em igualdade [...] ¹¹⁸ (WINSTANLEY, 1650. In: AYLNER, 1968: 10).

A formação da crítica e da oposição ao parlamento parte, portanto, da constatação de que a ideia de posse comum da terra não faz parte da concepção que o governo de Cromwell tem de liberdade, pelo contrário – evidenciando-se, conforme se demonstrou no primeiro capítulo, um aumento bastante pontual da implementação das políticas de cercamento e despovoamento. Ainda assim, não se evidencia a utilização de termos como “demônio”, “bastardo” ou “dragão” (utilizados para adjetivar o rei) para designar Cromwell ou o parlamento, o que demonstra, portanto, uma natureza de oposição bastante diferente: há uma crítica sobre a maneira que o parlamento está operando, mas não há um descarte da *instituição* do parlamento em si como sendo intrinsecamente inútil e corrupta, como é feito com a monarquia e as Igrejas. Ao mesmo tempo, evidencia-se o respeito por parte dos Diggers pelas leis implementadas a partir deste novo governo, ao passo em que rejeitam leis e figuras de autoridade que interpretam como sendo oriundas, em alguma instância, da lógica do poder da monarquia. É o que acontece, por exemplo, ao alegarem que na visão deles não houve qualquer “invasão” na colina de São Jorge pelo fato de não reconhecerem a autoridade do Senhor das Terras Arrendadas, Francis Drake, sobre esta localidade, já que caracterizam o

¹¹⁸ No original: “Secondly, Those two Acts or Lawes which this present State Government hath made, since it cast out Kingly power and House of Lords; declares plainly what this State Government aimes at, and that is, that all *English* men may have their freedom in and to the Land; and be freed from slavery of the *Norman* Conquest. *What are those two Acts of Lawes?* The one is to free the people from obedience to the King, and from all that hold claiming under him. The other is, to make *England* a free *Common-wealth*. Now these two Acts of State Government, takes away the Tirany of conquests, which is Kingly and Lordly power; and restores *England* to their Creation right, as it was before any Conquest by sword came in. The meaning is this: That the Land of *England* shall be a common Treasury to all *English* men without respect of persons [...]”. Tradução da autora.

poder desse como proveniente de uma lógica anterior à da implementação do ato que aboliu o Poder Real.

Negamos que tenhamos infringido direitos destes três homens, ou de Francis Drake, ou que estaríamos infringindo qualquer direito ao cavar ou arar para nosso sustento em qualquer terreno baldio na Inglaterra, pois ao fazer isso não estamos quebrando nenhuma lei específica feita por qualquer ato do Parlamento, mas apenas um costume antigo, criado na força da prerrogativa real, que é a antiga lei ou costume pelo qual os Senhorios reivindicam os bens comuns, que não tem nenhuma força agora sobre o povo da Inglaterra desde que o poder e cargo Real foram expulsos¹¹⁹ (WINSTANLEY, 1649. In: HILL, 2006: 132-133).

Aqui, os Diggers entram em uma disputa sobre ideias como “equidade”, “razão” e “liberdade”, adotando um posicionamento de contra-argumentação frente às ações tomadas pelo parlamento. Evidencia-se aqui, novamente, a tentativa contínua do estabelecimento de um debate, de um diálogo direto com as autoridades, com o envio dos panfletos contendo estas arguições, como *A Watch Word to the City of London and the Armie*, diretamente à Corte de Justiça (WINSTANLEY, 1649. In: HILL, 2006: 131). Nota-se a sucessiva tentativa de denotação de hipocrisia aos posicionamentos do parlamento, evidenciando ações práticas deste que seriam, na visão Digger, contraditórias frente aos conteúdos das leis e atos que vinham sendo aprovados por este.

Um exemplo seria o panfleto mencionado acima, de 1649, que versa sobre os acontecimentos da colina de São Jorge e as implicações legais decorrentes destes. O prefácio é narrado em primeira pessoa pela figura de Gerrard Winstanley, que relata brevemente sua trajetória, passando em seguida a uma narração coletiva nas vozes daqueles que estão sendo processados devido a este evento - Henry Bickerstaffe, Thomas Starr e o próprio Gerrard Winstanley. Este panfleto é permeado por um tom de denúncia das condutas das autoridades

¹¹⁹ No original: “We deny that we have trespassed against those three men, or Francis Drake either, or that we should trespass against any if we should dig up or plough for a livelihood upon any the waste land in England, for thereby we break no particular law made by any act of Parliament, but only an ancient custom, bred in the strength of kingly prerogative, which is that old law or custom by which lords of manors lay claim to the commons, which is of no force now to bind the people of England since the kingly power and office was cast out”. Tradução da autora.

frente a estes Diggers que foram presos sob a acusação de invasão, levados assim, para a Corte de Justiça de uma paróquia próxima, Kingston. Além de, novamente, demonstrarem os motivos que os levaram à colina, eles providenciam uma narrativa dos meandros legais, acusando a Corte de Justiça de se recusar a lhes apresentar suas acusações sem que os Diggers providenciassem o contrato de um advogado para defendê-los. Alegando não terem meios de pagar por este tipo de serviço, eles demandam o direito de se auto representarem e defenderem, o que lhes é negado pela Corte (WINSTANLEY, 1649. In: HILL, 2006: 130). Após eventualmente pagarem as taxas para sua liberação (uma espécie de fiança), eles enviam, então, este panfleto à Corte de Justiça contendo o que teria sido sua autodefesa. Toda esta postura adotada pelas autoridades é denunciada pelos Diggers como não sendo correspondente ao modo que um parlamento, que tem por base ideais de liberdade e equidade, deveria se portar. Isso nos leva a crer, tal como colocado por Davis, que a oposição dos Diggers ao Parlamento, e a recorrente evocação da igualdade entre os homens no que diz respeito ao acesso à terra, não incute necessariamente uma postura contrária à ideia de autoridade (DAVIS, 1976: 78).

Caracterizadas, então, as principais questões trazidas pelos Diggers em seus panfletos, evidenciando as características destes escritos e a forma como nos fornecem uma ideia acerca da construção do que implicava posicionar-se como Digger, havendo demonstrado como eles podem ser interpretados dentro de um espectro comum, criando a ideia de coletividade para a experiência Digger, deve-se agora passar para o que, na concepção deles, caracterizava a “ação” em si: as ocupações.

2.3 – OCUPAÇÕES E A IDEIA DE “AÇÃO”

A interpretação da ideia de “ação” que figura nos panfletos Diggers é dada como se esta só fizesse referência ao ato de ocupar e plantar a terra, traçando uma distinção na

natureza deste tipo de atividade com relação à disseminação de suas ideias pela forma escrita e pela fala. Esta diferenciação se faz clara na passagem a seguir do panfleto *A Watch Word to the City of London and the Armie*:

Há pouco mais de um ano, estando quieto em meu trabalho, meu coração se encheu com pensamentos doces, e muitas coisas me foram reveladas, as quais eu nunca havia lido em livros, nem ouvi de boca de qualquer um, e quando eu comecei a falar deles, algumas pessoas não podiam suportar minhas palavras, e entre essas revelações estava esta: que a terra será feita um tesouro comum de subsistência para toda a humanidade, sem distinção de pessoas; e uma voz dentro de mim pediu-me que declarasse tudo isso pelo mundo, a qual que eu obedeci, pois eu declarei pela palavra falada, onde quer que eu fosse. Então escrevi um pequeno livro chamado *A nova lei da justiça*, e nele eu declarei tudo isso; contudo minha mente não estava em repouso, porque não houve **ação**, e pensamentos correm em mim de que palavras e escritos não eram nada e devem morrer, pois **a ação é a vida de tudo, e se você não age, não faz nada**. Dentro de pouco tempo fui obediente à Palavra também neste sentido particular; pois eu peguei minha pá e fui cavar o solo da Colina de Jorge em Surrey, [...] ¹²⁰(WINSTANLEY, 1649. In: HILL, 2006: 127-128. Grifos da autora).

Entretanto, devido à escassez de fontes no presente momento para se trabalhar a ideia da disseminação oral de maneira apropriada e isolada, trabalhar-se-á a questão do envio de emissários Diggers para a disseminação de suas ideias associado às movimentações físicas dos grupos motivadas pela ideia de ocupação das terras comuns e baldias.

Nos panfletos Diggers, a ideia de “ação” encontra-se inserida majoritariamente dentro de uma lógica de tomar medidas práticas para a alteração substancial da realidade imediata daqueles que atuam. No caso Digger, com suas demandas girando em torno do direito de trabalhar as terras comuns e terrenos baldios em paz, esta ação enquadra-se, portanto, em fazer exatamente isso: dar início a ações coletivas para a subsistência em localidades que interpretam como sendo de seu direito de cultivo.

¹²⁰ No original: “Not a full year since, being quiet at my work, my heart was filled with sweet thoughts, and many things were revealed to me which I never read in books, nor heard from mouth of any flesh, and when I began to speak of them, some people could not bear my words, and amongst those revelations this was one: that the earth shall be made a common treasury of livelihood to whole mankind, without respect of persons; and I had a voice within me bade me declare all it abroad, which I did obey, for I declared it by word of mouth wheresoever I came. Then I was made to write a little book called *The new Law of righteousness*, and therein I declared it; yet my mind was not at rest, because nothing was **acted**, and thoughts run in me that words and writings were all nothing and must die, for **action is the life of all, and if thou dost not act, thou dost nothing**. Within a little time I was made obedient to the word in that particular likewise; for I took my spade and went and broke the ground upon George Hill in Surrey, [...]”. Tradução da autora.

Considera-se o ponto central do *ideal* Digger como sendo o da terra ser comum a todas as pessoas, sem distinção, enquanto a *demand*a principal é o direito das pessoas “comuns” à agricultura das terras comuns e baldias, sua demanda é concomitante à extinção da imposição de taxas e impostos sobre as propriedades já existentes, bem como ao fim do trabalho mediante recebimento de pagamento¹²¹.

Suas ações de ocuparem tais terrenos funcionam tendo como base a ideia do exemplo. Para os Diggers, esta colocação em prática dos pressupostos para a concretização de sua demanda imediata funcionava como um meio de eventualmente alcançarem seus ideais, por acreditarem que progressivamente, através de seu exemplo, até mesmo os grandes proprietários de terra abririam mão de suas propriedades, de forma espontânea, para passarem a viver em comunidade. Parte-se, então, de uma concordância com Aylmer sobre o papel ocupado pela ideia de “revolução pelo exemplo” dentro da perspectiva de atuação Digger:

A crença dos Diggers em atuarem com base na persuasão e no exemplo também pode ser vista na maneira como eles procederam na prática. Eles não atacaram, nem tentaram ocupar e tomar propriedades privadas; eles foram cuidadosos em limitar seus esforços a localidades que eles acreditavam que eram comuns e terrenos baldios. Eles entraram em dificuldades legais, tanto em Walton quanto em Cobham, porque alguns dos proprietários locais (e possivelmente seus inquilinos também) negaram que as terras em questão fossem baldias e comuns; mas esse era seu objetivo, e eles não invadiram intencionalmente fazendas que eram propriedade privada¹²² (AYLMER. In: BRADSTOCK, 2000: 24).

¹²¹ “[...] pois ao chamar a terra de sua, ou ao alugá-la para outra pessoa, ou ao contratar alguém, ou ao trabalhar para outra pessoa via contrato; isto é desonrar a obra da criação; como se o justo criador diferenciasse as pessoas, havendo portanto, feito a terra para alguns e não para todos”. (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 84-85). No original: “[...] for one to call the land his or another to hire it of him, or for one to give hire and for another to work for hire; this is to dishonor the work of creation; as if the righteous creator should have respect to persons, and therefore made the earth for some and not for all”. Tradução da autora.

¹²² No original: “The Digger’s belief in operating by persuasion and example can also be seen in the way they proceeded in practice. They did not attack, or attempt to occupy and take over private property as such; they were careful to limit their efforts to what they believed were commons and waste grounds. They got into legal difficulties both at Walton and Cobham, because some of the local landowners (and possibly their tenants too) denied that these were wastes and commons; but that was their objective, and they did not intentionally invade privately owned farmland”. Tradução da autora.

Sobre no que consistiria, exatamente, estas tomadas de ação, relacionando-as com as suas devidas motivações, os Diggers que realizaram uma ocupação em Wellingborough colocam:

Nós consideramos que a Terra é nossa mãe, e que Deus a deu aos filhos dos homens, e que as terras comunais e os terrenos vazios pertencem aos pobres, e que nós temos direitos às terras comuns tanto por parte da Lei da Terra, quanto da Razão e das Escrituras; e portanto nós começamos a exercer nosso trabalho justo sobre estas terras, e nós confiamos em uma bênção do Espírito sobre nosso trabalho, decidindo não cavar na propriedade de nenhum homem até que ele livremente nos dê consentimento para tanto [...] ¹²³(SMITH et al., 1650).

Nos casos de Buckinghamshire e Wellingborough, não são apresentadas justificativas específicas para a escolha das localidades ocupadas, apenas afirmam que se encontram em terras comunais e/ou baldias. Já o grupo de Surrey, quando da ocupação da colina de São Jorge, informam que a escolha desta localidade também se deu através da Visão recebida por eles para que iniciassem suas atividades. Apesar de não considerarem o terreno em questão como exatamente propício à agricultura (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 88), eles alegam ter fé que “o Espírito os auxiliaria com uma bênção” (idem), devido ao caráter abençoado de sua empreitada, uma vez que em sua concepção o que estavam fazendo era também a vontade de Deus.

Para Gurney, além da ideia de uma postura política pautada na persuasão da sociedade ao seu redor, isso ressalta também o caráter milenarista da atuação dos Diggers, com a crença na inevitabilidade do sucesso da restauração da Terra como sendo de posse comum a toda a humanidade (GURNEY, 2007: 161), quando da volta de Cristo. Pode-se alegar, então, que a escolha por não ocuparem propriedades já cercadas poderia tanto visar a disputa de uma imagem de si mesmos como sendo um grupo ordeiro e pacífico, sem necessidade de qualquer

¹²³ No original: “And now we consider that the Earth is our Mother, and that God hath given it to the children of men, and that the common and waste Grounds belong to the poor, and that we have a right to the common ground both from the Law of the Land, Reason and Scriptures; and therefore we have begun to bestow our righteous labor upon it, and we shall trust the Spirit for a blessing upon our labor, resolving not to dig up any mans property, until they freely give us it; [...]”. Tradução da autora.

tipo de ação “violenta” para tomar o que acreditavam ser de posse comum, como também por não crerem na necessidade para tanto, já que:

[...] nos é mostrado que todas as profecias, visões e revelações das escrituras, dos profetas e dos apóstolos, concernentes ao chamado dos Judeus, à restauração de Israel, e fazendo deste povo os herdeiros de toda a terra, todos se assentam neste trabalho de fazer da terra um tesouro comum [...] ¹²⁴(EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 88).

Tem-se registro de atuações de Diggers desse tipo nos condados de Surrey (Cobham e Walton-on-Thmes), Northamptonshire (Wellingborough), Kent (Cox Hall), Buckinghamshire (Iver), Hertfordshire (Barnet), Middlesex (Enfield)¹²⁵, Bedfordshire (Dunstable), Leicestershire (Bosworth), Gloucestershire e Nottinghamshire (HILL, 1987: 133). A seguir, estas localidades estão marcadas com um ponto vermelho no mapa de 1912 que representa a Inglaterra e o País de Gales durante o período da Guerra Civil, entre os anos de 1642 e 1651, para melhor ambientação espacial da atuação Digger:

¹²⁴ No original: “[...] it is shewed us that all the prophecies, visions and revelations of scriptures, of prophts and apostles, concerning the calling of the Jews, the restoration of Israel, and making of that people the inheritors of the whole earth, doth all seat themselves in this work of making the earth a common treasury [...]”. Tradução da autora.

¹²⁵ Atualmente, compõe a Grande Londres.

Figura 9 - Mapa representando a Inglaterra e o País de Gales entre os anos 1642 e 1651



Fonte: “Historical Map of England and Wales: The Civil War 1642-1651”, The Cambridge Modern History Atlas, 1912. Disponível em: <http://www.emersonkent.com/map_archive/england_civil_war.htm>. Acesso em: 20/07/16. [Adaptações da autora].

Retomando-se a alegação de Wordie sobre o período entre “1600 e 1760 ter sido o mais crucial dentro de toda a história relativa aos cercamentos na Inglaterra”¹²⁶, com 28% do território inglês sendocercado apenas neste período (WORDIE, 1983: 495), é possível entender os motivos da presença de atuações de disputa com relação à terra nestes condados específicos. Essas se davam através do estabelecimento de uma relação entre os condados e a proporção da implementação das políticas de cercamento e despovoamento durante o período que engloba a Revolução. Dentre os condados mencionados acima, Kent e Leicestershire estão em meio às regiões que se encontravam largamente cercadas já no início do século XVII (ibidem: 489; 493). Já Surrey consta como havendo tido cerca de 40% de sua área cercada apenas durante o século XVII (ibidem: 490), enquanto Buckinghamshire, Middlesex, Bedfordshir e Northamptonshire tiveram 10% (ibidem: 493). Logo, com exceção de Hertfordshire, Gloucestershire e Nottinghamshire, todas as localidades em que se evidenciaram atividades Diggers durante a Revolução tiveram no século XVII seu pico de intensificação de cercamentos e, conseqüentemente, despovoamentos. Pelo fato de as fontes analisadas aqui serem provenientes dos grupos de Surrey, Wellingborough e Buckinghamshire, abordaremos com particular atenção o desenrolar das ações Diggers em cada uma destas três localidades, procurando, sobretudo, compreender os motivos que levaram ao desaparecimento de suas efêmeras existências.

Durante a ocupação da colina de São Jorge (que durara aproximadamente entre Abril e Agosto de 1649, posteriormente deslocando-se para a localidade vizinha de Cobham), apesar do General Fairfax não ter constatado uma situação de “real ameaça” que merecesse uma grande atenção das autoridades parlamentares, a percepção das autoridades locais sobre as atividades desenvolvidas pelos Diggers era substancialmente diferente e mais inquietante. Além das denúncias emitidas às autoridades parlamentares, abordadas no primeiro capítulo,

¹²⁶ No original: “Clearly, the 160 years from 1600 to 1760 were the most crucial in the whole of England’s enclosure history”. Tradução e adaptação da autora.

proprietários locais como Francis Drake (Senhor das Terras Arrendadas que englobavam a colina de São Jorge), agitaram ataques ao assentamento Digger, cujos relatos eles incluíam em seus panfletos em vãs tentativas de denúncia como forma de provavelmente angariar a simpatia da comunidade pela sua causa e condição, como é o caso dos panfletos *Declaration of the Bloody and Unchristian Acting of William Star, and John Taylor of Walton, with divers men in womens apparell, in opposition to those that dig upon George-Hill in Surrey*, e *A Watch-Word to the City of London and the Army*. Após sucessivos ataques e a perda do caso pelo qual estavam sendo processados na Corte de Justiça de Kingston, os Diggers deixam a colina de São Jorge, derrotados, e migram para uma paróquia vizinha, Cobham, onde os encontros com as autoridades locais, agora, sobretudo, na figura de Parson John Platt, Senhor das Terras Arrendadas de Cobham, continuam.

Em carta endereçada ao General Fairfax, onde eles expõem a situação de atrito com as autoridades locais, eles relatam um ataque sofrido. Este teria acontecido já após a visita de Fairfax à ocupação, onde teria sido constatado por parte dele a falta de necessidade da utilização do poderio parlamentar para dispersar os ocupantes:

Mas agora Senhores, nesta última semana, no dia 28 de novembro, veio um grupo de soldados comandados por uma corneta, sendo alguns deles de seu Regimento, e com suas palavras ameaçadoras forçaram 3 trabalhadores a ajudá-los a derrubar nossas 2 casas e levaram a madeira em um carrinho para a casa de um Cavaleiro que fora um Regalista durante todo o tempo das guerras, e expulsaram 2 ou 3 idosos que moravam naquelas casas, em pleno campo aberto neste tempo frio, (um ato mais semelhante à maneira como os Turcos tratam os Cristãos, do que como um Cristão trata outro)[...]¹²⁷ (BARTON et al., 1649. In: CLARKE, 1649: 344).

Em Cobham, eles também são acusados de serem regalistas e terem associações com Ranters.

Eles rechaçarão estas acusações através de outra carta, desta vez enviada por Winstanley a

¹²⁷ No original: “But now Sirs, this last weeke upon the 28th of November, there came a party of souldiers commanded by a cornet, and some of them of your owne Regiment, and by their threatening words forced 3 labouring men to helpe them to pull downe our 2 houses, and carried away the wood in a cart to a Gentleman’s house who hath bin a Cavaleer all our tyme of warrs, and cast 2 or 3 old people out who lived in those houses to lye in the open field this cold weather, (an action more becoming the Turks to deale with Christians then for one Christian to deale with another); [...]”. Tradução da autora.

Fairfax, em dezembro de 1649, e da publicação de um panfleto em março de 1650, *A Vindication of those called Diggers*, cujo principal objetivo é demonstrar as distâncias e disparidades entre Diggers e Ranters, bem como condenar as práticas destes.

Soube que o Sr. Parson Platt, com alguns outros Cavalheiros, fizeram um relato a você, e ao Conselho de Estado, de que nós que somos chamados Diggers somos pessoas arruaceiras, e que nós não seremos governados pelas Leis Justas e que nós temos 4 armas para nos proteger, e que nós somos bêbados, e Regalistas aguardando uma oportunidade para trazer o Príncipe de volta, e coisas assim. Verdadeiramente senhor, estes são todos relatos falsos, [...] ¹²⁸(WINSTANLEY, 1649. In: CLARKE, 1649: 356).

E sobre os Ranters no panfleto disponível no Anexo B:

Em terceiro lugar, as práticas dos Ranters é o próprio Reino da Cobiça, do Rei da Luxúria e da carne, que é o Reino da escuridão, cheio de irracionalidade, loucura e confusão; é a terra da escuridão, trazendo nada mais do que miséria aos seus habitantes; [...] ¹²⁹(WINSTANLEY, 1650).

Apesar disso, Gurney defende que a recepção aos Diggers em Cobham foi relativamente mais positiva do que aquela da colina de São Jorge, segundo ele, largamente devido ao fato de muitos dos Diggers deste grupo serem provenientes das imediações locais (GURNEY, 2007: 167-168). Consequentemente, descartava-se um sentimento inicial com relação ao grupo como se eles fossem “baderneiros forasteiros” que haviam chegado para perturbar as relações locais (ibidem: 206), diferentemente do que acontecera na colina de São Jorge, onde eram encarados, efetivamente, como forasteiros (GURNEY In: BRADSTOCK, 2000: 74). Contudo, esta pseudo-aprovação inicial não foi suficiente para apaziguar o incômodo que a presença Digger ainda suscitava nos proprietários locais, levando o experimento ao colapso em meados de abril de 1650.

¹²⁸ No original: “I understand that Mr. Parson Platt with some other Gentlemen, have made report to you, and the Councell of State, that wee that are called Diggers are riotous people, and that wee will not bee ruled by the Justices, and that wee have 4 guns in it, to secure ourselves, and that wee are drunkards, and Cavaleers waiteing na opportunity to holpe to bringe in the Prince, and such like. Truely Sir, these are all untrue reports, [...]”. Tradução da autora.

¹²⁹ No original: “Thirdly, the Ranting practife is the proper Kingdome of Covetoufneffe, of King Luft of the flefh, which is the Kingdome of darkneffe, full of unreafonableneffe, madneffe and confufion; it is the land of darkneffe, bringin forth nothing but miferie to the Inhabitants thereof; [...]”. Tradução da autora.

A ligação entre o experimento Digger de Surrey com aqueles de Wellingborough e Buckinghamshire está relacionada à outra modalidade de disseminação de suas ideias, a do envio de emissários. Além de ajudarem a disseminar os panfletos Diggers, estes emissários auxiliavam na difusão das ideias e atividades Diggers dentre a população não letrada, sobretudo camponesa, chamando atenção para a causa através do visual, do aporte de ação (HILL, 1987: 135), bem como da leitura em voz alta destes panfletos.

Publicações podem não ter sido o meio principal pelo qual os Diggers atuavam devido ao alto índice de 70% de analfabetismo na Inglaterra rural; ao invés disso, o boca a boca e o ativismo itinerante eram utilizados para espalhar a mensagem do grupo (ACHINSTEIN, 2001: 61)¹³⁰

Não se possui muitas informações acerca desta prática de disseminação de ideias através do envio de emissários partindo como enviados “oficiais” de um grupo específico, ainda que Sabine, Hill e Thomas¹³¹ considerem um grupo de pessoas que foram presos na primavera de 1650, portando uma carta contendo as assinaturas de cerca de 20 pessoas – dentre elas Winstanley e Everard, como havendo sido enviados dos Diggers de Surrey, devido aos problemas financeiros que enfrentavam decorrentes da agora alta rejeição local a respeito deles. Contudo, no panfleto *A Vindication of those called Diggers*, Winstanley adicionara um apêndice, datado de março de 1650, no qual ele emite um “aviso” aos leitores a respeito de um grupo que supostamente estaria viajando pelo interior pedindo ajuda financeira para o assentamento de Surrey, portanto inclusive uma carta contendo as assinaturas dele e de vários outros companheiros. Winstanley alega jamais ter tomado conhecimento e jamais ter assinado tal documento, caracterizando tal ação como fraudulenta, e conclui declarando que aqueles

¹³⁰ No original: “Publication may not have been the chief medium for the Diggers, given the illiteracy level in rural England of about 70 per cent; instead Word-of mouth and itinerant activism were used to spread the message of this group”. Tradução da autora.

¹³¹ (HILL, 2006: 30-31); (HILL, 1987: 135); (SABINE, 1965: 440-441); (THOMAS, 1968: 59).

que possuem algum desejo de ajudar os Diggers com dinheiro, que deveriam fazê-lo levando a ajuda diretamente a eles em Cobham (WINSTANLEY, 1650) ¹³².

O fato deste grupo específico, aparentemente, não ter sido enviado diretamente pelo grupo de Surrey, não descarta totalmente a possibilidade de grupos e pessoas simpatizantes das ideias disseminadas pelos Diggers na região terem tomado atitudes desta natureza de modo a auxiliar no estabelecimento de demais grupos de ação Digger. De uma maneira ou outra, o que se sabe é que as postulações do grupo de Surrey se espalharam, seja unicamente através das publicações escritas ou não, e serviram para inflamar novos focos de resistência ao aumento dos cercamentos de localidades comuns, direta ou indiretamente inspirados pelo que acontecia em Surrey.

Esta relação se torna possível de estabelecer ao evidenciarmos que o surgimento das atividades Diggers tanto em Wellingborough quanto em Buckinghamshire foram posteriores ao início das ações em Surrey (as primeiras evidências de ambos datam de 1650). Estes grupos trouxeram, em seus respectivos *broadsides*, as ideias centrais exploradas de modo enfático e repetitivo pelos Diggers de Surrey em seus escritos. Ambos os *broadsides* funcionam praticamente como “resumos” das principais ideias trabalhadas pelos Diggers de Surrey em sua extensa produção, abordando de forma mais direta e simplificada questões como: perspectiva milenarista da eventual restauração da propriedade como sendo comum a todas as pessoas quando da volta de Cristo, a ideia de que os atos do parlamento acabando com a monarquia e instituindo uma *Commonwealth* “livre” estavam diretamente relacionados com a restituição dos plenos direitos das pessoas comuns aos terrenos baldios e comuns – erradicando quaisquer poderes e autoridade da figura do Senhor das Terras Arrendadas, já que tal cargo advém de uma lógica aristocrática associada à Coroa -, a condenação da hierarquia entre as pessoas (no que se refere ao uso da terra) como sendo herética, a construção de uma imagem de si mesmos com base na penúria econômica, e o posicionamento de não

¹³² Reitera-se que este panfleto se encontra no Anexo B.

interferirem com propriedades privadas já existentes (trazendo também a questão da transformação através do exemplo).

Os Diggers de Wellingborough, tal como nos de Surrey, aparentam uma busca pelo diálogo com as autoridades do parlamento, ao invés de um enfrentamento direto, também através da tentativa de caracterizar aqueles que se opõem a eles como sendo majoritariamente Regalistas, ao alegarem que “verdadeiramente, aqueles que percebemos enquanto mais opostos a nós são os mesmos que vem sendo inimigos constantes da causa do Parlamento desde o princípio” (SMITH et al., 1650)¹³³. Uma vez que a autoridade no momento recai ao Parlamento, evidencia-se então a tentativa de caracterização de seus inimigos como sendo “os inimigos comuns da sociedade inglesa” daquele contexto pós regicídio, demonstrando, mais uma vez, como a tentativa de angariar um apoio e uma visão positivas da população sobre a empreitada deles era importante, sobretudo se pensarmos um de seus objetivos como sendo a questão de “dar o exemplo”. Eles tentam, assim, construir uma representação de si no imaginário social não como de revoltosos agitadores e incentivadores de tumulto e de combatividade à autoridade do Parlamento, mas sim como súditos leais que se encontram em uma situação de desespero, necessitando de atenção e, principalmente, do direito assegurado do cultivo dos comuns e dos baldios.

Já em Iver, isso é um pouco diferente, tanto de Wellingborough quanto de Surrey. Além de não terem o mesmo editor¹³⁴, eles adicionam algumas demandas que não são previamente evidenciadas em quaisquer outros escritos relacionados a quaisquer grupos Diggers, ao passo em que adotam um discurso de enfrentamento relativamente mais belicoso. Isso se traduz na forma da ameaça de cessarem de pagar seus aluguéis e de abandonarem suas

¹³³ No original: “truly those that we find most against us are such as have been constant enemies to the Parliaments Cause from first to last”. Tradução da autora.

¹³⁴ “O *broadside* de Iver, entretanto, não foi publicado por Giles Calvert, mas por Thomas Brewster e Gregory Moule, uma parceria bastante conhecida por publicar diversos escritos radicais neste período. Não se tem conhecimento de terem publicado quaisquer outros trabalhos Diggers (...)”. (THOMAS, 1968: 58). No original: “The Iver broadside, however, was published not by Giles Calvert, but by Thomas Brewster and Gregory Moule, a well-known partnership who put out many radical writings at this time. They are not known to have published any other Digger works (...)”. Tradução da autora.

crianças aos ricos, caso suas demandas não sejam atendidas (NORMAN et al., 1650. In: THOMAS, 19658: 65). Quando comparado às formulações relativas ao grupo de Surrey, observa-se que este, por mais que deixassem claras as origens pecaminosas da propriedade privada, bem como o destino infeliz que aguardava aqueles que se recusassem a cumprir os mandamentos de Deus, buscava uma política de conciliação com as autoridades locais e, sobretudo, com as parlamentares. Dentre as demandas diferenciadas colocadas por eles, estão o estabelecimento e regularização do comércio de pescados, a realização de pagamentos devidos a indivíduos que haviam tomado parte no Exército quando das Guerras Cívicas, listados na chamada *Potters List*¹³⁵, mas que ainda não haviam sido devidamente retribuídos por seus trabalhos, e finalmente pela libertação e perdão daqueles que estão presos por conta de dívidas contraídas:

E nós desejamos muito que o comércio de pesca possa ser estabelecido, pois então poderemos ter mais peixe por um xelim, enquanto agora temos para 4, o que seria um grande conforto para nós, os pobres, e de nenhum mal para vocês, portanto; e da mesma forma que a *Potters List* possa ser paga, que há tanto tempo está suspensa. [...] E pedimos que libertem todos os que estão presos por dívida e que não podem pagar a sua dívida, e deixem as Prisões virarem casas de trabalho para os pobres para fazer coisas para o comércio de pesca, o que ossos de homens pobres podem lhes trazer de bem?¹³⁶ (NORMAN et al., 1650. In: THOMAS, 19658:64-65).

Portanto, entende-se que foram dois os elementos principais a propulsar os Diggers a tomarem parte nestas ações de cultivo dos comuns e baldios: o próprio contexto de pobreza da população que se encontra no campo, junto com dificuldade de se encontrar meios efetivos de subsistência mesmo nos centros econômicos (como demonstra a trajetória de

¹³⁵“Uma lista de cerca de 2.500 pessoas a quem pagamentos em atraso pelo serviço no exército Parlamentar estavam pendentes desde pelo menos junho de 1647. Apesar de várias queixas de dificuldades, uma quantia de £ 14.750 ainda era devida em novembro de 1649”. (ibidem: 64). No original: “A list of some 2.500 persons to whom arrears of pay for service in the Parliamentary army had been outstanding since at least June 1647. Despite several complaints of hardship, a sum of £14,750 was still owing in November 1649”. Tradução da autora.

¹³⁶ No original: “And we much desire the fishing Trade may presently be set up, for then we might have more fish for one shilling, then now we have for 4, which would be great comfort to us the poor, and no hurt to you therefore; and likewise that Potters List might be paid, which so long from them have been stayed. [...] And we pray release all Prisoners for debt, that cannot pay their debt, and let the Prisons be for work-houses for the poor to make things for the fishing Trade, what will poor mens bones do you good?” Tradução da autora.

Winstanley)¹³⁷, dado o momento de dificuldade econômica que a Inglaterra de modo geral enfrentava, associado ao aumento considerável das políticas de cercamento nas localidades onde foram evidenciadas atividades Diggers. Juntamente com suas concepções religiosas, com a crença na existência de uma motivação de cunho escatológico provendo um cenário propício para o surgimento de um impulso coletivo de se tomar ação de modo a moldar a própria realidade “com as próprias mãos”, de forma que enxerga-se na tomada de ação para a mudança de suas próprias realidades sociais, o próprio exercício da vontade divina¹³⁸. Ainda que os experimentos das ocupações tenham falhado, a crença nesta ideia tornava possível que, frente à eminente atestação do fracasso do experimento de Surrey, Winstanley, em nome dos Diggers, alegasse: “Eu escrevi, eu agi, eu tenho paz [...] e agora devo esperar para ver o Espírito fazer seu próprio trabalho no coração dos outros, e ver se a Inglaterra será a primeira terra, ou não, onde a Verdade triunfará” (WINSTANLEY, 1650. In: HILL, 2006: 208).

¹³⁷ Ao ameaçarem abandonar suas crianças para serem criadas pelos ricos que minaram sua empreitada, os Diggers de Buckinghamshire referenciam este ato como havendo sido cometido previamente também pelos Diggers de Surrey após terem sido forçados a deixar a paróquia de Cobham. Tais ações podem servir como evidência da delicada situação socioeconômica em que estes Diggers se encontravam, sobretudo após seus experimentos terem sido sabotados e inviabilizados (NORMAN et al., 1650. In: THOMAS, 1968: 59; 65).

¹³⁸ Os Diggers de Northamptonshire refletem sobre sua própria experiência à luz da religião popular e, com piedade filial, falam de "agraciarem" seu trabalho à Mãe Terra de Bareshanke - um pouco grandioso, mas então, com o que mais alguém tem com o que agradecer? (HOLSTUN, 2000: 373). No original: “The Northamptonshire Diggers reflect on their own experience in the light of popular religion and, with filial piety, speak of “bestowing” their labor on Bareshanke’s Mother Earth – a bit grandiose, but then, what else does anyone have to bestow?” Tradução da autora.

3 – INTERPRETAÇÕES E CARACTERIZAÇÕES DA EXPERIÊNCIA DIGGER.

Neste capítulo final, pretendemos abordar as principais questões levantadas pelos Diggers como parte integrante de seu conjunto de posicionamentos. Procuraremos focalizar a sua compreensão sobre questões tais como propriedade, hierarquia e religião, bem como as razões para assumirem tais posições, buscando estas respostas, sobretudo, nas suas interpretações das Escrituras, bem como nas formas que alegavam estarem sendo afetados pela política de cercamentos.

Em seguida abordaremos a ideia de radicalismo, uma vez que dentro da historiografia os Diggers, bem como outros grupos da Revolução Inglesa, têm suas atuações classificadas como “radicais”. Procuraremos compreender as razões desta classificação e no que tal denominação implica, além de estabelecermos nossa própria leitura dos Diggers enquanto radicais.

Por fim, objetivamos responder à pergunta central desta pesquisa, que se vincula à indagação acerca da melhor maneira de se compreender a atuação Digger historicamente, buscando entender suas intencionalidades circunscritas ao contexto em que se encontravam. Levando-se em consideração que eles foram um grupo já bastante apropriado, das mais diversas maneiras, ao longo da história, procura-se também estabelecer um debate entre estas suposições acerca de suas atuações para então buscar compreender se eles atuavam visando de fato um futuro, uma transformação efetiva da sociedade, com forte carga revolucionária nesse sentido; se o que procuravam, na verdade, era um retorno a um passado idealizado, de forma bastante paternalista; ou se suas demandas devem ser compreendidas dentro de um contexto mais imediatista, apenas visando o direito de cultivar as terras comuns, por uma questão de subsistência e necessidade material.

3.1 - DEMANDAS E IDEALIZAÇÕES

Parte-se, então, para a formulação do que consistiria a soma destas demandas e ações Diggers na forma de um “projeto”, o conjunto dos posicionamentos do grupo, dentro do contexto de mudança social da Revolução. A defesa pelo acesso à terra em formato comum figura de modo indubitavelmente central na atuação e retórica Diggers. Amparada pela ideia de necessidade, associada à incumbência divina, os Diggers desenvolveram sua argumentação sobre a questão da terra de forma bastante característica da época em que se encontravam, com o discurso político e profético sendo um só, apresentando um debate profundamente teológico sobre a propriedade, associado a questões de ordem estrutural¹³⁹. Isso significa que, na construção da ideia da propriedade ser um “erro”, os Diggers utilizarão tanto justificativas de caráter teológico e moral, quanto material.

Nós aqui compreendemos na Palavra de Deus, que Deus fez a Terra para o usufruto e conforto de todos os Homens, e colocou-os lá para cultivá-la e decorá-la, e disse: com o suor de seus próprios rostos, ele comerá seu pão; e nós também pensamos que Deus nunca concedeu a Terra a um único grupo de pessoas, de modo que tenham tudo para si próprios, excluindo assim todos os demais. Mas Ele disse, que a Terra Ele havia dado para os filhos dos homens, que formam toda a humanidade.¹⁴⁰ (SMITH et al., 1650).

Reconhece-se, conforme mencionado no capítulo anterior, uma tênue divisão entre suas *demandas* e suas *idealizações*, com esta distinção se dando pela intersecção entre a ideia de uma “revolução pelo exemplo” e uma perspectiva milenarista, uma vez que acreditavam estar vivendo “nesta época do mundo no qual o espírito está em sua ressurreição, que é

¹³⁹ Como quando abordam os impactos econômicos que as políticas de cercamentos tiveram para os trabalhadores rurais em contrapartida às vantagens trazidas por estas para grupos sociais como a *gentry*, por exemplo.

¹⁴⁰ No original: “We find in the Word of God, that God made the Earth for the use and comfort of all Mankind, and set him in to till and dresse it, and said, That in the sweat of his brows he should eat his bread; and also we find, that God never gave it to any sort of people, that they should have it all to themselves, and shut out all the rest. but he saith, The Earth hath he given to the children of men, which is every man”. Tradução da autora. Uma cópia do panfleto original encontra-se disponível no Anexo A.

também a plenitude do tempo em uma medida mais elevada”¹⁴¹ (EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 91). Sua demanda “imediate” era a de poderem cultivar as terras que, pelos costumes, eram consideradas comuns (incluindo aqui as terras que outrora pertenceram à Coroa, pelo entendimento deles a respeito dos Atos do Parlamento), de forma concomitante à existência de propriedades já cercadas:

Primeiro, o *Rei Charles* foi o sucessor da *Conquista Normanda*, e reinou como Conquistador sobre a *Inglaterra*, pois seu Poder tirou a Terra de nós, e ele preferiria nos ver morrer na pobreza, ou nos enforcar, do que nos permitir plantar os Comuns para nosso sustento. [...] Em segundo lugar, o *Exército de nossa Commonwealth* lutou contra a *Conquista Normanda* e a expulsou, [...] Por virtude de tal vitória, tanto o Título de *Rei* como o Título de *Senhores da Terra* como Conquistadores é perdido. E a Terra agora se torna livre para os outros quanto para eles; [...] E por esta vitória, a *Inglaterra* se torna uma *Comunidade* livre. E as Terras comuns pertencem ao Irmão mais novo, como os Cercamentos ao Irmão mais velho, sem restrições¹⁴² (WINSTANLEY, et al., 1650).¹⁴³

Já o ideal consistiria em uma sociedade onde não existiria a possibilidade de se possuir terra, nem demais arranjos provenientes desta, como a existência de arrendatários, por exemplo; da mesma forma que não haveria a opção de se trabalhar mediante o pagamento de um salário. O momento no qual atuam, de profunda instabilidade política e inquietação sobre o futuro vindouro após a execução de Charles I, proporciona os elementos necessários para fazer as pessoas de diversos segmentos da sociedade acreditarem que estavam vivendo um verdadeiro período de inflexão, de rupturas e mudanças substanciais, sofrendo intervenções diretas por parte de Deus em seus cotidianos, de caráter profundamente apocalíptico, o que dera vazão ao surgimento e intensificação de alguns grupos de pressupostos escatológicos

¹⁴¹ No original: “Even so now in this age of the world that the spirit is upon his resurrection, it is likewise the fullness of time in a higher measure”. Tradução da autora.

¹⁴² No original: “First, *King Charles* was the successour of the *Norman Conquest*, and raigned as a *Conquerour* over *England*, for his Power held the Land from us, and would rather see us die in poverty, or hang us up, then suffer us to plant the *Commons* for our livelihood. [...] Secondly, Our *Commonwealth’s Army* have fought against the *Norman Conquest*, and have cast him out, [...] By vertue of which victory, both the Title of the *King*, and the Title of *Lords of Mannors* to the Land as *Conquerors* is lost. And the Land now is as free to others as to them; [...] And by this victory, *England* is made a free *Common-wealth*. And the common Land belongs to the younger Brother, as the Enclosures to the elder Brother, without restraint”. Tradução da autora.

¹⁴³ Uma cópia original deste *broadside*, “*An appeal to all Englishmen*”, está disponível no Anexo E.

diversos, como Anabatistas, Pentamonarquistas e os próprios Diggers (ROWLAND In: BRADSTOC, 2008: 139).

A construção da propriedade como “o mal que aflige a Inglaterra” se dá a partir das Escrituras e da utilização de suas aparentes experiências e circunstâncias em tom de demonstração das desigualdades e injustiças acarretadas pela existência herética desta. A possibilidade de comprar e vender terra, bem como a ideia de hierarquia entre os homens, surgiram a partir do início da corrupção da alma humana desde a queda de Adão.

De acordo com Winstanley, na queda Adão consentiu à cobiça da serpente, caiu da justiça, foi amaldiçoado, e foi enviado para a terra para comer o seu pão em tristeza. A propriedade privada é a maldição, e os que a possuem ganharam-na por opressão ou assassinato, seguindo assim os passos de Caim. Sua prevalência é tipificada pela regra da Besta: um ministério profissional; poder real; o judiciário; e a compra e venda da terra. Estes correspondem às quatro bestas no livro de Daniel [...] ¹⁴⁴ (ROWLAND In: BRADSTOC, 2008: 139).

Percebe-se que o pensamento Digger, no que se refere à interpretação bíblica, se baseia em uma lógica bastante binária e maniqueísta, a partir da qual todas as passagens da mitologia cristã podem ser interpretadas e utilizadas como alegorias para a demonstração de opressões dentro do contexto no qual se encontram, além de caracterizarem alegorias para a disputa moral entre Deus e o Diabo que ocorria no interior de cada indivíduo, dada a concepção Digger de religião como pertencente ao âmbito interno, pessoal.

As Escrituras, para Winstanley, tornam-se uma ferramenta para discernir as lutas "externas", entre as forças de opressão que procuram manter o *status quo* e aquelas que se encontram subjugadas ao sistema [...] Outras figuras e imagens bíblicas simbolizam a condição humana atual: Judas representa o "poder da cobiça"; a ânsia de Acab de adquirir a vinícola de Naboth simboliza os senhorios que desejam a posse da terra comum; o Jardim do Éden é o espírito ou coração humanos. A imaginação alegorizante de

¹⁴⁴ No original: “According to Winstanley, at the Fall Adam consented to the serpent covetousness, fell from righteousness, was cursed, and was sent into the earth to eat his bread in sorrow. Private property is the curse, and those who possess it have gained it by oppression or murder, thereby following in the steps of Cain. Its prevalence is typified by the rule of the Beast: a professional ministry; kingly power; the judiciary; and the buying and selling of the earth. These correspond to the four beasts in the book of Daniel, [...]”. Tradução da autora.

Winstanley [...] transmutou figuras históricas - Cain, Jacó e Esaú, Abraão - em atores de uma luta cósmica entre as forças da carne e as do Espírito, entre a cobiça e o amor, que ele viu irromper tanto no mundo quanto nas almas dos homens¹⁴⁵ (BRADSTOCK In: KILLEEN et al., 2015: 10).

Outra fonte de origem das mazelas da propriedade, de forma mais exclusiva sobre a Inglaterra, é identificada na invasão dos Normandos no século XI. O Jugo Normando permeava, à época, o imaginário social de forma viva, ainda que de diferentes maneiras, dependendo do lugar político e cultural do qual partem os sujeitos. Pocock e Hill argumentam que houve duas grandes formas de interpretação e representação do advento da chegada dos Normandos ao trono inglês: uma na qual este evento é interpretado como havendo caracterizado uma grande ruptura, uma verdadeira “conquista” por parte dos Normandos, enquanto a outra percebe os Normandos como havendo tomado parte de algo que lhes pertencia por direito, acarretando muito mais uma relação de permanência, de continuidade, do que de ruptura.

[...] ambos os grupos compartilhavam uma visão idealizada do mundo jurídico anglo-saxão; mas se separavam sobre a natureza da pretensão de William da Normandia sobre o trono inglês. Os defensores da teoria da continuidade, representados melhor por Sir Edward Coke e, mais tarde, pelos parlamentares durante a guerra civil, argumentaram que qualquer que fosse a suposição, ela certamente *não* caracterizava uma conquista: William reivindicara o trono por um direito antigo e as leis e os costumes Ingleses permaneceram inviolados. Os oponentes, entretanto, acreditavam que a pretensão de William foi obtida e mantida pela força; e que os costumes e as instituições Normandos viciaram aqueles dos simples anglo-saxões¹⁴⁶ (SEABERG, 1981: 791).

¹⁴⁵ No original: “Scripture, for Winstanley, becomes a tool for discerning both the “external” struggle, between the forces of oppression seeking to uphold the status quo and those in bondage to the system [...] Other biblical figures and images epitomize the present human condition: Judas represents the “power of covetousness”; Ahab’s eagerness to acquire Naboth’s vineyard symbolizes landlords desiring possession of the common land; the Garden of Eden is the human spirit or heart. Winstanley’s allegorizing imagination [...] transmuted historical figures – Cain, Jacob and Esau, Abraham – into actors in a cosmic struggle between the forces of the flesh and those of the Spirit, between covetousness and love, that he saw raging in the world and in the soul of man”. Tradução da autora.

¹⁴⁶ No original: “[...] both groups shared an idealized view of the Anglo-Saxon legal world; but they parted company over the nature of William of Normandy’s assumption of the English throne. Proponents of the theory of continuity, represented best by Sir Edward Coke, and later, the parliamentarians during the civil war, argued that whatever the assumption might have been it assuredly was *not* a conquest: William claimed the throne by ancient right and English laws and customs remained inviolate. Opponents, however, believed that William’s assumption was achieved and maintained by force; and that Norman customs and institutions vitiated those of the simple Anglo-Saxons”. Tradução da autora.

Ao evidenciarmos que nos panfletos *Diggers* são estabelecidas relações diretas entre William o Conquistador e o próprio demônio, ao passo em que demonstram certa idealização da situação camponesa anterior à chegada dos invasores continentais, atribuindo a eles a origem de todas as estruturas “maléficas” da sociedade, como as instituições religiosas, a monarquia, a *Common Law* e etc., reconhecemo-los da mesma forma que Pocock, como partidários da ideia de ruptura, e não da continuidade:

A crença essencial de Coke era que a Lei Comum tinha sido provada boa porque durava desde tempos imemoriais: não houve Conquista e a Lei descansava sobre a fundação de sua antiguidade e não sobre a vontade arbitrária de William. O que Walwyn, Lilburne e Winstanley disseram foi exatamente o contrário disso. Estando envolvidos em uma revolta contra toda a estrutura existente do direito comum, eles declararam que houve realmente uma Conquista; a lei existente derivava da tirania do Conquistador e tomava parte da ilegitimidade que caracterizara todo o seu reinado. [...] Foi uma crítica radical à sociedade; [...] Ambas as partes realmente olhavam para o passado, mas o que os advogados comuns descreviam era a continuidade ininterrupta entre o passado e o presente, que por si só justificava o presente; enquanto os radicais falavam de uma idade de ouro, um paraíso perdido no qual os ingleses haviam desfrutado das liberdades que lhes haviam sido tiradas e que deveriam ser restauradas¹⁴⁷ (POCOCK, 2004: 126).

Uma vez que, segundo os *Diggers*,

(...) a última conquista escravizadora que o inimigo conseguiu sobre Israel foi a dos Normandos sobre a Inglaterra; e desde então reis, senhores, juízes, oficiais de justiça e as pessoas amargas e violentas que são os proprietários, têm existido sucessivamente. O bastardo Normando, o próprio William, seus coronéis, capitães, oficiais inferiores e soldados comuns, ainda hoje perseguem esta vitória, aprisionando, roubando e matando os pobres

¹⁴⁷ No original: “Coke’s essential belief was that the common Law had been proved good because it had lasted from time immemorial: there had been no Conquest and the Law rested on the foundation of it’s antiquity and not of William’s arbitrary will. What Walwyn, Lilburne and Winstanley said was the very reverse of this. Being engaged in a revolt against the whole existing structure of the common law, they declared that there had indeed been a Conquest; the existing law derived from the tyranny of the Conqueror and partook of the illegitimacy that had characterized his entire rule. [...] It was a radical criticism of existing society; [...] Both parties indeed looked to the past, but what the common lawyers described was the unbroken continuity between past and present, which alone gave justification to the present; while the radicals were talking of a golden age, a lost paradise in which Englishmen had enjoyed liberties that had been taken from them and must be restored”. Tradução da autora.

Israelitas Ingleses escravizados¹⁴⁸(EVERARD et al., 1649. In: HILL, 2006: 86).

Já a ação que empreenderam frente a esta situação pressupôs uma lógica escatológica de mudança social, baseada em um imaginário milenarista que não só levava os sujeitos a aguardarem o retorno do Senhor, como também, no caso Digger, a prepararem o mundo para este advento do dia em que todas as pessoas seriam iluminadas por Deus. Elas reconheceriam então de que modo a sociedade deveria operar para existir de forma justa e harmônica com a vontade de Deus. Ou seja, havia tanto uma espera pela instauração desta sociedade justa, quanto uma efetiva tomada de ação para a transformação da sociedade na qual se encontravam, visando este mesmo ideal que seria invariavelmente trazido por Deus. As transformações que queriam ver no mundo deveriam, primeiramente, partir deles mesmos.

Jorge Juretic interpretara esta “tomada de ação Digger” como parte de um processo de secularização do pensamento de Winstanley, especificamente (JURETIC, 1975: 269)¹⁴⁹. Tal ideia pode ser considerada no mínimo absurda, por ser evidente em todos os materiais publicados pelos Diggers, independente do momento de suas trajetórias, que o elemento religioso se fazia presente, ainda que com variada intensidade¹⁵⁰. Mas Juretic não está totalmente errado em averiguar certo momento de mudança de postura, ainda que não tenha se

¹⁴⁸ No original: “And the last enslaving conquest which the enemy got over Israel was the Norman over England; and from that time kings, lords, judges, justices, bailiffs and the violent bitter people that are freeholders, are and have been successively. The Norman bastard William himself, his colonels, captains, inferior officers and common soldiers, who still are from that time to this day in pursuit of that victory, imprisoning, robbing and killing the poor enslaved English Israelites”. Tradução da autora.

¹⁴⁹ Pensa-se que, ao procurar tecer uma crítica aos historiadores que partiram de uma análise, em sua concepção, “religiocêntrica” (JURETIC, 1975: 264) de Winstanley, que teria como consequência a total refutação de outros elementos que porventura poderiam ter exercido influência e motivação para as ações Diggers, Juretic acaba por cair no mesmo erro que busca criticar. Ao tentar compreender as ideias e atuações de Winstanley em pleno século XVII como “seculares”, Juretic parte de uma reivindicação comunista calcada na exclusiva análise das estruturas e cai em um reducionismo grotesco. Tão grotesco quanto aquele que por se pautar exclusivamente em pressupostos religiosos, acaba por destituir os Diggers de quaisquer possibilidades de crítica social ao contexto em que viviam, e tentativas de agir de modo a alterar suas realidades imediatas de escassez econômica.

¹⁵⁰ Em *Fire in the Bush*, por exemplo, tem-se um panfleto que versa de maneira “principal”, pode-se dizer, acerca dos aspectos teológicos da empreitada Digger, com eles novamente apresentando suas justificativas espirituais para suas ações. Já em *A Declaration of the Diggers of Wellingborough*, ou *A Declaration of the Poor oppressed People of England*, ainda que as fundamentações religiosas para suas ações continuem bastantes presentes, nota-se que o que impera parece ser a demonstração de como os cercamentos estão afetando diretamente uma parcela da população de modo bastante negativo, ao passo em que favorecem outros setores da sociedade de forma “ilícita” na visão deles.

dado dentro dos moldes por ele concebidos. A mudança que se sucede é entre os panfletos escritos por Winstanley previamente ao seu envolvimento com os Diggers, e os panfletos consecutivos. Nos primeiros, há uma condenação da tomada de ação, e a defesa de uma espera passiva pela vinda de Deus (ELMEN, 1954: 215), como pode ser evidenciado por uma passagem de *The Breaking of the Day of God*:

Tudo o que direi em conclusão é isto: Espere pacientemente pelo Senhor, [...] Porque não é vingança, prisões, multas, lutas, que subjugarão um espírito tumultuoso: mas uma resposta suave, amor e humildade, ternura e justiça, fazendo como gostaríamos que fizessem para nós, é isso que irá apaziguar esta ira¹⁵¹(WINSTANLEY, 1648).

Após *The New Law of Righteousness*, onde ocorre este momento de inflexão, surgindo o relato acerca da “visão” que ordenara a tomada de ação, a mudança se dá na forma da abordagem desta espera. Agora, atua-se para preparar esta vinda, permanecendo dentro de uma lógica milenarista, já que a ideia de que Jesus voltará continua presente e sendo desenvolvida ao longo dos panfletos. Holstun também aborda a relevância de se perceber esta cisão como não havendo sido fruto de qualquer processo de secularização, mas sim, em sua visão, caracterizando a inserção de uma abordagem materialista ao que viria a ser a perspectiva Digger de atuação:

Estava Winstanley "preso dentro" de uma forma teológica de pensamento nessas primeiras obras? Para ele, como para tantos escritores do século XVII, a oposição sagrado/secular cai. Mas uma oposição entre uma religião "idealista" e uma religião "materialista" - entre um coletivo serial de santos aguardando Jesus, e um grupo de santos agrários que O recriam em sua práxis - é uma questão diferente. [...] Winstanley ouviu um comando divino aos pobres trabalhadores e foreiros da Inglaterra para que começassem o cultivo comunal das terras baldias e comuns: "Trabalhem juntos, comam pão juntos, declarem tudo isso ao mundo". Este exórdio baseado na Gênesis, que funde produção, consumo e profecia, gerou o movimento Digger¹⁵² (HOLSTUN, 2000: 376).

¹⁵¹ No original: “All that I fhall fay in conclusion is this, Wait patiently upon the Lord, [...] For it is not revenge, prifons, fines, fightings, that will fubdue a tumultuous fpirit: but a foft anfwer, love, and meekneffe, tenderneffe and juftice, to doe as we would be done unto, this will appeafe wrath”. Tradução da autora.

¹⁵² No original: “Was Winstanley “caught inside” a theological form of thought in these early works? For him, as for so many seventeenth-century writers, the sacred/secular opposition falls flat. But an opposition between an

O sentimento de urgência de mudança desenvolvido por Winstanley neste panfleto pode refletir a forma como ele e os seus foram afetados pela realidade da vida no campo neste contexto, sobretudo ao recordarmos que ele provinha de uma situação socioeconômica prévia bastante distinta (ALSOP In. BRADSTOCK, 1999: 32). Apresentando uma espécie de “acúmulo” de experiência nesta situação, justamente em meio à maciça intensificação da política do Parlamento sobre a jurisdição da terra, associada à dura situação econômica que a Inglaterra vivia devido a dois anos seguidos de más colheitas e demais complicações de base econômica (HESSAYON, 2009: 5), pode ser compreendido como um fator que impulsiona essa defesa pela necessidade de agir. Toda a centralidade que ocupará ao longo da atuação Digger, pode ser interpretada também como proveniente da forma pela qual o contexto os estava afetando em termos materiais, com consequências para seus espíritos.

Além disso, na experiência Digger, com os panfletos caracterizando um posicionamento coletivo, estes englobam o envolvimento de outros sujeitos, o contato entre díspares realidades e trajetórias, e, possivelmente, uma maior percepção sobre as implicações da vida no campo deste período. Esta visão prévia de espera pelo divino defendida por Winstanley pode ter se perdido em meio aos seguintes tratados Diggers – diferentemente de outras características de seus panfletos pré-Digger, como a própria percepção escatológica – devido à acentuação das tensões sociais e econômicas que advinham da continuação da instauração da política de cercamentos, e do aumento progressivo do poder do Parlamento sem reconhecerem, entretanto, suas demandas tomando forma a partir dele.

Por fim, retomando a questão da defesa da ausência de hierarquia entre as pessoas, esta não caracteriza, conforme defendido previamente, a recusa do reconhecimento de figuras

“idealist” and a “materialist” religion – between a serial collective of expectant saints waiting on Jesus, and a pledged group of agrarian saints recreating him in their very praxis – is a different matter. [...] Winstanley heard a divine command to the poor laborers and copyholders of England to begin communal cultivation of the waste lands and commons: “Work together, Eat bread together, declare this all abroad”. This Genesis-based exordium, which fuses production, consumption, and prophecy, generated the Digger movement”. Tradução da autora.

de autoridade ou, muito menos, de uma ideia de governo e Estado. Já a lógica do posicionamento anticlerical dos Diggers, por sua vez, está muito mais relacionada à tradicional postura protestante de recusa ao reconhecimento de autoridades eclesiásticas do que a uma invenção própria de oposição. Na concepção Digger, esta questão da ausência de hierarquias está muito mais relacionada a uma ideia de equidade de direitos sobre a utilização da terra do que a uma concepção da figura de autoridade como desnecessária. Isso pode ser evidenciado no caso pontuado anteriormente a respeito da figura de autoridade do homem frente à mulher e os filhos no âmbito familiar, e a conseqüente estruturação patriarcal da sociedade a partir disso, por exemplo, além da ausência de uma demanda concreta e fundamentada, tal como as demais, pelo fim de um corpo estatal em seus panfletos. *Law of Freedom* caracteriza justamente o contrário disso: a manutenção e o endurecimento do sistema de governo da *Commonwealth*, com uma alteração substancial nas diretrizes políticas acionadas por este.

Há, em *Law of Freedom*, uma inversão sobre a figura de quem restauraria a terra como propriedade comum a todos os homens: se antes defendiam a tomada de ação por parte da população para tanto, agora é nas vias institucionais que depositam suas esperanças para a concretização da terra em caráter comunal, uma conseqüência proveniente, talvez, da experiência de derrota que obtiveram com o experimento das ocupações. Esta inversão de uma perspectiva de mudança partindo “de baixo” por outra vindoura “de cima” não acarretou, entretanto, em uma alteração substancial dos posicionamentos e “valores” Diggers, por assim dizer. O objetivo final continua sendo a da restauração da propriedade comum da terra, estando esta empreitada assegurada e fundamentada pelas Escrituras; junto com a criação de uma sociedade que conta com um aparelho estatal e, pode-se dizer até mesmo repressor, para que consiga assegurar isso contra as investidas daqueles que ainda não aceitam que a

verdadeira presença de Deus encontra-se em seus interiores e assim continuam a dar espaço ao florescimento da lógica do “conquistador” (WINSTANLEY, 1652. In: HILL, 2006: 297).

Há a efetiva demonstração de um entendimento do poder conquistado pelo parlamento como não sendo proveniente de conquistas que se resumem a Cromwell ou ao Exército de Novo Tipo. Argumenta-se que estes só chegaram onde estão devido aos esforços coletivos dos mais variados segmentos da sociedade inglesa e, portanto, a posição de poder ocupada por Cromwell deveria levar em consideração os anseios de pessoas como os Diggers, daqueles que efetivamente os colocaram lá. Assim, Winstanley se manifestava:

De modo que tudo o que é recuperado do conquistador é recuperado por um consentimento comum dos plebeus: portanto é tudo equidade, que todos os plebeus que auxiliaram vocês devem ser libertados do poder do conquistador junto com vocês [...] E agora vocês tem o poder da terra em suas mãos, vocês devem fazer uma destas duas coisas: primeiro, ou libertar a terra para as pessoas comuns oprimidas que os ajudaram e pagaram ao Exército seus salários; e assim então vocês cumprirão as Escrituras e seus próprios compromissos, e assim tomar posse de sua merecida honra. Ou, em segundo lugar, vocês apenas retiram o poder do conquistador da mão do Rei e colocam-no nas mãos de outros homens, mantendo ainda as velhas leis; [...] ¹⁵³. (WINSTANLEY, 1652. In: HILL, 2006: 276).

Logo, ainda que haja agora o estabelecimento de uma relação direta entre Cromwell (e o governo) e questões como poder, possibilidade de mudança e a ideia de libertação da Inglaterra, onde antes figurava uma ideia do “povo” como protagonista, eles ainda evidenciam bastante a ideia de que o poder do parlamento não só foi conquistado com o apoio de tais autoridades, mas sim que este emana justamente do povo (WINSTANLEY, 1652. In: HILL, 2006: 275-276).

¹⁵³ No original: “So that whatsoever is recovered from the conqueror is recovered by a joint consent of the commoners: therefore it is all equity, that all the commoners who assisted you should be set free from the conqueror’s power with you [...] And now you have the power of the land in your hand, you must do one of these two things: first, either set the land free to the oppressed commoners who assisted you and paid the Army their wages; and then you will fulfil the Scriptures and your own engagements, and so take possession of your deserved honour. Or secondly, you must only remove the conqueror’s power out of the King’s hand into other men’s, maintaining the old laws still; [...]”. Tradução da autora.

Esta mudança significativa representada por este último panfleto pode ter tido sua motivação na ideia da “experiência da derrota” (SHULMAN, 1989: 2014-1015), tal como defende também Daniel Webb. As empreitadas Diggers sofreram sucessivos ataques do seu primeiro ao último suspiro, tendo estes ataques sido variados desde a postura indiferente das autoridades às suas demandas, até a concretização de ataques físicos às casas, plantações e indivíduos nas ocupações, por parte das autoridades de proprietários de terras das localidades onde atuaram. Associada à continuidade da expansão dos cercamentos, a desilusão Digger para com a ideia de tomarem as medidas de mudança em suas próprias mãos parece ser um sentimento ao menos lógico, para o qual encontrarão uma solução através da deposição de responsabilidade nas mãos das autoridades parlamentares.

3.2 - RADICAIS E RADICALISMOS EM PERSPECTIVA

A terminologia “radical” foi bastante empregada e popularizada dentro da tradição marxista por historiadores como Christopher Hill e David Petergorsky, para classificar algumas ideias, ações e grupos políticos atuantes na Revolução, como por exemplo, os Diggers. O trabalho de Hill, ainda que reconhecido como um marco importantíssimo dentro dos estudos acerca da Revolução Inglesa, foi, nos anos posteriores à sua publicação, submetido a uma série de críticas não apenas extremamente contundentes, como necessárias. Talvez a principal delas tenha sido ao caráter intrinsecamente ideológico que acaba por reger sua análise, e de maneira mais específica, no que acarreta a maneira que o autor emprega a ideia de radicalismo para a caracterização de grupos e ideias em seus trabalhos, classificando-os enquanto tal quando, em sua concepção, é possível estabelecer paralelos entre as ideias destes grupos e ideais “de esquerda” (KENNEDY, 2006: 115).

Além disso, há uma tentativa de estabelecimento de uma relação direta entre ser radical e ser proveniente de uma segmentação social desfavorecida, usando a terminologia de análise empregada por ele, “classe popular”, desenvolvendo a ideia de que o radicalismo era uma característica intrínseca destas “classes populares” (FINNEGAN; HESSAYON, 2011: 17). Contudo, o trabalho desenvolvido por Nicholas McDowell quebra consideravelmente esta forma de idealização sobre o radicalismo. Ao pautar a heterogeneidade das atuações radicais em história, evidenciando, sobretudo, a presença de indivíduos que apesar considerados dentro de tradições radicais, não correspondem ao que se tenta construir, no viés marxista sobre o século XVII, à simplicidade de uma classe popular, McDowell promove uma abordagem mais complexa sobre o que caracterizaria estes radicais enquanto tal, analisando justamente as interações entre estes diferentes mundos culturais e as formas como estas influenciam as diretrizes radicais (MCDOWELL, 2003: 9). McDowell reconhece, assim, a pluralidade daquilo que pode ser reconhecido como radical. Além de evidenciar as diferentes possibilidades de agências e trajetórias daqueles sobre os quais paira a alcunha do radicalismo, retira tais sujeitos dos grilhões de um determinismo, de suas formas de atuação como estando exclusivamente atreladas à posição social ocupada por eles. Ou seja, para além de compreender como os “choques” entre situações sociais e culturais diferentes produziram radicalismos, McDowell propõe uma investigação a partir da interação entre estas.

[...] a articulação da crença radical também é revelada como sendo o produto do diálogo entre ortodoxia e heterodoxia. As idéias heterodoxas são expressas através da aplicação satírica dos recursos culturais fornecidos por uma educação ortodoxa, ou através da interpretação heterodoxa de textos [...] As linguagens da cultura dominante são freqüentemente mexidas e mal aplicadas para fins de paródia e subversão, mas também para desenvolver e articular novos e radicais modos de pensamento¹⁵⁴(MCDOWELL, 2003: 9).

¹⁵⁴ No original: “[...] the articulation of radical belief is also revealed to be the product of dialogue between orthodoxy and heterodoxy. Heterodox ideas are expressed through satirical application of the cultural resources provided by an orthodox education, or through the heterodox interpretation of texts [...] The languages of the dominant culture are frequently scrambled and misapplied for the purposes of parody and subversion, but also to develop and articulate new and radical modes of thought”. Tradução da autora.

Nos Diggers, a dura crítica à existência da terra como propriedade e a utilização do que se pode considerar, em certa medida, como táticas de ação direta em sua atuação política, além da previamente abordada construção de uma representação de si como parte de duas amplas frentes de coletividade (“o povo pobre e opimido da Inglaterra” e a própria ideia ressignificada de Digger enquanto aquele trabalhador da terra que resiste à imposição da política de cercamentos), faz com que Hill os enxergue como portadores de profundo radicalismo revolucionário.

Para Glenn Burgess, Hill falha justamente ao dar uma abordagem de certa forma anacrônica a estes sujeitos, “A abordagem de Hill sobre estes radicais, com ênfase na característica de serem visionários, falhou em explicá-los historicamente precisamente por tê-los retirado do tempo deles”¹⁵⁵ (BURGESS, 2007: 63). Ainda sobre os problemas da análise de Hill envolvendo o radicalismo:

No entanto, os críticos de Hill identificaram com sucesso algumas suposições de sua abordagem que são tanto características quanto discutíveis. [...] Primeiro, há a crença inicial de que o radicalismo – apesar de diverso – é em algum nível um único fenômeno, que um leque diversificado de grupos e indivíduos possuem o suficiente em comum para compartilharem um rótulo em comum. Em segundo lugar, há uma interpretação comum que louva o radicalismo pela antecipação de ideias modernas e progressistas (democracia, socialismo, comunismo, tolerância, liberalismo, constitucionalismo e materialismo, por exemplo). [...] E em terceiro, a crença de que a melhor maneira de se compreender as origens do radicalismo, bem como localizá-lo no início do mundo moderno, é através da análise de classe. É a ideia de que ideias radicais faziam parte de uma ideologia de classe, decorrentes da experiência social de grupos específicos, e que faziam parte de uma longa [...] tradição de protestos sociais radicais que teriam suas origens na Idade Média (BURGESS, 2007: 64)¹⁵⁶.

¹⁵⁵ No original: “Hill’s approach to these radicals, with its emphasis on their forward-looking character, failed to explain them historically precisely because it took them out of their time in this way”. Tradução da autora.

¹⁵⁶ No original: “Hill’s critics have, nonetheless, successfully identified several assumptions of his approach that are both characteristic and debatable. [...] First, there is the initial belief that radicalism – however diverse – is at some level a single phenomenon, that a diverse array of groups and individuals have enough in common to share a collective label. Second, there is a common interpretative mood, which praises radicalism for its anticipation of modern progressive ideas (democracy, socialism, communism, toleration, liberalism, constitutionalism and materialism can all be involved in this). [...] Third, there is a belief that the best way of understanding the origins of radicalism, and of locating it in the early modern world, is through class analysis. Radical ideas were a class ideology, arising from the social experience of particular social groups, and were part of a long [...] tradition of radical social protest that could be traced back to the middle ages”. Tradução da autora.

Parte-se, portanto, de uma concordância com Burgess ao defender que “Entender os radicais como pensadores à frente de seu tempo, como antecedentes de nosso próprio entendimento de modernidade, é aliená-los de maneira explícita de seus próprios contextos históricos”¹⁵⁷ (BURGESS, 2007: 66).

Conforme colocado por Ariel Hessayon e David Finnegan na introdução de *Varieties of Seventeenth – and Early Eighteenth – Century English Radicalism in Context*, o problema da utilização de termos históricos para se referenciar um determinado contexto no qual aquele termo específico ainda não existia, ou não era recorrente, não está na utilização do termo em si – o que seria resolvido com a mera extirpação deste uso – mas sim na falta de cuidado justamente no que se refere ao anacronismo, fruto de uma falta de contextualização acerca do sentido que será dado ao termo ao empregá-lo. Os autores evidenciam os problemas que esta linha de pensamento poderia acarretar, caso apenas fosse julgado aceitável descrever e analisar uma época a partir de vocabulário que fosse contemporâneo à mesma:

Se removermos os anacronismos de nossos discursos, estes devem ficar consistentes [...] Neste raciocínio, se alguém for escrever sobre o mundo representado nos *Contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, utilizando apenas palavras que surgiram na língua Inglesa após 1400, seria impossível. Do mesmo modo, ao falarmos da Inglaterra do século XVII não poderíamos usar os termos ‘angelologia’ (não registrado antes de 1735), ‘antisemitismo’ (não registrado antes de 1882), ‘homossexual’ (não registrado antes de 1892), ‘Neoplatonista’ (não registrado antes de 1837), ‘numerologia’ (não registrado antes de 1907), ‘panteísta’ (não registrado antes de 1705), ‘vegetariano’ (não registrado antes de 1839), ou, significativamente, ‘Revolução Inglesa’ (popularizado durante os anos 1820)¹⁵⁸. (FINNEGAN; HESSARYON, 2011: 2).

¹⁵⁷ No original: “To view radicals as thinkers before their time, as anticipators of one’s own reading of modernity, is explicitly to alienate them from their own historical worlds”. Tradução da autora.

¹⁵⁸ No original: “If we remove anachronisms from our discourses we should be consistent [...] By this reasoning, if one were to write about the world depicted in Geoffrey Chaucer’s *Canterbury Tales* using words that came into the English language after 1400 would be out of the question. Likewise, in discussing seventeenth-century England we could not speak of ‘angelology’ (unrecorded before 1735), ‘anti-Semitism’ (unrecorded before 1882), a ‘homosexual’ (unrecorded before 1892), a ‘Neoplatonist’ (unrecorded before 1837), ‘numerology’ (unrecorded before 1907), a ‘pantheist’ (unrecorded before 1705), a ‘vegetarian’ (unrecorded before 1839) or, significantly, the ‘English Revolution’ (popularized during the 1820s)”. Tradução da autora.

Aliado a isso, os autores complementam defendendo a ideia de que os significados diversos que um termo acarreta podem ter-se feito presentes em épocas e contextos recuados no passado, ainda que o termo em si não necessariamente existisse, evidenciando o transbordamento das ideias para além de suas terminologias. “[...] só porque determinados significantes não existiam durante o século XVII não significa necessariamente que os fenômenos também eram ausentes”¹⁵⁹ (FINNEGAN; HESSAYON, 2011: 4).

Diversos foram os autores, como Hill, Burgess, Aylmer e Davis, por exemplo, que tentaram prover uma definição para o que foi o “radicalismo” e o que caracterizava algo ou alguém como “radical” no século XVII. Entretanto, para se pensar os eventos que acometiam o século XVII inglês, concorda-se mais com o colocado por Hessayon e Finnegan a respeito de “radical” ser compreendido como uma categoria significativamente mais fluída (FINNEGAN; HESSAYON, 2011: 13), pelo fato de compreendermos estes “radicalismos” como sempre partindo de uma ideia relacional (algo/alguém é radical sempre em relação a um determinado ponto referencial), independente da direção para a qual a postura radical aponta: “Novamente, qualquer justaposição de radical com moderado, ou conservador, deve ser determinada inteiramente pelo contexto, tornando-o um termo situacional ou de relacionamento, em vez de algo indicativo de conteúdo”¹⁶⁰ (FINNEGAN; HESSAYON, 2011: 12).

Quer possuam uma natureza conservadora, inovadora, liberal, etc., pensa-se que a característica que possibilita a locação de ações, posicionamentos e opiniões sob a alcunha de “radical” é a do estabelecimento de uma relação de oposição a algo que está estabelecido por um dado *status quo*, ao passo em que se oferece uma alternativa a este, sempre dentro de uma lógica extremamente heterogênea e de necessidade absoluta de se partir da situação contextual

¹⁵⁹ No original: “[...] just because certain signifiers did not exist during the seventeenth century it does not necessarily follow that the phenomena were also absent”. Tradução da autora.

¹⁶⁰ No original: “Again, any juxtaposition of radical with moderate, or conservative, must be determined entirely by context rendering it a situational or relationship term rather than something indicative of content”. Tradução da autora.

para compreender atuações dentro desta lógica (idem). Nesse sentido, aproxima-se um pouco do entendimento de Burgess:

[...] radicalismo envolve a capacidade de prever e justificar a transformação estrutural das instituições sociais, econômicas, religiosas e políticas. ‘Radicalismo’ aqui indica uma atitude frente ao *status quo* [...] ¹⁶¹ (BURGESS, 2007: 77).

Portanto, o que torna os Diggers passíveis de serem compreendidos como uma atuação radical durante a Revolução Inglesa não é por conta do “lugar social” que eles constroem para si mesmos em seus panfletos (aquele de camponeses pobres, não condizente com a sua real pluralidade de trajetórias), ou muito menos devido à sua demanda pela extinção da lógica de propriedade sobre a terra em si, por caracterizar algo que hoje a partir do século XXI consideráramos dentro de uma “ideia de esquerda” (FINNEGAN; HESSAYON, 2011: 12). Os Diggers são radicais por suas demandas e posicionamentos irem de encontro à ordem social que estava sendo implementada pelo parlamento à época, e mais, por proporem alternativas a esta, notadamente, com ênfase na questão da propriedade. A ideia de radicalismo, entretanto, não dá por si só conta de caracterizar a experiência Digger de modo a compreendermos o que tais alternativas caracterizam e implicam. Para tanto, necessita-se refletir sobre a natureza propriamente dita do conjunto de suas propostas, e da caracterização dos anseios por trás destas, pensando-os como um coletivo.

3.3 CARACTERIZANDO UM PROJETO DIGGER

[...] Podemos decidir que Levellers e Diggers, Quakers e Harringtonianos fizeram demandas que requeriam uma transformação estrutural de uma antiga ordem: mas será que eles viam as coisas dessa forma? Teriam os

¹⁶¹ No original: “[...] radicalism involves the capacity to envisage and justify the structural transformation of social, economic, religious or political institutions. ‘Radicalism’ here labels an attitude to the *status quo*, and it must remain a matter for historical inquiry to decide whether those who do demand the structural transformation of an existing order actually have anything more substantial in common with one another”. Tradução da autora.

‘radicais’ do século XVII uma linguagem ou linguagens nas quais falavam de uma transformação estrutural?¹⁶² (BURGESS, 2007: 77).

Partindo das críticas trazidas por Skinner sobre a interpretação de textos “clássicos”, aqueles que versam sobre questões relativas à moral, política e/ou religião, como necessariamente formuladores de uma espécie de “doutrina atemporal”, caindo, assim, em uma análise anacrônica que suscita o que Skinner denomina “mitologias” - da doutrina, da coerência e da *prolepsis* - (SKINNER, 2005: 59); não se procurou fazer este levantamento das ideias e posicionamentos contidos nas atuações Diggers com qualquer intenção de evidenciação de uma doutrina, nesse sentido, desconexa de seu contexto e significados dentro deste.

Não se procura, portanto, corroborar (ou muito menos engajar um disputa teórica de modo a refutá-los) com aqueles historiadores¹⁶³ que se utilizam de categorizações como “comunistas”, “ambientalistas” ou até mesmo “anarquistas”, por exemplo, para caracterizar o grupo. Pensa-se que este tipo de interpretação recai em profunda impropriedade histórica, além de caracterizar, em certa medida, a “mitologia da *prolepsis*” condenada por Skinner, na qual os historiadores demonstram estar “mais interessados no significado retrospectivo de um dado episódio que em seu sentido para o agente em seu próprio tempo”¹⁶⁴ (ibidem: 73). Tal crítica também é desenvolvida por Hessayon, especificamente sobre o ato de considerar os Diggers dentro de uma suposta tradição comunista e/ou ambientalista, ao apresentar outras

¹⁶²No original: “. [...] We might decide that Levellers and Diggers, Quakers and Harringtonians made demands that required the structural transformation of an old order: but did they see things in this way? Did seventeenth-century ‘radicals’ have a language or languages in which to speak of structural transformation?”. Tradução da autora.

¹⁶³São os casos, em maior ou menor medida, de Andrew Bradstock, Darren Webb, David Petergorsky e James Holstun, por exemplo, dentre inúmeros outros. Ainda que a utilização desta ideia para caracterizar os Diggers por parte destes historiadores não implique necessariamente em uma análise profundamente reducionista; pensa-se, ainda assim, que isso ainda incute numa tentativa de alocação da experiência Digger dentro de uma tradição “comunista”, o que não se considera sensato ou relevante para a caracterização e compreensão do grupo a partir de seu contexto. Se há uma tradição “política”, nesse sentido, dentro da qual os Diggers podem ser compreendidos, é a de lutas com foco sobre a questão agrária e resistência frente a imposição de uma lógica absolutamente mercantilista sobre a terra.

¹⁶⁴No original: “(...) the type of mythology we are prone to generate when we are more interested in the retrospective significance of a given episode than in its meaning for the agent at the time”. Tradução da autora.

raízes e tradições diversas para a ideia da terra comum (HESSAYON, 2009: 23). Para ele, esses tipos de abordagens eram fruto de apropriações da imagem dos Diggers de modo a ser “remodelada para servir às novas doutrinas políticas que procuravam legitimidade parcialmente através da ênfase em supostos antecedentes ideológicos”¹⁶⁵ (ibidem: 1).

Ainda assim, pensa-se igualmente problemático realizar análises que, tal como coloca Geoff Kennedy, ao se proporem a reduzir os problemas causados pelo tipo de abordagem supracitado, acabam por extirpar estes movimentos de toda e qualquer carga política de crítica social que acarretaria algum tipo de resistência. De acordo com Kennedy:

[...] Os Marxistas têm sido muitas vezes criticados por supostamente abordarem o radicalismo dos Diggers [...] a partir de um ponto de vista que exógeno à história, ou proclamando os Diggers como sendo os progenitores de um comunismo em vias de melhoramento, ou criticando-os por não conseguirem expurgar de si remanescências pré-modernas. Na tentativa de fornecer uma correção às supostas tendências anacrônicas do Marxismo, os revisionistas buscaram historicizar os radicais do início da modernidade de maneiras que diminuam completamente seu radicalismo. Ao historicizar os radicais dentro de um contexto de práticas e construções discursivas, os revisionistas purgaram qualquer aspecto do significado social que radicais como Gerrard Winstanley e os Diggers tiveram no início da modernidade¹⁶⁶ (KENNEDY, 2006: 114).

Esta procura por concebê-los como movimentos puramente e exclusivamente teológicos e proféticos – como é o caso, por exemplo, de Winthrop S. Hudson – parecem operar como se estas características, de um movimento profundamente calcado na religiosidade e em uma visão de mundo escatológica, por formularem críticas e proposições de ordem social que contestavam um *status quo*, fossem necessariamente mutuamente excludentes.

¹⁶⁵ No original: “[...] the English Diggers of 1649-50 have been successiely appropriated; their image refashioned in the service of new political doctrines that have sought legitimacy partly through emphasizing supposed ideological antecedents”. Tradução da autora.

¹⁶⁶ No original: “[...] Marxists have often been criticized for allegedly approaching the radicalism of the Diggers [...] from a vantage point that exists outside of history, either proclaiming the Diggers to be the progenitors of an improving communism, or criticizing them for failing to successfully purge themselves of premodern remnants. In attempting to provide a corrective to the allegedly anachronistic tendencies of Marxism, revisionists have sought to historicise early-modern radicals in ways that diminish their radicalism entirely. By historicizing radicals within a context of discursive practices and constructs, revisionists have purged any aspect of the social significance of early-modern radicals like Gerrard Winstanley and the Diggers”. Tradução da autora.

James Holstun¹⁶⁷ critica esta forma de abordagem que parece, em alguma medida, conceber uma possível oposição entre sagrado e secular nas mentalidades que permeavam o século XVII (HOLSTUN, 2000: 376).

Pressupondo a postulação de Skinner acerca da necessidade da compreensão dos significados de uma agência não como pairando soltos no ar, mas, sim, a partir de sua consideração dentro de um dado contexto, dentro dos quais textos políticos e agências coletivas eram produzidas, levando-se em consideração as características materiais e culturais que marcavam a estrutura social e política dentro da qual os panfletos e críticas políticas Diggers foram escritos, bem como as ocupações desenvolvidas, sem pressupor uma “mitologia da coerência” (SKINNER, 2005: 67), indaga-se: de que forma as posturas e proposições radicais desenvolvidas pelos Diggers entre 1649 e 1650, sobretudo sobre a questão da terra, devem ser compreendidas no que se refere aos seus objetivos desejados?

Com a recorrente evocação do Jugo Normando, da qual decorre uma ideia de “idealização de um passado idílico anglo-saxão”, e a tênue e interconectada separação entre um ideal de inexistência de propriedade e uma demanda de certa forma “imediatista” pelo direito do cultivo das terras comuns, evocando uma tradição de direito consuetudinário sobre a lógica do Direito Comum, amparado sempre primeiramente no caráter de direito divino de todas as pessoas à terra; a princípio somos levados a crer que a experiência Digger deve ser melhor entendida, então, dentro de um caráter exclusivo de resistência frente a implementação de uma nova ordem social e econômica, de certa forma idealizando uma representação de passado de caráter simultaneamente real e imaginário (vide ser uma construção).

Tal concepção das proposições e demandas Digger implicaria em reconhecê-los próximos a uma lógica dita “paternalista”¹⁶⁸ de crítica aos cercamentos. Contudo, ao

¹⁶⁷ Este, que por sua vez, é um dos defensores do uso da categoria “comunista” para designar os Diggers de uma forma menos anacrônica, realizando inclusive um complexo trabalho que procura estabelecer parâmetros de aproximação entre os pensamentos de Marx e Winstanley em seu artigo *Communism, George Hill and the Mir: Was Marx a Nineteenth-Century Winstanleyan?* (HOLSTUN In: BRADSTOCK, 2013: 113).

caracterizá-los de tal forma estaria-se negligenciando a formulação milenar “etapista” que os Diggers estabeleciam para suas demandas, uma vez que eles acreditavam e partiam do pressuposto que, consagrada a restauração, por parte das autoridades, de todas as áreas de cultivo comum como sendo de direito coletivo, um movimento seria desencadeado, tanto devido ao exemplo dado pelos Diggers, quanto pelo retorno da agência divina no interior de cada um destes indivíduos. Assim, os proprietários de terra abririam mão de suas propriedades livremente em prol da adoção do trabalho das terras com pressupostos de equidade. O que suscitaria, assim, uma mudança estrutural da operação da sociedade, onde a comunhão de bens seria uma realidade, e não uma motivação de tomada de ação em prol de um simples retorno a uma situação organizacional anterior à intensificação do processo de cercamento da terra. Ou seja, ainda que pressuponham uma “etapa intermediária” onde demandam “apenas” a restauração das terras comunais, a lógica milenarista que impera e guia os Diggers em direção ao futuro, estabelece um “ideal” para o qual devem trilhar um caminho, através do qual formularão táticas de atuação de modo a alcançá-lo, concedendo mais peso a uma idealização de tal futuro do que a uma idealização de uma situação passada, sem quaisquer tipos de senhores e relações de posse e hierarquia sobre a terra.

Além disso, outro fator considerável barrando esta perspectiva de compreensão da experiência Digger, é *The Law of Freedom in a Platform*. Este panfleto, publicado por Winstanley em 1652 (logo, cerca de dois anos após o fim das ocupações Diggers de que se tem conhecimento), é tradicionalmente referenciado como havendo sido “a utopia Digger”. Davis, que se propusera a trabalhar as utopias modernas inglesas, dentre elas a *Oceana* de James Harrington, a “Nova Atlântida” de Francis Bacon e, notadamente, a obra de

¹⁶⁸ A crítica paternalista dos cercamentos, proveniente do ponto de vista de uma estrutura econômica passada que é idealizada, meio imaginada e meio lembrada, se baseia fortemente no modelo de posse da terra baseado em direitos de propriedade. [...] Frequentemente, os escritores paternalistas apelam a um monarca idealizado que resolverá todos os problemas quando informado de abusos ". (HOLSTUN, 2000: 379). No original: “The paternalist critique of enclosure from the point of view of a half-imagined, half-remembered ideal economy of the past draws strongly on the rights-based model of land tenure. [...] Frequently, paternalist writers appeal to an idealized monarch who will set all to rights when informed of abuses”. Tradução da autora.

Winstanley, propõe uma boa definição de “utopia” (de modo relacional a quatro outros tipos de sociedade ideal: cocanha, arcádia, milenário e república moral perfeita) que caracteriza bastante o conteúdo encontrado no texto Digger:

O utópico é mais "realista" ou teimoso, já que aceita o problema básico como sendo: satisfações limitadas expostas a desejos ilimitados. Procurando uma solução sem intentar que o problema desapareça nem manipulando seus correspondentes. Isso não implica mudanças radicais na natureza ou no homem. Na verdade, a maioria das utopias nunca resolve completamente o problema em nível individual, e é necessário confrontá-lo através da moderação ou a punição de indivíduos recalcitrantes. Pelo contrário, a preocupação do utopista é conter os problemas sociais que podem acarretar problemas coletivos: crime, instabilidade, pobreza, motins, guerra, exploração e vício. Nada disto é evaporado nas utopias¹⁶⁹ (DAVIS, 1985: 46-47).

Notadamente, utopia e milenarismo são duas questões que podem ser compreendidas como interligadas de várias maneiras, e isso nos auxilia a compreender as razões desta obra ter sido majoritariamente interpretada como uma utopia. O próprio milenarismo pode ser por vezes compreendido como uma “religiosidade utópica”, já que “concebe um tempo de abundância, paz e felicidade terrenas para o povo de Deus; tempo bíblicamente conhecido como o ‘tempo do fim’, revelado aos profetas Daniel e Isaías e a João de Patmos, autor do Apocalipse” (CHAUÍ, 2008: 12). Ao compreendermos a utopia como uma forma de representação da sociedade, isto é, como sendo testemunhas do “divórcio, cruelmente sentido por alguns, entre as aspirações generosas e as realidades cotidianas” (DELUMEAU, 1997: 257), pode-se considerar que o próprio fato de os Diggers terem produzido um tratado deste tipo nos dá indícios mais concretos não só sobre a forma que estavam percebendo a sociedade na qual existiam, como também sobre a forma que compreendiam suas próprias atuações.

¹⁶⁹ No original: “El utópico es más “realista” o tozudo, ya que acepta el problema básico tal como es: satisfacciones limitadas expuestas a carencias ilimitadas. Busca una solución no intentando que el problema desaparezca ni manipulando la equiparación. No presupone unos cambios radicales en la naturaleza ni en el hombre. En realidad, en la mayor parte de las utopías el problema nunca se resuelve por completo al nivel individual, y es necesario enfrentarse a él mediante la moderación o el castigo de los individuos recalcitrantes. Antes bien, la preocupación del utópico es contener los problemas sociales a los que pueden conducir los problemas colectivos: delincuencia, inestabilidad, pobreza, motines, guerra, explotación y vicio. Nada de esto se evapora en las utopías”. Tradução da autora.

Elaborando um relato de como funcionaria uma sociedade ideal, em sua concepção, eles estão direta e indiretamente propondo um modelo operacional e estrutural de sociedade que, em sua visão pode ser implementado¹⁷⁰.

O texto é dedicado a Oliver Cromwell, e consiste em um plano detalhado da estruturação social, estabelecida, então, como essencial para a consolidação da inexistência da propriedade e manutenção de demais ordenações trazidas pelos Diggers, como a base familiar patriarcal e a doutrina religiosa protestante (segundo Hessayon, Batista), por exemplo. O que se nota, de fato, não é uma alteração substancial das ideias dos Diggers entre seus panfletos anteriores e este, mas, sim, o fato de que neste trabalho, pela primeira vez temos um avanço para além da construção de uma argumentação contrária aos cercamentos e questões análogas, providenciando um tratado detalhado e teorizado de como se constituiria, afinal, essa sociedade ideal na visão deles, e como e por quais meios ela funcionaria.

Se antes falavam de uma divisão entre “algumas boas leis” e uma consideração da maioria das leis e instituições de autoridade legal como sendo remanescentes do “Dragão”, agora são previstas leis para ordenar e orientar todas as instâncias concebíveis da vida em sociedade. Acentua-se, mais uma vez, o caráter patriarcal e monogâmico de uma sociedade que terá sua base na família, esclarecendo que a propriedade comum da terra não acarretará, de forma alguma, qualquer ideia de “propriedade comum das mulheres”, e esclarecendo que tudo o que diz respeito ao lar continua figurando dentro de uma lógica de propriedade:

Pois embora os armazéns e as lojas públicas sejam comumente fornecidos por toda a assistência da família e para uso de toda a família, como será exposto a seguir: todavia, a casa de cada um é própria a si mesmo, e todos os móveis nela e provisões que ele trouxer dos armazéns é próprio de si; a esposa de cada homem e o marido de cada mulher pertencem a si, tal como

¹⁷⁰ *Law of Freedom* conta com uma dedicação a Oliver Cromwell, na qual os Diggers o imploram para utilizar da posição de poder na qual ele se encontra para colocar em prática o modelo de sociedade que ali descrevem – uma vez que, na concepção deles, Cromwell só ocupa o lugar onde está por vontade de Deus, e por isso, ele deveria utilizar de seu poder para implementar justamente o que seria a vontade de Deus.

seus filhos estão à disposição deles até que sejam maiores de idade¹⁷¹ (WINSTANLEY, 1652. In: HILL, 2006: 303-304).

Law of Freedom, conforme pontuado anteriormente, pode ser interpretado como resultante da “experiência da derrota”, ou do “fracasso”, vivenciado pelos Diggers. Ainda que o caráter de orientação divina continue se fazendo presente neste panfleto – Cromwell só ocupa o lugar onde está agora por assim ter sido a vontade divina (ibidem: 275) -, em comparação com os anteriores, a frequência com que este tipo de evocação ocorre é pontualmente menor. Longe de ser uma amostra de um “processo de secularização”, isto é um sintoma da ideia de derrota, que influenciara a formulação deste programa. A visão milenarista ainda segue, mas de maneira mais discreta no que se refere à caracterização de Winstanley ou os Diggers como havendo sido agraciados de alguma forma direta com visões ou orientações divinas, com as passagens desta natureza estando mais colocadas da seguinte forma: “O espírito de toda a criação (que é Deus) está reformando todo o mundo, e ele continuará avançando em seu trabalho”¹⁷². (ibidem: 276)

Entretanto, a leitura atenta deste panfleto deixa claro que a ideia que é compreendida por eles como fracassada não é exatamente a da terra vir a ser comum a todos – esta continua figurando de maneira central -, mas sim na estratégia a ser aplicada para se alcançar este objetivo. Alguns historiadores interpretam *Law of Freedom in a Platform* como uma grande ruptura na atuação Digger, mas talvez este caráter de ruptura seja por vezes mais inflado na atualidade do que realmente foi à época, visto a tendência a ignorar as nuances de posicionamento Digger a respeito de questões como hierarquia e autoridade, conforme evidenciado no subcapítulo 3.1. Corrobora-se, neste sentido, com Davis ao se recusar

¹⁷¹ No original: “For though the store-houses and public shops be commonly furnished by every family’s assistance, and for every family’s use, as is shewed hereafter how: yet every man’s house is proper to himself, and all the furniture therein, and provision which he hath fetched from the store-houses is proper to himself; every man’s wife and every woman’s husband proper to themselves, and so are their children at their dispose till they come to age”. Tradução da autora.

¹⁷² No original: “The spirit of the whole creation (who is God) is about the reformation of the world, and he will go forward in his work”. Tradução da autora.

evidenciar uma grandiosa ruptura no *posicionamento* Digger ao comparar os levantados em *Law of Freedom* com os demais panfletos anteriores. A alteração substancial foi na via de implementação e no alargamento do papel a ser desempenhado pelas vias de autoridade institucional neste processo, em detrimento daquele das “pessoas comuns”, às quais são evocadas recorrentemente nos panfletos anteriores.

Em meio à derrota, a publicação desta utopia opera como uma última lufada de ar, de esperança, de fazerem seus anseios serem ouvidos – agora mais por parte das autoridades do que da população –, de se deixar compilado uma possibilidade de estruturação de governo que serviria a tornar e resguardar aquilo que foi o ponto de partida principal de toda a tomada de ação Digger: a da posse comum da terra. *Law of Freedom* pode ser considerada a última cartada para comprovar um engajamento Digger com uma substancial transformação da jurisdição da terra dentro da sociedade, porém, o estabelecimento da divisão entre “demanda” e “ideal” em suas formulações teóricas, representadas em suas ocupações, pode ser compreendido também como indicativos da existência de um projeto, um planejamento concreto e progressivo para a transformação da questão da terra na Inglaterra a partir de seus experimentos.

Sendo assim, os Diggers devem ser compreendidos como uma experiência de resistência à imposição desta nova lógica da terra enquanto propriedade. Mas, muito mais do que exercer uma oposição a uma mudança estrutural nos tempos em que viviam, também chegaram a formular novas formas de operação e estruturação social no que se referia ao acesso à terra, apresentando um projeto concreto que se estabeleceria, inclusive, levando em consideração instituições e atores já existentes – como demonstrava, por exemplo, a dedicatória a Oliver Cromwell.

Na realidade, os Diggers eram guiados, primeiramente, pela necessidade material originada no contexto econômico vivido pela Inglaterra, associado à crença inabalável da

fundamentação religiosa de sua empreitada, ao enxergarem-se como tomando parte no que era, em última instância, um projeto divino, a ser concretizado com o advento da restauração da verdadeira lei e justiça na terra. A atuação dos Diggers foi, antes de qualquer coisa, uma agência coletiva com a intencionalidade de se fazerem ouvidos, no momento em que perceberam que uma nova ordem política, social, econômica e cultural estava sendo estabelecida e que esta não os contemplava na forma que achavam que deveria contemplá-los.

CONCLUSÃO

Ao se formular uma interpretação da dimensão de transformação social contida no conjunto de atuações e posicionamentos que caracterizaram a trajetória dos Diggers, a partir da tentativa de entendê-los dentro dos limites e possibilidades de seu contexto, tem-se condições, portanto, de expandir as percepções acerca da forma como diferentes grupos, com diferentes concepções, enxergaram o período da Revolução Inglesa como uma possibilidade de se pautar as transformações que almejavam para os lugares ocupados por estes dentro de uma dada organização social.

A partir da análise do conjunto de atuações dos Diggers em três diferentes localidades, entende-se Digger como uma ideia em disputa sobre aqueles que, nesse contexto da Revolução Inglesa, se posicionaram com relação à forma que a terra estava sendo manejada dentro da estrutura social, desenvolvendo críticas a ideia desta como passível de ser propriedade de alguém. Além disso, evidencia-se que a construção do imaginário social acerca desta ideia não começou em meio aos conflitos da Revolução, mas, sim, desde pelo menos o início do século XVII, ao evidenciarmos os acontecimentos de 1607. Logo, aqueles representados e que se representam como Diggers, em 1649, possuem em comum a característica de que evocam a terra como sendo de direito comum a todos, enquanto demandam, de forma mais imediata, o direito de cultivo dos terrenos comuns e baldios.

Assim, atuaram os Diggers na Revolução Inglesa, associados, principalmente, à questão das mudanças no regime de propriedade, opondo-se a estas ou/e promovendo a ideia, a partir de perspectivas milenaristas sobre o contexto, de uma propriedade coletiva como sendo o certo, sempre através de uma pesada fundamentação religiosa através das Escrituras, ainda que no momento o que pediam era “meramente” o direito de usufruir das terras comuns e baldias –, devido em parte, provavelmente, a uma necessidade imediata em virtude do contexto econômico que a Inglaterra enfrentava. Isso se manifestava juntamente com suas crenças no poder multiplicador que seu exemplo poderia suscitar, associado à crença milenarista de que o retorno de Jesus implicaria uma ascensão da percepção da propriedade como roubo dentro do espírito de cada pessoa, o que implicaria na imediata restauração da terra como sendo de uso comum a toda a humanidade.

A atuação Digger foi largamente regida pela sua crença na necessidade da ação para modificar um dado aspecto da estrutura social que interpretavam como estando operando de forma contrária àquela intentada por Deus devido à corrupção da alma humana e por conta da implementação de instituições e lógicas de propriedade na Inglaterra a partir da invasão Normanda no século XI. A motivação para a tomada de ação – através da publicação de panfletos, da ocupação de terras que em suas concepções seriam “comuns”, e da disseminação oral de suas ideias – estava, por sua vez, nas crenças e percepções religiosas compartilhadas pelos Diggers. O posicionamento do grupo como era protestante anticlerical carregava a característica de conceberem Deus e a religião como questões que se desdobravam no interior de cada indivíduo. E que, portanto, seriam as ações que cada um desenvolvia no seu dia-a-dia, na forma como se aceitava ou rejeitava a palavra de Deus, que caracterizariam a forma “correta” de se adorar a Deus. Por outro lado, estas crenças estavam associadas à concepção milenarista de que viviam um contexto de mudança singular de espera pela ascensão eminente do espírito do Senhor dentro de cada homem, mulher e criança. Assim, os Diggers

enxergavam como sendo um ato de honrar a Deus a sua ação para auxiliar na implementação do projeto divino no mundo, que estava centrado na restituição da terra.

Suas principais questões para a efetivação deste projeto sagrado podem, então, ser divididas em duas esferas: a da *demanda* e a da *idealização*, podendo a primeira ser compreendida como uma “demanda de caráter imediato” e a segunda como o ideal que se quer alcançar futuramente, cuja existência necessita, primeiro, da colocação em prática da primeira. Esta *demanda* seria pelo direito de cultivo das terras por parte das “pessoas pobres”, que, dentro de uma perspectiva de direito consuetudinário (em oposição à modificação e burocratização na forma da *Common Law*), seriam de caráter comum e/ou baldio – tidas como improdutivas. Para esta demanda, eles procuravam estabelecer diálogos diretos com figuras de autoridade da *Commonwealth*, tais como Oliver Cromwell e Thomas Fairfax, sendo sucessivamente ignorados por estes – ao passo em que suscitam o incômodo e a ira das figuras de autoridade das localidades que ocuparam. Eles acreditavam que, com as ações de ocupação destes terrenos, “sem afetar” as propriedades cercadas já existentes, junto com escrever demonstrando como funcionaria esse modelo de propriedade comum da terra para subsistência, gerariam uma espécie de “revolução pelo exemplo”, onde os proprietários paulatinamente abririam mão de suas terras, por livre e espontânea vontade, para se juntarem aos Diggers: culminando assim na consagração de seu *ideal* de sociedade, sendo bem sucedidos na tarefa de auxiliar na implementação do reino de justiça e igualdade que adviria do retorno de Jesus.

No que se relaciona à ideia de radicalismo no XVII, evidenciou-se que os Diggers podem ser considerados radicais se considerarmos radicalismo como o conjunto de ideias e práticas que constituíam a oposição a alguma questão pressuposta pelo *status quo* como parte da ordem vigente. Mantendo-se em mente o projeto do parlamento para a intensificação da construção da lógica de propriedade da terra, com interesse na intensificação das políticas de

cercamento e despovoamento, devemos entender que os Diggers se posicionavam contra isso, em termos teórico e práticos, e, na medida em que propunham uma alternativa à ordem que se estabelecia, poderiam ser considerados como *radicais*.

Por fim, levando-se em conta a influência da natureza de suas percepções religiosas escatológicas sobre suas percepções do mundo em que viviam, e o modo que estas operavam sobre suas atuações, compreende-se os Diggers enquanto um grupo que, apesar de, em alguma medida, adotar uma postura de idealização de um passado bretão pré-instauração de uma lógica opressora, quando da conquista da Inglaterra pelos Normandos, deve ser entendido como formulador de críticas e novas proposições de alteração substancial do modo de organização social que imperava, principalmente no que se refere aos usos da terra. Os Diggers propunham uma lógica de ação para consolidação daquilo que tinham como seu modelo de sociedade ideal – a partir da divisão entre *demanda imediata* e *ideal em longo prazo* – além de compilarem em seu último panfleto, *The Law of Freedom*, um relato detalhado acerca de como esta sociedade funcionaria e se organizaria de modo a garantir a vontade divina da terra em comunhão entre a humanidade, abordando tópicos como legislação, economia familiar, estrutura governamental, modelos punitivos, etc. Assim, os Diggers estavam não somente criticando o contexto em que viviam, como também elaborando proposições e soluções para ele visando muito mais a criação de um novo futuro, do que o retorno ou a idealização de um modelo do passado.

ANEXOS

Anexo A: "A Declaration of the Diggers of Wellingborough" – 1650.

A Declaration of the Grounds and Reasons why we the
 Poor Inhabitants of the Town of *Wellingborough*, in the County of *Northampton*, have begun
 and give consent to dig up, manure and sow Corn upon the Common, and waste ground,
 called *Bareshanke*, belonging to the Inhabitants of *Wellingborough*, by those that have
 subscribed, and hundreds more that give Consent.



1. We find in the Word of God, that God made the Earth for the use and comfort of all Mankind, and set him in it to till and dresse it, and said, That in the sweat of his brows he should eat his bread; and also we find, that God never gave it to any sort of people, that they should have it all to themselves, and shut out all the rest, but he saith, The Earth hath he given to the children of men, which is every man.

2. We find, that no creature that ever God made was ever deprived of the benefit of the Earth, but Mankind; and that it is nothing but covetousnesse, pride, and hardnesse of heart, that hath caused man so far to degenerate.

3. We find in the Scriptures, that the Prophets and Apostles have left it upon Record, That in the last days the oppressor and proud man shall cease, and God will restore the waste places of the Earth to the use and comfort of Man, and that none shall hurt nor destroy in all his holy Mountain.

4. We have great Encouragement from these two righteous Acts, which the Parliament of England have set forth, the one against Kingly Power, the other to make England a Free Common-wealth.

5. We are necessitated from our present necessity to do this, and we hope that our Actions will justify us in the gate, when all men shall know the truth of our necessity: We are in *Wellingborough* in one Parish 1169 persons that receive Alms, as the Officers have made it appear at the Quarter Sessions last: we have made our Case known to the Justices, the Justices have given Order that the Town should raise a Stock to set us on work, and that the Hundred should be enjoyned to assist them; but as yet we see nothing is done, nor any man that goeth about it; we have spent all we have, our trading is decayed, our wives and children cry for bread, our lives are a burden to us, divers of us having 5. 6. 7. 8. 9. in Family, and we cannot get bread for one of them by our labor; rich mens hearts are hardened; they will not give us if we beg at their doors; if we steal, the Law will end our lives; divers of the poor are starved to death already, and it were better for us that are living to dye by the Sword then by the Famine: And now we consider that the Earth is our Mother, and that God hath given it to the children of men, and that the common and waste Grounds belong to the poor, and that we have a right to the common ground both from the Law of the Land, Reason and Scriptures; and therefore we have begun to bestow our righteous labor upon it, and we shall trust the Spirit for a blessing upon our labor, resolving not to dig up any mans propriety, until they freely give us it; and truly we find great comfort already, through the goodnesse of our God: that some of those rich men amongst us, that have had the greatest profit upon the Common, have freely given us their share in it, as one Mr John Freeman, Thomas Notingham and John Clendon, and divers others; and the Country Farmers have proffered divers of them to give us Seed to sow it, and so we find that God is perswading Japheth to dwell in the tents of Shem: and truly those that we find most against us are such as have been constant enemies to the Parliaments Cause from first to last.

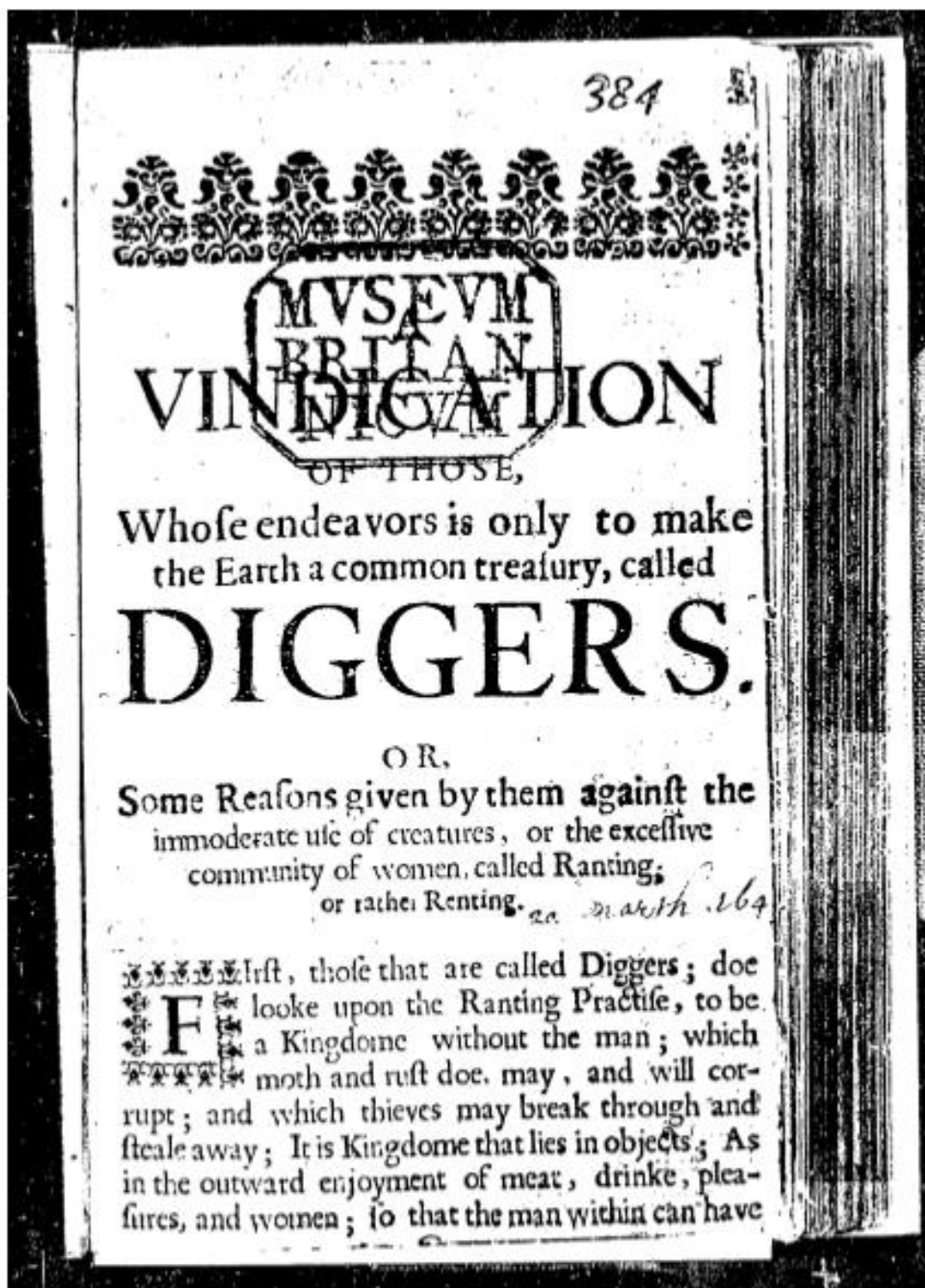
Now at last our desire is, That some that approve of this work of Righteousnesse, would but spread this our Declaration before the great Council of the Land, that so they may be pleased to give us more encouragement to go on, that so they may be found amongst the small number of those that considers the poor and needy, that so the Lord may deliver them in the time of their troubles, and then they will not be found amongst those that *Solomon* speaks of, which withhold the Corn (or the Land) from the Poor, which the people shall curse, but blessing shall be upon the heads of those Rulers that sell Corn, and that will let the poor labor upon the Earth to get them Corn, and our lines shall blesse them, so shall good men stand by them, and evil men shall be afraid of them, and they shall be counted the Repairers of our Breaches, and the Restorers of our Paths to dwell in. And thus we have declared the truth of our necessity; and whosoever will come in to us to labor with us, shall have part with us, and we with them, and we shall all of us endeavor to walk righteously and peaceably in the Land of our Nativity.

*Richard Smith. John Avery. Thomas Fardin. Richard Pennington. James Pitman.
 Roger Tuis. Joseph Hichcock. John Pye. Edward Turner.*



LONDON, Printed for Giles Calvert. 1649. Mar. 12.

Anexo B: "A Vindication of those called Diggers", 1649.



The Diggers Vindication.

no quiet rest, unless he enjoy those outward objects in excess; all which are vanishable. Therefore it is the Devils Kingdome of darknesse, and not the Kingdome of heaven. nor true peace within.

Secondly, this outward life, in the abundant eating and drinking, and actuall communitie with variety of women is the onely life of the five senses which is the life of the Beast, or living flesh; And fights against reason, who is the seed or tree of life, or the righteous man that is within. For when the sensitive power, which is the sonne of bondage rules, then Reason which is the sonne of freedom, is trod under foot, and in the absence thereof the whole body, whole Families, nay, whole Nations are distempered; But when Reason rules in the house or heart, not suffering the senses to runne into excess in any action: then the whole body enjoys quiet rest and peace. Therefore that immoderate ranting practise of the Sences, is not the true life of peace.

Thirdly, the Ranting practise is the proper Kingdome of Covetousnesse, or King Lust of the flesh, which is the Kingdome of darknesse, full of unreasonablenesse, madnesse and confusion; it is the land of darknesse, bringing forth nothing but miserie to the Inhabitants thereof, for,

Fourthly, it is destructive to the body, house, or Temple, wherein Reason, or the spiriuall power dwells; it brings diseases, infirmnesse, weaknesse and rottenesse upon the body, and so ruins the house about the mans eares, that he cannot live in quiet peace; for diseases of body causes sorrow of mind.

The Diggers Vindication.

mind. And as moderation in any action brings peace, so excess brings diseases and death. Therefore the unrationall ranting practise, is not the life of rightnesse, nor peace.

Fifthly it brings vexation to the mind or man within, for when you want your delight in the excessive copulation with Women, and in the super abundant eating and drinking, which is the wastfull spending of the Treasures of the Earth. As the Ranting practise is, Then Anger, rage and varietie of vexations possesse the mind, and inflames their hearts to quarrelling, killing, burning houses or Corne, or to such like destructivenesse.

Sixtly, The Ranting practise is a peace breaker; it breaks the peace in Families, and rents in peeces mankind, for where true Love hath united a man and woman to be Husband and Wife, and they live in peace, when this Ranting power or king lust of the flesh comes in, he seperates those very friends, causing both sides to run into the Sea of confusion; madnesse and destruction, to leave each other, to leave their Children, and to live in discontent each with other.

It pretends love to all men and women. But yet he is a beast that respects persons; for the richest and fairest must be his associate.

Seventhly, This excess of Feminine society, hinders the pure and naturall Generation of man, and spills the seed in vaine, and instead of a healthfull groth of mankind it produces weaknesse and much infirmnesse, through immoderate heat; so

G 2. that

The Diggers Vindication.

that either the Mether hath much more paine in child bearing, or els the child is filld with such infirmnesse, that it proves a burden to the Mother or nurse, or through defects he brings with him into the world he proves either not long lived, or a foole, or else a sickly weakly thing that is a burden to himselfe: So that this moderat Ranting, is not a healthfull builder up of the creation man, but a violent waster and destroyer of the health and strength of man. This false generating fire, is the foundation of much lamentation for children begotten through this forced immoderat heat of lust: proves, furious, and full of rage, it is a breeder of much distemper, Warres, and quarrells; It is one cause if not the chief of the rising up of the haire man, which is a destroyer of himselfe and others. And the mother and child begotten in this manner, is like to have the worst of it, for the man will be gone and leave them; and regard them no more then other women, like a Bull that begets a Calfe, that never takes care neither for Cow nor Calfe, after he hath had his pleasure. Therefore you women beware, for this ranting practise is not the restoring, but the destroying power of the creation.

Eightly, The Ranting practise, is the support of Idlennesse, for they that are, the Sons and Daughters of that unrationall power, neither can nor will work, but live idle, like wandring buffi bodies, expressing and cheating others, that are simple and of a civill flexible nature, so that by seeking their owne freedom they imbondage others which is the selfish, but not the

The Diggers Vindication.

the universall Love, for true Love seeks the preservation of others as of one selfe, or else for want of food and rayment, through an inward proud fullnesse, either sterves their owne bodies, or else through an inward rage endeavours the ruine of others.

Ninthly, This Ranting power, or god, is full of subtletie to deceive others of what they can, and is a nurse of hardnesse of heart against others, when he hath deceived them, for this is his nature, to get what he can from others, labours to eat up other and make them poore, and then to laugh and rejoyce in others poverty.

Tenthly, The Ranting power, would make this Covenant with all men, to put out their eyes, or suffer him quietly to put them out, and to see by his eyes, and to walk by his legges, and then he calls them high lighted creatures, otherwise he tells them they live belowe them, and is in the dark, and rather then proud civility would be counted ignorant, it will yeeld, and first stands looking and saying, I can say nothing against this ranting practise, and then afterwards yeelds, and then is ensoured and taken by the subtle deccasing Ranting Beast. But now he that obeys reasons, Law of righteounesse within, shall escape that snare.

Eleventhly, This Ranting power, is the resurrection of the uncleane doggish beastly nature, it is the resurrection of the filth, unrighteous power in all his branches, and it is high now,

The Diggers Vindication.

but will rise higher, for it must rise to the height to shew himselfe a compleat man of darknesse, that he may come to judgement, and so be cast out of heaven. That is out of mankinde.

For as he is upon his resurrection, so the man of pure life, reason, and righteousnesse, is upon his resurrection too. Who is rising to purge and to restore the creation, and to set it downe in peace. And these two men, one of Light, and the other of darknesse, now strives with great vehemencie; the sonnes of darknesse may live in their vanishable peace and tread the sonnes of light under feet, but the sonnes of peace shall rise up, and take peace from the Earth.

There is only two things, I must speak as an Advice in Love

First, let every one that intends to live in peace, set themselves with dilligent labour to Till, Digge, and Plow, the Common and barren Land, to get their bread with righteous moderat working, among a moderat minded people, this prevents the evill of Idleneffe, and the danger of the Ranting power.

Secondly, Let none goe about, to suppress the ranting power by their punishing hand, for it is the work of the Righteous and rational spirit within, not thy hand without that must suppress it; But if thou wilt needs be punishing: Then see thou be without sinne thy selfe, and then cast the first Stone, at the Ranter; Let not sinners punish others for sin, but let the power of thy Reason and righteous action, shame and so beat downe their unrationall actings.

Would

The Diggers Vindication.

Would thou live in peace; Then look to thy own wayes, mind thy owne Kingdome within, trouble not at the unrationall government of other mens kingdomes without; Let every one alone, to stand and fall to their owne Master for thou being a sinner, and strives to suppress sinners by force, thou wilt thereby but increase their rage, and thy owne trouble: but do thou keep close to the Law of righteous reason, and thou shalt presently see a returne of the Ranters: for that spirit within must shame them, and turne them, and pull them out of darknesse.

This I was moved to write, as a Vindication of the Diggers, who are slandered with the Ranting action: And my end is only to Advance the Kingdome of peace, in and among mankinde, which is and will be torne in peeces by the Ranting power, if reason do not kill this this fine headed, or sensitive Beast.

All you that are meerly civill, and that are of a loving and flexible disposition wanting the strength of reason: and the life of universall love, leading you forth to seeke the peace and preservation of every single body, as of one's selfe; You are the People that are like to be tempted, and set upon and torne into peeces by this devouring Beast; the Ranting power.

Febr. this 20. 1649.

Gerrard Winstanley.

There-

The Diggers Vindication.

Therefore know all ye *Lascivious*, *feedars*, or *Sarvers* of your own bellies, that ye are breeders of all foule-filthy, beastly and *Abominable Children*, which come into the world to preach to that *Nation*, where they appeare; what the first signe of filthy Sinne or *lascivious feeding* begets, begeth for *lascivious feeding*, causeth *lascivious acting*, which if they knew the resurrection, or eternall *Indgement*, they durst not act.

I am told there are some people goes up and downe in the *Country* among such as are friends to the *Diggers*, gathering *Monyes* in their names. And they have a note whercin my name and divers others are subscribed. This is to certifie that I never subscribed my name to any such note. Neither have we that are called *Diggers* received any money by any such *Collections*, therefore to prevent this *Cheat*: we desire if any are willing to cast a gift in, to further our work of *Digging* upon the *Commons*, that they would send it to our owne hands by some trustie friend of their owne.

March this 4th. 1649.

Your friend
Gerrard Winstanley.

FINIS.

Anexo C: "A Letter to Lord Fairfax and his Councill of War", 1649.

A
LETTER

TO

The Lord Fairfax,

AND

His Councill of War,

WITH

*Divers Questions to the Lawyers, and
Ministers:*

Proving it an undeniable Equity,

That the common People ought to dig,
plow, plant and dwell upon the Commons, with-
out hiring them, or paying Rent to any.

Delivered to the Generall and the chief Officers on Saturday June 9.

By *Ferrard Winstanly*, in the behalf of those who have begun to
dig upon *George-Hill* in *Surrey*.

London: Printed for *Giles Calvert*, at the black Spread-Eagle at the West
end of PAULS. 1649.

June 13.

[3]

standing portion of livelihood to us and our children, without that cheating intanglement of buying and selling, and we shall not arrest one another.

And then, what need have we of imprisoning, whipping or hanging Laws, to bring one another into bondage? and we know that none of those that are subject to this righteous law dares arrest or inflave his brother for, or about the objects of the earth, because the earth is made by our Creator to be a common Treasury of livelihood to one equal with another, *without respect of persons.*

But now if you that are elder brothers, and that call the Inclosures your own land, hedging out others, if you will have Magistrates and Laws in this outward manner of the Nations, we are not against it, but freely without disturbance shall let you alone; and if any of we Commoners, or younger Brothers, shall steal your corne, or cattell, or pull down your hedges, let your laws take hold upon any of us that so offends.

But while we keep within the bounds of our Commons, and none of us shall be found guilty of meddling with your goods, or inclosed proprieties, unless the Spirit in you freely give it up, your laws then shall not reach to us, unless you will oppress or shed the blood of the innocent: and yet our corn and cattell shall not be locked up, as though we would be proprietors in the middle of the Nation: no, no, we freely declare, that our corn and cattell, or what we have, shall be freely laid open, for the safety and preservation of the Nation; and we as younger brothers, living in love with you our elder brothers, for we shall endeavour to do, as we would be done unto; that is, to let every one enjoy the benefit of his Creation, to have food and rayment free by the labour of his hands from the earth.

And as for spirituall teachings, we leave every man to stand and fall to his own Master: if the power of covetousnesse be his Master or King that rules in his heart, let him stand and fall to him; if the power of love and righteousnesse be his Master or King that rules in his heart, let him stand and fall to him; let the bodies of men act love, humility, and righteousnesse one towards another, and let the Spirit of righteousnesse be the Teacher, Ruler and Judge both in us and over us; and by thus doing,

• WC

(4)

we shall honor our Father, the Spirit that gave us our being. And we shall honor our Mother the earth, by labouring her in righteousness, and leaving her free from oppression and bondage.

We shall then honor the higher powers of the left hand man, which is our hearing, seeing, tasting, smelling, feeling, and walk in the light of reason and righteousness, that is, the King and Judge that sits upon this five cornered Throne, and we shall be strengthened by those five well springs of life, of the right hand man, which is, understanding, will, affections, joy and peace, and so live like men, in the light and power of the Son of righteousness within our selves feelingly. What need then have we of any outward, selfish, confused Laws made, to uphold the power of covetousnesse, when as we have the righteous Law written in our hearts, teaching us to walk purely in the Creation.

Sir, The intent of our writing to you, is not to request your protection, though we have received an unchristian-like abuse from some of your souldiers; for truly we dare not call off the Lord, and make choice of a man or men to rule us. For the Creation hath smarted deeply for such a thing, since Israel chose Saul to be their King; therefore we acknowledge before you in plain English, That we have chosen the Lord God Almighty to be our King and Protector.

Yet in regard you are our brethren (as an English Tribe) and for the present are owned to be the outward Governors, Protectors and Saviours of this Land, and whose hearts we question not, but that you endeavour so advance the same King of righteousness with us, therefore we are free to write to you, and to open the sincerity of our hearts freely to you, and to all the world.

And if after this report of ours, either you, or your Forces called souldiers, or any that owns your Laws of propriety, called freeholders, do abuse or kill our persons, we declare to you that we die, doing our duty to our Creator, by endeavouring from that power he hath put into our hearts to lift up his Creation out of bondage, and you and they shall be left without excuse in the day of Judgement, because you have been spoken to sufficiently.

And therefore our reason of writing to you is this, in regard
some

(5)

some of your foot souldiers of the Generalls Regiment, under Captain *Strawie* that were quartered in our Town, we bearing part therein as well as our neighbours, giving them sufficient quarter, so that there was no complaining, did notwithstanding, go up to George-hill, where was onely one man and one boy of our company of the diggers. And at their first coming, divers of your souldiers, before any word of provocation was spoken to them, fell upon those two, beating the boy, and took away his coat off his back, and some linnen and victuals that they had, beating and wounding the man very dangerously, and fired our house.

Which we count a strange and Heathenish practise, that the souldierie should meddle with naked men, peaceable men, Countrymen, that meddled not with the souldiers businesse, nor offered any wrong to them in word or deed, unless, because we improve that victory which you have gotten in the name of the Commons over King *Charles*, do offend the souldierie. In doing whereof, we rather expect protection from you then destruction. But for your own particular, we are assured of your moderation and friendship to us, who have ever been your friends in times of straits; and that you would not give Commission to strike us, or fire or pull down our houses, but you would prove us an enemy first.

Yet we do not write this, that you should lay any punishment upon them, for that we leave to your discretion, only we desire (in the request of brethren) that you would send forth admonition to your souldiers, not to abuse us hereafter; unless they have a Commission from you; and truly if our offences should prove so great, you shall not need to send souldiers for us, or to beat us, for we shall freely come to you upon a bare letter.

Therefore that the ignorant, covetous, free-holders, and such of your ignorant souldiers, that know not what freedom is, may not abuse those that are true friends to Englands freedom, and faithfull servants to the Creation, we desire, that our businesse may be taken notice of by you, and the highest Councell the Parliament, and if our work appear righteous to you, as it does to us, and wherein our souls have sweet peace, in the midst of scandalls and abuses;

Then

[6]

Then in the request of brethren, we desire we may enjoy our freedom, according to the Law of contract between you and us, That we that are younger brothers, may live comfortably in the Land of our Nativity, with you the elder brothers, enjoying the benefit of our Creation, which is food and rayment freely by our labours; and that we may receive love, and the protection of brethren from you, seeing we have adventured estate and persons with you, to settle the Land in peace, and that we may not be abused by your Laws, nor by your souldiers, unless we break over into your inclosures as aforesaid, and take away your properties, before you are willing to deliver it up. And if this you do, we shall live in quietness, and the Nation will be brought into peace, while you that are the souldiers, are a wall of fire round about the Nation to keep out a forraign enemy, and are succourers of your brethren that live within the Land, who endeavour to hold forth the Son of righteousness in their actions, to the glory of our Creator.

And you and the Parliament hereby, will be faithfull in your Covenants, Oaths and promises to us, as we have been faithfull to you and them, in paying taxes, giving free-quarter, and affording other assistance in the publike work, whereby we that are the Common People, are brought almost to a morsell of bread, therefore we demand our bargain, which is freedom, with you in this Land of our Nativity.

But if you do sleight us and our cause, then know we shall not strive with sword and speare, but with spade and plow and such like instruments to make the barren and common Lands fruitful, and we have, and still shall, commit our selves and our cause unto our righteous King, whom we obey, even the Prince of peace to be our Protector; and unto whom you likewise profess much love, by your preaching, praying, fastings, and in whose name you have made all your Covenants, Oaths, and promises to us: I say unto him we appeal, who is and will be our righteous Judge, who never yet failed those that waited upon him, but ever did judge the cause of the oppressed righteously.

We desire that your Lawyers may consider these questions (which we affirm to be truths) and which gives good assurance by the Law of the Land, that we that are the younger brothers or

[7]

or common people, have a true right to dig, plow up and dwell upon the Commons, as we have declared.

1. Whether *William the Conqueror* became not to be King of England by conquest, turned the English out of their birth-rights, burned divers townes, whereof thirty townes were burned by him in Windfore Forrest; by reason whereof all sorts of people suffered, and compelled the conquered English for necessity of livelihood to be servants to him and his Norman souldiers?

2. Whether King *Charles* was not successor to the Crown of England from *William the Conqueror*, and whether all Laws that have been made in every Kings Reign, did not confirm and strengthen the power of the Norman Conquest, and so did, and does still hold the Commons of England under slavery to the Kingly power, his Gentry and Clergie?

3. Whether Lords of Mannours were not the successors of the Colonells and chief Officers of *William the Conqueror*, and held their Royalty to the Commons by Lease, Grant and Patentee from the King, and the power of the sword was and is the seale to their Title?

4. Whether Lords of Mannours have not lost their Royalty to the common land, since the common People of England, as well as some of the Gentry, have conquered King *Charles*, and recovered themselves from under the Norman Conquest?

5. Whether the Norman Conqueror took the land of England to himself, out of the hands of a few men, called a Parliament, or from the whole body of the English People? Surely he took freedom from every one, and became the disposer both of inclosures and commons; therefore every one, upon the recovery of the conquest, ought to return into freedom again, without respecting persons, or els what benefit shall the common people have (that have suffered most in these vvars) by the victory that is got over the King? It had been better for the common people there had been no such conquest; for they are impoverished in their estates by Free-quarter and Taxes, and made vvorie to live then they vvere before. But seeing they have paid Taxes, and given Free-quarter according to their estates, as much as the Gentry to theirs, it is both reason and equity that they should have the freedom of the land for their livelihood, which is the benefit

[8]

benefit of the commons, as the Gentry hath the benefit of their inclosures.

6. Whether the freedom which the common people have got, by casting out the Kingly power, lie not herein principally, to have the land of their nativity for their livelihood, freed from intanglement of Lords, Lords of Mannours, and Landlords, which are our task-masters. As when the enemy conquered England, he took the land for his own, and called that his freedom; even so, seeing all sorts of people have given assistance to recover England from under the Norman yoke, surely all sorts, both Gentry in their inclosures, Commonalty in their Commons, ought to have their freedom, not compelling one to work for wages for another.

7. Whether any Lawes since the coming in of Kings, have been made in the light of the righteous law of our creation, respecting all alike, or have not been grounded upon selfish principles, in feare or flattery of their King, to uphold freedom in the Gentry and Clergie, and to hold the common people under bondage still, and so respecting persons?

8. Whether all Lawes that are not grounded upon equity and reason, not giving a universall freedom to all, but respecting persons, ought not to be cut off with the Kings head? we affirm they ought.

If all lawes be grounded upon equity and reason, then the whole land of England is to be a common treasury to every one that is born in the land: But if they be grounded upon selfish principles, giving freedom to some, laying burdens upon others, such lawes are to be cut off with the Kings head; or els the neglecters are Covenant, Oaths and Promise-breakers, and open hypocrites to the whole world.

9. Whether every one without exception, by the law of contract, ought not to have liberty to enjoy the earth for his livelihood, and to settle his dwelling in any part of the Commons of England, without buying or renting Land of any; seeing every one by Agreement and Covenant among themselves, have paid taxes, given free-quarter, and adventured their lives to recover England out of bondage? we affirm, they ought.

10. Whether the Lawes that were made in the daies of the Kings,

[9]

Kings, does give freedom to any other people, but to the gentry and Clergie, all the rest are left servants and bondmen to those task-masters; none have freedom by the Lawes, but those two sorts of people, all the common people have been, and still are burdened under them.

And surely if the common people have no more freedom in England, but only to live among their elder brothers, and work for them for hire; what freedom then have they in England, more then we can have in Turkie or France? For there, if any man will work for wages, he may live among them, otherwise no: therefore consider, whether this be righteous, and for the peace of the Nation, that Lawes shall be made to give freedom to improprators and Free-holders, when as the poor that have no land, are left still in the Straights of beggery, and are shut out of all livelihood, but what they shall pick out of sore bondage, by working for others, as Masters over them, and if this be not the burden of the Norman yoke, let rationally men judge: therefore take not away men, but take away the power of tyranny and bad government, the price is in your hand, and let no part of the Nation be wronged for want of a Representative.

And here now we desire your publike Preachers, that say, they preach the righteous law, to consider these questions, which confirms us in the peace of our hearts, that we that are the common people born in England, ought to improve the Commons, as we have declared, for a publike Treasury and livelihood, and that those that hinder us are rebels to their Maker, and enemies to the Creation.

First, we demand I or No, whether the earth with her fruits, was made to be bought and sold from one to another? and whether one part of mankind was made a Lord of the land, and another part a servant, by the law of Creation before the fall?

I affirm, (and I challenge you to disprove) that the earth was made to be a common Treasury of livelihood for all, without respect of persons, and was not made to be bought and sold: And that mankind in all his branches, is the lord over the Beasts, Birds, Fishes, and the Earth, and was not made to acknowledge any of his owne kind to be his teacher and ruler, but the spirit of righteousness only his Maker, and to walk in his light, and so to

B 2

. live

[10]
live in peace, and this being a truth, as it is, then none ought to be Lords or Landlords over another, but the earth is free for every son and daughter of mankind, to live free upon.

This question is not to be answered by any text of Scripture, or example since the fall, but the answer is to be given in the light of it self, which is the law of righteousness, or that Word of God that was in the beginning, which dwells in mans heart, and by which he was made, even the pure law of creation, unto which the creation is to be restored.

Before the fall, Adam, or the Man did dresse the garden, or the earth, in love, freedom, and righteousness, which was his rest and peace: But when covetousness began to rise up in him, to kill the power of love and freedom in him, and so made him (mankind) to set himself one man above another, as Cain lifted up himself above Abel, which was but the outward declaration of the two powers that strive in the man Adams heart; and when he consented to that serpent's covetousness, then he fell from righteousness, was cursed, and was sent into the earth to eat his bread in sorrow: And from that time began particular propriety to grow in one man over another; and the sword brought in propriety, and holds it up, which is no other but the power of angry covetousness: For, Cain killed Abel, because Abels principles, or religion, was contrary to his. And the power of the sword is still Cain killing Abel, lifting up one man still above another. But Abel shall not always be slain, nor always lie under the bondage of Cains cursed propriety, for he must rise: And that Abel of old was but a type of Christ, that is now rising up to restore all things from bondage.

2. I demand, whether all wars, blood-shed, and misery came not upon the Creation, when one man endeavoured to be a lord over another, and to claime propriety in the earth one above another? your Scripture will prove this sufficiently to be true. And whether this misery shall not remove (and not till then) when all the branches of mankind shall look upon themselves as one man, and upon the earth as a common Treasury to all, without respecting persons, every one acknowledging the law of righteousness in them and over them, and walking in his light purely? then cast away your buying and selling the earth, with
her

[11]
mans Laws makes these two sorts of people, the Antichristian task-masters over the common people. The one forcing the people to give them rent for the earth, and to work for hire for them. The other which is the Clergy, that force a maintenance of tithes from the people; a practise which Christ, the Apostles and Prophets never walked in; therefore surely you are the false Christs, and false Prophets, that are risen up in these latter daies.

Thus I have declared to you, and to all in the whole world, what that power of life is, that is in me. And knowing that the Spirit of righteousness does appear in many in this Land, I desire all of you seriously in love and humility, to consider of this business of publike community, which I am carried forth in the power of love, and clear light of universall righteousness, to advance as much as I can; and I can do no other, the Law of love in my heart does so constrain me, by reason whereof I am called fool, mad man, and have many slanderous reports cast upon me, and meet with much fury from some covetous people, under all which my spirit is made patient, & is guarded with joy and peace: I hate none, I love all, I delight to see every one live comfortably. I would have none live in poverty, straits or sorrows; therefore if you find any selfishness in this work, or discover any thing that is destructive to the whole Creation, that you would open your hearts as freely to me in declaring my weakness to me, as I have been open-hearted in declaring that which I find and feel much life and strength in. But if you see righteousness in it, and that it holds forth the strength of universall love to all without respect to persons, so that our Creator is honored in the work of his hand, then own it, and justifie it, and let the power of love, have his freedom and glory.

Ferrard Winstanly.

[11]
her fruits, it is unrighteous, it lifts up one above another, it makes one man oppress another, and is the burthen of the Creation.

3. Whether the work of restoration lies not in removing covetousness, casting that Serpent out of heaven, (mankind) and making man to live in the light of righteousness, not in words only, as Preachers do, but in action, whereby the Creation shines in glory? I affirm it.

4. Whether is the King of righteousness a respecter of persons yea, or no? If you say no, then who makes this difference, that the elder brother shall be lord of the land, and the younger brother a slave and beggar? I affirm, it was and is covetousness, since the fall, not the King of righteousness before the fall, that made that difference; therefore if you will be Preachers, hold forth the law of righteousness purely, and not the confused law of covetousness, which is the murder: the law of righteousness would have every one to enjoy the benefit of his creation, that is, to have food and rayment by his labour freely in the land of his nativity, but covetousness will have none to live free, but he that hath the strongest arme of flesh; all others must be servants.

5. Whether a man can have true peace by walking in the Law of covetousness and self, as generally all do, or by walking in the Law of universall righteousness, doing as he would be done by? I affirm there is no true peace, till men talk lesse, and live more actually in the power of universall righteousness. Then you Preachers, lay aside your multitude of words, and your selfish doctrines, for you confound and exclude the people.

6. Whether does the King of righteousness bid you love or hate your enemies, if you say love them, then I demand of you, why do some of you in your Pulpits, and elsewhere, stir up the people to bear, to imprison, put to death or banish, or not to buy and sell with those that endeavour to restore the earth to a common treasury again? surely at the worst, you can make them but your enemies; therefore love them, win them by love, do not hate them, they do not hate you.

7. Whether it be not a great breach of the Nationall Covenant, to give two sorts of people their freedom, that is, Gentry and Clergy, and deny it to the rest? I affirm it is a high breach, for
mans

[13]
THE Reformation that England now is to endeavour, is not to remove the Norman Yoke only, and to bring us back to be governed by those Laws that were before William the Conqueror came in, as if that were the rule or mark we aime at: No, that is not it; but the Reformation is according to the Word of God, and that is the pure Law of righteousness before the fall, which made all things, unto which all things are to be restored: and he that endeavours not that, is a Covenant-breaker.

This Letter with the Questions were delivered by the Authors own hand to the Generall, and the chief Officers, and they very mildly promised they would read it, and consider of it.

FINIS.

Anexo D: "The Saints Paradise", Gerrard Winstanley, 1648.

was, and so walking by imagination, I worshipped that devill, and called him God; by reason whereof my comforts were often shak'n to picces, and at last it was shew'd to me, That while I builded upon any words or writings of other men, or while I looked after a God without me, I did but build upon the sand, and as yet I knew not the Rock.

And now know friends, That this ignorant, unsettled condition is yours at this time, though I know, that the proud King fl. sh that is in you, will be ready to speak within you, and tell you, that you do know God, and Christ, and be offended with me, because I say you know him not. I do not write any thing, as to be a teacher of you, for I know you have a teacher within your selves (which is the Spirit) and when your flesh is made subject to him, he will teach you all things, and bring all things to your remembrance, so that you shall not need to run after men for instruction, for your eyes being opened; you shall see the King of righteousness sit upon the throne within your selves, judging and condemning the unrighteousness of the flesh, filling your face with shame, and your soul with horror, though no man see, or be acquainted with your actions, or thoughts but your selves, and justifying your righteous thoughts and actions, and lead you into all wayes of truth.

And this is the Spirit, or Father, which as he made the Globe, and every creature, so he dwells in every creature, but supremely in Man; and he it is by whom every one lives, and moves, and hath his being; perfect man is the eye and face, that sees and declares the Father, and he is perfect when he is taken up into this Spirit, and lives in the light of reason; and there is no man or woman can say that the Father doth not dwell in him, for he is every where; there

Anexo E: "The Breaking of the Day of God", 1648.

well, whereas by this Ecclesiasticall power, established by deceived Magistracy, the sincere in heart that worship God in spirit and truth, according as God hath taught them and they understand, These are and have been troubled in Sessions, in courts; and punished by Fines and prisons, &c. But the loose hearted that will be of any religion, that the most is of, these have their liberty without restraint, and so Magistracy hath acted quite backwards, in punishing them that doe well, and protecting in a hypocritical liberty them that doe evil. O that our Magistrates would let Church work alone to Christ, upon whose shoulders they shall finde the Government lyes and not upon theirs; and then in the wisdom & strength of Christ, they would Govern Common-wealths in justice, love, and righteousnesse, more peaceably.

All that I shall say in conclusion is this, Wait patiently upon the Lord, let every man that loves God, endeavour, by the spirit of wisdom, meeknesse, and love to drie up *Euphrates*, even this spirit of bitterness, that like a great River hath overflowed the earth of man-kinde. For it is not revenge, prisons, fines, fightings, that will subdue a tumultuous spirit: but a soft answer, love, and meeknesse, tendernesse and justice, to doe as we would be done unto, this will appease wrath.

Prov. 15. 1
Mat. 7. 12.

When this Sun of righteousnesse and love arises in Magistrates and people, one to another, then these tumultuous national storms will cease; and not tell then. This Sunne is risen

risen in some, or else these tumultuous storms would have made it a cold and uncomfortable season before this time, this Sun will rise higher and must rise higher, and the bright shining of it will be *Englands* liberty. Well, I am very confident, that those that are very violent in spirit without double dealing, acting outwardly, what meely is in their hearts and knowledge, though for the present they are tormented even in hell night and day by that unquiet spirit; yet these shall taste and enjoy a peaceable quiet and righteous spirit, and I believe within a short time, and they shall be delivered from this serpents bondage, and Gods Kingdom shall enter into them; and when men have wearied out themselves in following their lusts, then is Gods time to take them up into his rest and liberty: This work God doth manifest in some, that are scattered up and down like a few drops of hayle before the showre fall in force: and when he works in generall, then the showre of hayl shall fall in force, and sweep away all the refuge of lyes before it. That is, plentifull discoveries of God in every man, burns up the drosse of the flesh and plentifull encrease of Saints in a Kingdom, is like a showre of hail that sweeps away all abominations, in States & Churches: and such a time as this is coming on, when the 7th Angel sounds. And I shall leave with you one scripture with which I wil conclude.

And the temple of God was opened in heaven, and there was seen in his temple, the Ark of his Testament, and there were lightnings, and voyces, and thundring, and an earth-quake, and great hail.

FINIS.

FONTES

BAILY, N. “The New Univerfal Etymological English Dictionary”. London, 1756. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=HXQSAAA-AIAAJ&pg=GBS.PT5>>. Acessado em 28 de novembro de 2016.

“Declaration of the Diggers of Warwickshire, 1607”. Disponível em: [<http://www.bl.uk/collection-items/declaration-of-the-diggers-of-warwickshire-1607>]. Acessado em 20 de novembro de 2016.

"digger, n." *OED Online*. Oxford University Press, December 2016. Web. 27 January 2017.

“Letter from the Earl of Shrewsbury on the Midland Revolt, 1607”. Disponível em: [<http://www.bl.uk/collection-items/letter-from-the-earl-of-shrewsbury-on-the-midland-revolt-1607>]. Acessado em 20 de novembro de 2016.

“Royal Proclamation concerning the Midland Revolt of 1607”. Disponível em: [<http://www.bl.uk/collection-items/royal-proclamation-concerning-the-midland-revolt-of-1607>]. Acessado em 20 de novembro de 2016.

“The Clarke Papers. Selections from the Papers of William Clarke, 1647-1649, 4 Volumes”. Disponível em: [http://oll.libertyfund.org/titles/1985#lf0617-02_head_099] Acessado em: 10/01/2017.

JOHNSON, Samuel: “A Dictionary of the English Language – 3rd edition”. Dublin, 1768. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books/reader?id=bXsCAAAAQAAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PP9>>. Acessado em 28 de novembro de 2016.

LILBURNE, John; WALWYN, William; PRINCE, Thomas; OVERTON, Richard. “An Agreement of the Free People of England”, 1º de maio de 1649. Disponível em: <<http://www.bilderberg.org/land/leveller.htm>>. Acessado em 1º de dezembro de 2016.

REFERÊNCIAS

ACHINSTEIN, Sharon. "Texts in conflict: the press and the Civil War". In: KEEBLE, N. H. (ed.). **The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

AYLMER, G. E.; WINSTANLEY, Gerrard. "England's Spirit Unfolded, or an Incouragement to take the Engagement: a newly discovered pamphlet". **Past and Present**, Oxford, n. 40, p. 3-15, 1968.

BARNARD, John. "London Publishing, 1640-1660: Crisis, Continuity and Innovation". **Book History**, Baltimore, vol. 4, p. 1-16, 2001.

BENDING, S; MCRAE, A. (ed.) **The Writing of Rural England, 1500-1800**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

BRADSTOCK, Andrew. **Radical Religion in Cromwell's England – A Concise History of the English Civil War to the End of the Commonwealth**. Londres: I. B. TAURIS, 2011.

_____. (ed.). **Winstanley and the Diggers, 1649-1999**. New York: Routledge, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Algés: Difel, 2002.

_____. **O que é um Autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CORNS, Thomas N. **A History of Seventeenth Century English Literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

_____. "Radical Pamphleteering", In: KEEBLE, N. H. (ed.). **The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CHAUÍ, Marilena. "Notas sobre Utopia". **Ciência e Cultura**, São Paulo, vol. 60, nº 1, 2008. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000500003&script=sci_arttext] Acessado em: 20/12/2016.

CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CRESSY, David. **Literacy and the Social Order – Reading and writing in Tudor and Stuart England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

DAVIS, J. C. “Gerrard Winstanley and the restoration of true magistracy”. **Past & Present**, Oxford, nº 70, p. 76-93, 1976.

_____. **Utopía y la sociedad ideal – Estudio de la literatura utópica inglesa 1516-1700**. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1985.

Declaration of the Diggers of Warwickshire, 1607. Disponível em: [<http://www.bl.uk/collection-items/declaration-of-the-diggers-of-warwickshire-1607>]. Acessado em: 20 de novembro de 2016.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELMEN, Paul. “The Theological Basis of Digger Communism”. **Church History**, Cambridge, vol. 23, nº 3, p. 207-218, 1954.

FINNEGAN, David; HESSAYON, Ariel (ed). **Varieties of Seventeenth – and Early Eighteenth – Century English Radicalism in Context**. Surrey: Ashgate Publishing Company, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Central Problems in Social Theory – Action, Structure, and Contradiction in Social Analysis**. Berkeley: University of California Press, 1979.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONNER, E. C. K. **Common Land and Inclosure**. London: Macmillan and Company, 1912.

GREEN, Ian; PETERS, Kate. “Religious publishing in England 1640-1695”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D. F. (ed) **The Cambridge History of the Book in Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GURNEY, John. **Brave Community: The Digger movement in the English Revolution**. Manchester: Manchester University Press, 2007.

_____. **Gerrard Winstanley: The Digger’s Life and Legacy**. Londres: Pluto Press, 2011.

HESSAYON, Ariel. “Early Modern Communism: The Diggers and Community of Goods”. **Journal for the Study of Radicalism**, Michigan, vol. 2, nº 2, p. 1-50, 2009.

_____. “Everard, William”. In: **Oxford Dictionary of National Biography**, Oxford University Press, 2004. Disponível em: <<http://0-www.oxforddnb.com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/article/40436>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2016.

HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O Século das Revoluções: 1603-1714**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

_____ (ed.). **Winstanley: 'The Law of Freedom' and other Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HOLSTUN, James. **Ehud's dagger: class struggle in the English revolution**. Londres: Verso, 2000.

HOWES; STOW, **The Annales, or General Chronicle of England**. Londres, 1615. Disponível em: < <http://www.bl.uk/collection-items/the-midland-revolt-in-stows-annals-of-england>>. Acessado em 20 de novembro de 2016.

HUDSON, Withrop S. "Economic and Social Thought of Gerrard Winstanley: Was he a Seventeenth-Century Marxist?" **The Journal of Modern History**, Chicago, vol. 18, nº 1, p. 1-21, 1946.

JURETIC, George. "Digger no Millenarian: The Revolutionazing of Gerrard Winstanley". **Journal of the History of Ideas**, Filadélfia, vol. 36, n. 2, pp. 263-280, 1975.

KENNEDY, Geoff. **Diggers Levellers and Agrarian Capitalism: Radical Political Thought in Seventeenth Century England**. Lexington Books, 2008.

_____. "Digger Radicalism and Agrarian Capitalism". **Historical Materialism**, Leiden, vol. 14, nº 3, p. 113-143, 2006.

KILLEEN, Kevin; SMITH, Helen; WILLIE, Rachel Judith. **The Oxford Handbook of the Bible in Early Modern England, 1530-1700**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LANDES, Richard A. (ed.). **Encyclopedia of Millennialism and Millennial Movements**. London: Routledge, 2000.

LIEBEL, Silvia. **O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII: humor, sandice e crítica social**. 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

LIMA, Verônica Calsoni. Uma narrativa da Revolução Inglesa por meio de seus impressos: George Thomason e sua Coleção (1640-1660). In: XIX Semana de História da UNESP –

História, leitura e cultura midiática, 2014, Franca, **Anais da XIX Semana de História da UNESP**. Franca: UNESP, 2014. p. 102-115.

MCDOWELL, Nicholas. **The English Radical Imagination: Culture, Religion, and Revolution, 1630-1660**. Oxford: Clarendon Press, 2003.

MINGAY, G. E. **Parliamentary Enclosure in England: an introduction to its causes, incidence and impact 1750-1850**. Londres: Longman, 1997.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. “As Reformas Religiosas na Europa Moderna: notas para um debate historiográfico”. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37, p. 130-150, Jan/Jun 2007.

PETEGORSKY, David. **Left Wing Democracy in the English Civil War: A Study of the Social Philosophy of Gerrard Winstanley**. Alan Sutton: Stroud, 1995.

RAYMOND, Joad. **Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

POCOCK, J. G. A. **The Ancient Constitution and the Feudal Law – a study of English Historical Thought in the seventeenth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SABINE, George H. (Ed.). **The Works of Gerrard Winstanley – with an appendix of documents relating to the Digger movement**. New York: Russel & Russel, 1965.

SEABERG, R. B. “The Norman Conquest and the Common Law: The Levellers and the Argument from Continuity”. **The Historical Journal**, Cambridge, vol. 24, nº 4, p. 791-806, 1981.

SHULMAN, G. **Radicalism and Reverence: the political thought of Gerrard Winstanley**. Berkley: University of California Press, 1989.

SKINNER, Quentin. **Visions of Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

SMITH, Nigel. “Gerrard Winstanley and the Literature of Revolution”. **Prose Studies**. London, vol. 22, nº 2, p. 47 – 60, 1999.

TATE, W. E. **The enclosure movement**. New York: Walker, 1967.

The Digger Archives. Disponível em: [www.diggers.org]. Acessado em 20 de dezembro de 2016

THOMAS, Keith. “Another Digger Broadside”. **Past and Present**, Oxford, n. 42, p. 57-68, 1969.

TUBB, Amos. "Independent Presses: The Politics of Print in England During the Late 1640s". **The Seventeenth Century**, Londres, vol. 27, n. 3, p. 287-312, 2013.

WEBB, Darren. "The Bitter Product of Defeat? Reflections on Winstanley's *Law of Freedom*". **Political Studies**, Sheffield, vol. 52, p. 199-215, 2004.

Wigan Diggers' Festival. Disponível em: [www.wigandiggersfestival.org]. Acessado em: 20 de dezembro de 2016.

WOOD, Andy. "History from below and early modern social history". In: HAILWOOD, Mark; WADDELL, Brodie. (eds). **The Future of History from Below: An Online Symposium**, 2013. Disponível em: [https://manyheadedmonster.wordpress.com/history-from-below/]. Acessado em 26 de maio de 2016.

WOOD, Ellen Meiksins. **A Origem do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WORDIE, J. R. "The Cronology of English Enclosure, 1500-1914". **Economic History Review**, New Jersey, vol. 36, n. 4, 1983, p. 483-505